COLLECÇÃO AFRA A 200 RÉIS

VIII

M. PINHEIRO CHAGAS

Vermelhos, Brancos e Azues

LISBOA
LIVRARIA DE CAETANO SIMÕES AFRA
180, Rua Aurea, 182

VIII

VERMELHOS, BRANCOS E AZUES

COLLECÇÃO AFRA A 200 RÉIS

VIII

M. PINHEIRO CHAGAS

Vermelhos, Brancos e Azues

LISBOA
LIVRARIA DE CAETANO SIMÕES AFRA
180, Rua Aurea, 182

Os partidos politicos da actualidade distinguem-se não já pela velha designação de monarchistas e republicanos, mas por outra que foi buscar as suas expressões ás tres côres que compõem a bandeira franceza. Quando por toda a parte se reconhece que as fórmas de governo se devem accommodar ás circumstancias, quando Thiers o orleanista póde, sem se julgar em contradicção comsigo mesmo, defender a republica conservadora, os partidos politicos devem distinguir-se, não pelas questões de fórmas, mas pelas questões de essencia.

As côres mais intensas da baudeira designam os homens dos partidos extremos: o *branco* da velha realeza bourbonica é a côr dos homens da tradição e do direito dívino, o *vermelho*, côr de sangue e de incendio, é a que adoptam os demagogos; ficou o

azul para os liberaes, para aquelles que, ou monarchistas constitucionaes ou republicanos conservadores, prestam acima de tudo um culto austero á liberdade.

Reunindo em livro a collecção de folhetins politicos, escriptos por mim n'estes ultimos annos, e em que tenho verberado egualmente *brancos* e *vermelhos*, sem deixar de fustigar muitos dos que fazem, a pretexto de politica *azul*, politica de *furta-côres*, não pude encontrar para este livro, que vem alistar-se ao lado dos *Ministros Padres e Reis*, titulo melhor do que esse que vae no frontispicio do livro, e que á sombra da bandeira tricolor agrupa os differentes partidos, que ahi se gladiam no seio da revolta sociedade actual.

OS MISSIONARIOS DE S. MIGUEL

Chegou-nos ha pouco tempo dos Açores uma noticia estranha: Bulhão Pato fôra excommungado por um d'esses padres que exercem no risonho archipelago a dictadura do fanatismo.

O facto seria apenas ridiculo, se a brutalidade e a ignorancia das populações, que se deixam dominar pela influencia nociva d'esses tribunos do catholicismo, lhe não podessem dar consequencias sérias. O povo açoriano tomou por costume fazer-se executor das sentenças promulgadas pelos reverendos, e demonstrar a cacete e a murro secco o ardor da sua fé e a sua evangelica piedade.

Aonde se foram refugiar os sentimentos religiosos? Nos Açores. Essas ilhas volcanicas, isoladas no meio do Oceano, estão fadadas para serem o asylo da religião militante, que se julgava extincta para sempre com a abolição dos hospitalarios de Malta, e que, no anno de 1868, refloresce com renovado vigor não já n'uma ilha do Mediterraneo, mas n'um archipelago do Atlantico.

Segundo parece, o catholicismo sentiu-se agora

inflammado por guerreiros brios. Depois de se ter proclamado por algum tempo martyr e victima dos ruins propositos dos liberaes, arregaça finalmente as mangas, e dispõe-se a luctar com as féras do amphitheatro.

Honra á guerreira phalange! Honra ao esforçado exercito dos roupetas, que não teme affrontar em Roma as blusas vermelhas dos garibaldinos, e que nos Açores se dispõe a fazer em frangalhos as casacas dos impios do continente!

Pio IX em Roma illustra os ultimos annos da sua vida, preparando-se para uma gloriosa defesa. Agora, que o decorrer da edade o aproxima do céo, do céo recebe a inspiração de enviar aos seus inimigos a benção apostolica em fórma conica, bençãos que o vulgo chama balas, e que as espingardas Remington despedem com incomparavel velocidade.

Pelas ultimas noticias, consta que houve conselho no céo para se decidir com qual das espingardas, Chassepot ou Remington, se devia defender o vigario de Christo na terra. Optava pelas Chassepot, como tendo já provado bem, o archanjo S. Miguel, que em tempo foi, como é geralmente sabido, commandante d'aquella artilheria que fulminou Satanaz, e de que Milton nos dá curiosa relação no seu *Paraizo Perdido*. Apezar do voto de pessoa tão authorisada, S. Pedro preferiu as espingardas Remington, como mais baratas, e assim o communicou ao herdeiro do seu solio pontifical.

Fervet opus em Roma. O successor de S. Pedro, mais feliz do que o beatifico fundador do pontificado, desembainha a espada, e d'esta vez é que nem Christo lhe vale, Malcho Giuseppe Garibaldi não só fica sem orelhas, mas até mesmo é natural que não escape com vida.

E tu, Christo, onde estás? «Embainha a espada, dizias tu a Pedro, quando a escolta vinha buscar-te para o martyrio. Talvez ainda hoje repitas o teu grito sublime; mas é mais rebelde o successor do apostolo: não te ouve, não te escuta, e, embraçando o broquel, entra affoitamente nas luctas sangrentas da humanidade!

Oh! quem me déra ver-te ainda uma vez, doce e pallida figura das minhas visões infantis! Ah! n'este seculo maldito, em que a poesia se desbota e morre, em que o enthusiasmo desfallece, em que succumbem as crenças, ou em que as crenças se aviltam, em que horisonte te hei de procurar, estrella radiosa e santa? D'alem o scepticismo zombador a rasgar-te a alvissima tunica; d'aqui as paixões villãs a esconderem-se com ella! Procuro o sanctuario, encontro a fortaleza. Com o coração dilacerado por estas ignotas dôres da juventude, por estas sedes sem nome, estas anciedades de amor e de enthusiasmo, volto os olhos para ti, fonte inexgotavel de caridade e de poesia, e já te não acho tambem nos profanados altares! O teu sangue fecundo, que, orvalhando a terra, a estrellava de flores, exhauriu-se na ferida ainda entre-aberta, mas d'onde corre o sôro que esterilisa e azeda! No templo, ou deserto, ou manchado, não oiço a palavra que consola, oiço o anathema que irrita! Ah! doce porto, asylo dos naufragos do mundo, que de tempestades no teu seio! Lá dentro as más paixões tambem, a confundirem as suas chammas vermelhas com as luzes tremulas do sacrario! De envolta com o incenso dos thuribulos a fetida exhalação das ambições mundanas! Silenciosa, á noite, no meio da cidade que tumultua, a egreja captiva com o seu aspecto melancholico! Poeta ou pensador, não entres, se queres levar com-

tigo a impressão suavissima do tabernaculo onde se abriga a fé! Escuta cá de fóra as notas plangentes do orgão, que jorra as suas mysticas melodias pela nave, onde resplende esse clarão, que, transluzindo das vidraças, vem alvorar docemente as sombras da espessa noite. Não entres se não queres ouvir a voz trovejante, a palavra blasphema, a acre imprecação. Não entres se não queres ver, sob as vestes do pontifice, a figura altiva do despota, envolto na chlamyde do levita o pamphletario tenebroso, por Evangelho os livros de José de Maistre, por breviario as publicações de Luiz Veuillot; não entres, se não queres ver, em logar do Calvario redemptor, o tribunal de Caiphás, ou o palacio de Herodes.

E comtudo que missão despresam os sacerdotes do Evangelho! Não vêem elles que o seculo, fatigado, exhausto, exangue, procura com anciedade um abrigo, um conforto, uma luz por onde se norteie? Não vêem como debalde procura uma crença elevada, que, sem o aviltar, o ampare? Não vêem que esse esteio sagrado teem-n'o elles na arvore da cruz, que essa luz consoladora resplandece ainda e sempre na aureola de Christo? E fazem da estrella o crepitante facho, que destroe e arraza, empunham em vez da cruz a espada, preferem em vez da consolação o anathema! Aferrados ás suas tradições antigas, fecham as portas do sanctuario á humanidade regenerada, e não querem ver banhados de luz os neophytos, em cuja intelligencia procuram condensar a tréva. Fizeram-se apostolos da sombra os herdeiros dos evangelisadores. D'onde raia uma nova aurora, vel-os-heis fugir os morcegos do catholicismo. Onde se accende uma nova luz, sentireis o rumor das suas azas procurando apagal-a. Cada conquista do progresso humano encontra-os na fren-

te como obstaculo. A tolerancia religiosa, aquella cuja historia inscreve nas suas primeiras paginas os nomes dos martyres do christianismo, acha os nomes dos sacerdotes na lista dos seus algozes. Se a Italia escravisada, erguendo-se emfim depois de largos seculos de humilhação, saúda com um grito jubiloso de desafogo o sol da independencia nacional, encontra como unica nuvem perseverante no seu limpido céo a mancha negra do pontificado. Se além a sociedade tolerante e illustrada quer permittir aos dissidentes religiosos o terem uma familia que as leis reconheçam, lá está o catholicismo protestando contra a lei que no hereje vê o homem, na familia não-catholica a associação egualmente moral e egualmente respeitavel. Os thronos oppressores teem do seu lado o altar. Apenas raia a liberdade n'um paiz, vereis fugir de lá a protectora sombra do catholicismo. A Austria despotica de Metternich é a predilecta dos papas; a Austria liberal do conde de Beust tem por inimiga Roma. Com a mão ainda manchada do sangue dos seus subditos, recebe a rainha de Hespanha a rosa d'oiro, symbolo sagrado do affecto da Egreja. Onde se derrama sangue, lá está o pontificado a abençoar os assassinos. Os bandidos de Napoles e os despotas de Madrid são egualmente os filhos bem amados da Egreja. Liberdade, tolerancia, progressos da razão humana, emancipação dos povos, santas conquistas da civilisação, auroras radiantes do mundo novo, luminosas filhas do Evangelho, ultimas consequencias das palavras de Jesus, tendes por inimigo o pontificado, e a religião por inimiga!

E assim comprehendem a sua missão! Assim querem reconquistar o seu imperio sobre as almas! Querem suspender a corrente, quando tão facil lhes

seria dirigil-a! Loucos, mil vezes loucos, que nem ao menos sabem salvar no naufragio a dignidade do seu principio.

Não sabem, e o que se passa nos Açores d'isso nos dá uma prova completa. Não os ouvis a cada passo apregoando que a liberdade é a licença, recordando os horrores da demagogia de 93, allegando a imperiosa urgencia de sustentar a authoridade como unico meio de salvar a ordem moral e social!? Ide vel-os nos Açores pôr em pratica essas salutares theorias! Ide ver os homens do principio da authoridade a agitarem as massas, a promoverem o motim! Ide ver os que tão santamente fulminam a demagogia, transformados em demagogos. Ide ver os que tão bravamente combatem as desordens do populacho, fazendo do populacho o instrumento das suas iras; os que vociferam contra a dictadura da praça publica, na praça publica dictadores; os discipulos de José de Maistre feitos facciosos! Ó sublime coherencia! Ó habilidade rara!

Habeis elles! Fizemos-lhes nós, com os nossos pavores, essa reputação, que a cada passo desmentem. Onde encontramos nós dominantes esses Machiavellos de roupeta? Nos sitios apenas, onde a ignorancia é crassa! Habeis elles, que querem combater a luz com a tréva, prolongar a noite, quando o sol brilha radiante no céo! Habeis elles, que estão a cada passo cavando mais fundo o abysmo, que separa do seu catholicismo exclusivo a civilisação tolerante! que, em vez de chamarem a si as intelligencias, tornam impossivel a um espirito esclarecido alistar-se nas suas fileiras! que não teem senão homens de partido, e não adeptos convictos! que repellem Lamennais, e acolhem Luiz Veuillot, que não fazem senão vituperar, insultar, excommungar!

que se declaram espontaneamente inimigos de todos os pensadores! que sequestram do movimento da civilisação as massas que lhes obedecem, e que não vêem a impossibilidade de manterem por muito tempo, em pleno seculo XIX, no meio da sociedade moderna, um Paraguay jesuitico. Oh! a reacção não me assusta! Quanto mais intrepidamente se defende, mais revela a sua pouca viabilidade! Póde estorcer-se ainda alguns annos; derramar na civilisação as ultimas gotas do seu veneno; mas o futuro não é d'elles, porque elles não são do futuro, são os homens do passado, e o passado não volta.

Mas o que me assusta é que essa parasita amaldiçoada enroscou-se por tal fórma nas paredes do templo, que o templo se vae alluindo com ella, e entrevejo com horror a época em que a humanidade não encontrará em torno de si senão ruinas amontoadas.

Entretanto comtudo nos paizes onde encontra a ignorancia a auxilial-a, a reacção torna-se um elemento perigoso de desordem. Estamos vendo nos Açores esse vergonhoso espectaculo. Não insistirei no que tem de ridiculo, de absurdo, de inhabil essa parodia de excommunhão fulminada contra Bulhão Pato! Não insistirei na fraqueza enorme que revelam os principios religiosos, taes como os missionarios os entendem, mostrando-se incompativeis com a elevação de espirito, a nobreza de caracter, as grandes qualidades de coração, que todos reconhecemos no cantor da *Paquita!*

O poeta dos doces amores, das suaves crenças, aquelle que tempera ás vezes a melancholica lyra com um sopro da inspiração christã de Lamartine, o vate mimoso das rusticas ermidas, das Ave Marias, das tradições legendarias é proscripto da communhão religiosa a que pertencem os padres dos

Açores. Essa communhão, qual é ella? É a catholica, dizem. É a catholica, se o catholicismo é a religião que tem por sacerdotes energumenos vociferantes, se o catholicismo é a religião da ignorancia, do fanatismo brutal, da superstição estupida, se é a religião dos motins, dos tumultos, das desordens, a religião que protege a immoralidade, que proscreve a tolerancia, que odeia a illustração, a religião emfim que repelle do seu seio como inimigos todas as intelligencias elevadas, todos os nobres corações! a religião, que excommunga Bulhão Pato, e excita as iras populares contra todos os homens da luz, todos os representantes da civilisação.

Não insistiremos em tudo isso. Sabemos só que esse catholicismo impio, de que se proclamam sustentaculos os missionarios açorianos, não se dá bem senão com as trévas, e defende a ignorancia dos seus adeptos.

> ... espumante
> como um dragão da Hesperia, em presentindo alguem
> que sonhou destruil-a.

diremos apenas que em toda a parte as leis punem os facciosos que excitam o povo á desordem, que não são mais respeitaveis os tribunos da roupeta, do que os tribunos da blusa, e que, se a liberdade permitte aos seus proprios inimigos blasphemarem d'ella, como o sol que banha de luz os mesmos que o insultam, não póde comtudo tolerar que as blasphemias se transformem em pedradas, e que os ressentimentos dos apostolos venham a ser um perigo permanente para quem passa. Preguem embora as suas venenosas doutrinas, mas tome o governo medidas hygienicas que ponham a gente de bem ao abrigo das nocivas emanações d'essas fabricas.... de caridade.

1868.

A MOBILIA DE 1870

Se o leitor imagina que os annos succedem uns aos outros sem formalidades nem comprimentos, tem, devo dizer-lh'o, uma idéa muito erronea ácerca da cortezia e da escripturação da Eternidade.

O mundo, como eu pude observar d'esta vez, viajando com a musa do folhetim pelos espaços onde estas ceremonias se realisam, é entregue em deposito, e por inventario, a cada anno, que tem obrigação de dar conta d'elle a quem o substitue, como o sargento é obrigado a entregar a mobilia da casa da guarda ao sargento que o vae render.

Era já proximo da meia noite de 31 de dezembro, quando eu pude ver de relance na casa da guarda da Eternidade, o sargento de uhlanos 1870 fazendo entrega ao sargento da guarda movel 1871.

Vestiam os dois annos o uniforme que mencionei; se o trajo alguma coisa symbolisava, não pôde adivinhal-o a minha acanhada perspicacia.

Cada traste correspondia a um governo, segundo pude deduzir do seguinte dialogo, que surprehendi.

Tinha a palavra 1870.

—Roma... Um candeeiro de dois bicos. Tem desde o mez de setembro um dos bicos partido.

—Então n'esse caso, acudiu muito depressa 1871, ponha lá no inventario «um candieiro em mau estado.»

—Engano completo, meu caro successor; é agora que elle póde dar melhor luz. Para o bico temporal e para o bico espiritual, não serve o mesmo oleo, e ou Roma tinha de alimentar a luz mundana com o azeite virgem do templo, ou via-se obrigada a servir-se do oleo fermentado das ambições terrestres para conservar sempre viva a chamma celestial. O que resultava d'ahi? Ser má uma das luzes, ou antes serem ambas mortiças. Meu amigo, ou lampada de sanctuario, ou lustre de salão regio. Ou zuavo ou sachristão. Tocar á missa com tambor e clarim sempre me pareceu historia, e *Formez vos bataillons* não acho que tenha por estribilho logico: *Et cum spiritu tuo.*

—Está bom, continue lá o inventario.

—Hespanha... Uma cadeira de palha de Italia.

—Ó amigo 1870... alto lá... alto lá... Isto primeiro que tudo é necessario muita clareza nas contas... Então a cadeira é da Hespanha ou da Italia?

—É da Hespanha, mas foi a empalhar á Italia.

—Então na Hespanha não havia quem a empalhasse?

—Ai que você é d'uma ingenuidade assombrosa! Na Hespanha caía alguem na arriosca! Quem não conhecer as cadeiras hespanholas é que as empalha. Sempre é um paiz, onde só ha uma coisa peior do que pertencer aos que são governados.... é pertencer aos que governam. Eu cá, se fosse hespanhol, o que queria ser... era... era...

—O que?
—Estrangeiro.
—Bem pensado. Vá, continue o inventario.
—Circumstancias particulares da cadeira retromencionada. É nova, mas já tem um pé de menos.
—Um pé?
—Sim senhor, o primeiro, *il primo*... ou *prim*... por uma d'essas eliminações que são muito usadas na Italia emquanto ás letras, e na Hespanha emquanto aos homens. Adiante.
—Vá que eu estou com pressa.
—Se não se der bem com esta cadeira, ha, para escolher e para empalhar, a cadeira republicana, que tem muito pouco fundo, a cadeira isabelista, cadeira de ferro, mas toda comida pela ferrugem, que um banho de sangue lhe occasionou, a cadeira carlista, que é de espaldar á moda do seculo XVIII. Está pouco em voga este feitio. Tem além d'isso a cadeira Montpensier, que uns acham burgueza de mais, outros muito senhorial, e que a ninguem agrada por não ter fórma definida.
—Siga.
—Turquia... Uma cabeça de Turco á moda das que se usam nos Tivolis para avaliar numericamente o vigor do murro de cada um.
—Para que lhe serve esse traste, amigo 1870?
—É para obsequiar os russos, pelos quaes eu lhe aconselho que tenha toda a especie de contemplações. Os russos, que vão robustecendo cada dia, sentem de vez em quando o desejo de ver em que estado teem os musculos do braço. Zás! Vão-se á Turquia, e amuchucam-lhe as ventas. A Europa cá de longe faz os seus calculos. Em 1828 ainda bastou a acção diplomatica dos diversos gabinetes para que o turbante se não enterrasse pela cabeça do tur-

co abaixo até ao Bosphoro; em 1854 já foi necessario irem lá a França, a Inglaterra e o Piemonte puxarem-lhe o turbante para cima das orelhas; ora agora, durante o seu governo, meu caro amigo e senhor 1871, parece-me que nem já lá vão; e a Turquia, se for amachucada, que se desembrulhe como puder.

—Mas então porque é que você conservou um paiz, que não é mais do que um embaraço para a Europa?

—Por causa da estatistica. A Turquia é o dynamometro da Russia, e é tambem de utilidade para a Inglaterra. Emquanto a Turquia existir, as bofetadas, que a Inglaterra tiver de levar, leva-as na cara da Turquia, o que sempre dóe menos, como o meu caro amigo 1871 facilmente imagina.

—Mas o effeito moral é o mesmo.

—Effeito moral... Que vem a ser isso?... Não tem cota conhecida no *Stock Exchange*... A Inglaterra é um paiz positivo, senhor... E uma bofetada é uma bofetada. É uma coisa que faz a cara dorida e rubra... Quando não ha dôr, não ha rubor, e *God save the queen.*

—Mas uma grande potencia...

—Uma grande potencia é uma potencia rica, senhor, e na Inglaterra o numerario abunda... Metteram os prussianos uns navios inglezes a pique no Sena? A velha Britannia rege os mares, senhor, mas desdenha os rios. A Inglaterra é alegre, senhor; e não faz má catadura por tão pouco. Foi uma brincadeira abrutada do compadre Bismark; mas esta gente do Norte tem brincadeiras brutas, e não vale zangar por isso. Aquelle Bismark é muito engraçado. Só a reinação que elle teve com a Dinamarca em 1863; rasgou-lhe a capa, ficou-lhe com

o Sleswig-Holstein; mas a Inglaterra muito se riu! É que a Inglaterra não desconfia assim por qualquer coisa. Por isso é que ella é alegre. *Rule, Britannia! Hurrah for the merry England.*

—E a proposito da Inglaterra, não temos no inventario coisa que a ella se refira?

—Temos, sim senhor... Inglaterra... Um chapeu de chuva vermelho.

—Um chapeu de chuva?

—Vermelho e enorme como todos os chapeus de chuva vermelhos. Quando se turvam os ares no continente, a Inglaterra abre o chapeu de chuva, e deixa lá cair a pancadaria! Quando se debatem as grandes questões européas, procuram todos os olhos, como é natural, a Inglaterra. Eclipsou-se detrás da bandeira de Trafalgar, desenrolada em chapeu de chuva e *Honni soit qui mal y pense.*

—Bem, apresse-se com o inventario.

—França... Um sofá de molas novas.

—Heim?

—Eu lhe conto a historia. 1869 transmittiu-me com este distico «França» uma *causeuse*, uma *dormeuse*, uma preguiceira elegantinha e voluptuosa, onde se repotreava o imperio. Entra em barulho com a Prussia, e, perna d'aqui, perna d'além, murro d'este lado, socco d'aquelle, todos julgaram que ficára para sempre o movel escangalhado. Mas eu, que bem lhe conheço a elasticidade, apenas vi o imperio no chão, fui-me ao sofá, puz-lhe molas novas e rijas, que 1792 deixára para ahi desaproveitadas a um canto, e agora, quando a Prussia se quizer refestelar, affirmo-lhe, meu caro amigo 1871, que ha de ter a mais desagradavel de todas as surprezas.

—Bem, recebi e darei contas.

—Allemanha... Uma jarra de porcelana, feita em

Sèvres, ou proximo de Sèvres, alli para as bandas de Versailles. Tem no bojo o seguinte distico: «Imperio allemão—*Très fragile.*»

—Muito fragil, porque?

—Porque foi amassada com sangue, e o sangue é um pessimo cimento para as jarras e para os imperios.

Chegára o inventario a este ponto, quando a musa do folhetim, que em torno de mim pairava, sacudiu-me e disse-me:

—É tempo de nos irmos embora.

—O quê! musa, tornei eu afflictissimo, não me deixas ouvir o resto do inventario, quando ainda vem longe a meia-noite, quando ainda 1870 não entregou a 1871 a minha querida patria?

—É por isso mesmo que te não deixo estar. Eu sou a musa do folhetim pacato, e não quero ser ecco de maledicencias caseiras. Tu sabes que 1870 não é deputado da maioria, e não tem por isso obrigação de julgar que este governo é bom, que o passado tambem não era mau, e que o anterior não deixava de ter as suas boas qualidades. Eu bem sei que em Portugal caminha tudo optimamente no melhor dos mundos possiveis; mas póde ser 1870 de uma opinião diversa, e não quero que tu, repetindo-a, perturbes a beatifica tranquillidade dos teus leitores.

E arrastou-me.

O vento porém soprava do lado d'onde partiamos, e eu pude ouvir, já de longe, vagamente, estas palavras, que 1870 proferia:

—Portugal... Leito que está muito longe de ser de pluma, porém onde se dorme que é um regalo.

1871.

A PRIMAVERA DE 1871

Não pensavamos n'ella; seguiamos com olhar melancholico a luta fratricida que se trava em torno de Paris, prescrutavamos com anciedade o horisonte sombrio da Europa, e perguntavamos a nós mesmos aonde iria parar, quando a tempestade revolvesse profundamente os mares, este pobre galeão sem leme que se chama Portugal... eis que de subito povôa-se de melodias e de fragrancias a tépida atmosphera, vestem-se de purpura as roseiras, ondeiam a sabor da viração dulcissima as verdejantes umbellas dos arvoredos, doidejam nos jardins as irrequietas borboletas, ensaiam com mais cuidado os rouxinoes os seus trillos desde que teem a temer a concurrencia da Harris, sacodem as olaias a sua corôa de flôres escarlates, toucam-se de perfumada neve a larangeira e a amendoeira; o céo desnublado ostenta o seu purissimo azul, o sol tira do guarda-roupa o manto de oiro dos dias grandes, a lua desdobra, sem receio de que as chuvas lh'o molhem, o seu veu diaphano, e eu, ao sentir ferver dentro do

mim o seiscentismo que estão vendo, brado logo: Não ha que duvidar, é a primavera.

A primavera! O quê! Pois voltaste á Europa, tu a deusa do amor, da paz e da harmonia! tu que és a vida, o calor, a mocidade e a esperança! tu que envolves a terra n'um manto immenso de flores, que povôas de ninhos gorgeiantes a ramaria das arvores, que vestes de verde tunica as melancholicas ruinas, que enlaças amorosamente com a hera as estatuas poeticamente mutiladas pela mão do tempo! tu que amas os horisontes puros, e as paizagens tranquillas, e os rostos descuidosos e serenos! tu que abrias com chave de oiro as portas das cidades e dizias á multidão agglomerada: Vinde, vinde ver como eu enfeitei o tabernaculo dos campos! como estão floridos os altares! que oloroso incenso se exhala dos thuribulos multicôres que a viração baloiça! Como estão afinados os orgãos melancholicos dos pinheiraes! e os meus plumosos cantores, os meus concertistas voejantes, aprenderam novas musicas, e vão entoar um Alleluia soberbissimo! Os cirios das estrellas estão mais fulgurantes este anno! Eu disse aos archanjos encarregados da illuminação celeste que lá na terra as egrejas metteram gaz, e que é necessario não nos deixarmos desbancar pelo hydrogenio. E os archanjos fizeram maravilhas! E os pyrilampos desfazem-se em scintillações! E a lua embebe-se toda no esplendor solar e entorna sobre as campinas uma torrente de pallida luz! Vinde ver! Vinde ver!

E as cidades arrojavam em turbilhão para os campos os seus habitantes em chusma. E era tudo alegria, e amor, e vivacidade. E os risos das creanças desafiavam os gorgeios das aves! E o olhar das mulheres competia com o luzir das estrellas! E er-

guia-se de toda a natureza um hymno immenso de gratidão ao Omnipotente!

Mas este anno confesso que não contava com a tua volta; porque, se me não illudo, tu, primavera, és de raça latina, e estás portanto condemnada a desapparecer do mundo; tu a deusa do céo transparente e das limpidas aguas, tu que nasceste em berço de larangeiras, tu que dormes como Titania no calice das opulentas rosas do meio dia, tu que fluctuaste enlaçada com Venus sobre as espumas do mar Jonio, tu que ouviste com delicias as harmonias de Theocrito, tu que és virgiliana, tu que, na tua doce Italia, fazes desabrochar com o teu bafejo tepido esse immenso enxame de musicas suaves, desde Palestrina até Donizetti ou Bellini, tu que murmuraste ao ouvido de Castilho, na sombra que o envolve, as vagas melodias que elle escutava sorrindo, e que depois traduziu na sua lyra immortal, tu que amas tambem *ce charmant pays de France*, d'onde partiu a suave Maria Stuart com lagrimas na voz, o luto no coração, e na mente a sombria visão do cadafalso de Fotheringay, tu que foste franceza-provençal na edade media, e que envolves hoje ainda na tua immortal frescura, na tua eterna juventude, o genio de Victor Hugo, e o risonho espirito de Auber, tu que és nossa emfim, confesso que julguei que tinhas capitulado tambem, que havias entregado as armas ao triste inverno germanico, e que estavamos condemnados a neve e bruma, á brisa acre e gélida cantando tristemente nos frios corredores as lendas do Natal, e que passariamos o resto da nossa vida n'uma atmosphera de contos de Hoffmann e nas relações mais intimas com os casacos de pelles e as meias de lã.

Mas vieste emfim! Não te acobardaram os lutos,

o sangue e as ruinas, e as preoccupações dos que não entraram na grande peleja, mas que sentiram que n'ella tambem se estavam agitando os seus destinos! Voltaste, e talvez, olympicamente indifferente, não fizesses mais do que nutrir a relva e as raizes das flores com o adubo dos cadaveres, e transformar em seiva o sangue que inundou os campos devastados! Mas voltariam comtigo as andorinhas? Ah! se voltaram, que terrivel desillusão as espera! Estavam ha muito deshabituadas de ir a Hespanha, onde tudo andava sempre tão revolto que nunca uma andorinha podia contar com sitio certo onde fizesse o ninho. Este anno, se vão a França, encontrarão por acaso ainda no seu logar o beiral do telhado seu antigo conhecido? Estará ainda de pé o velho muro da egreja, onde descançavam da sua longa viagem, e contavam umas ás outras, no seu papear, os incidentes do itinerario? E não será muito facil que se enganem com as novas divisões geographicas, e que, julgando-se em terra franceza, vão construir o seu ninho nos dominios de algum mocho de capacete que lhes imponha uma contribuição de guerra? Pobres andorinhas, como se hão de ver desorientadas no meio d'esta confusão de bombas que vôam de companhia com ellas, e de telhados que se abysmam, e de ruinas que se amontoam, e de florestas que desappareceram, e de aldeias-esqueletos, onde ficou estampado o negro estygma do incendio!

E devo confessar tambem que, se as andorinhas me pedissem a minha opinião, eu não lhes aconselhava que viessem para Portugal. Não é favoravel o ensejo; a sua industria de fabricantes de ninhos é digna de admiração, mas tambem por isso é digna de ser agremiada ahi na terceira classe pelo menos.

Dizem que o poder de Deus se manifesta muito maior no infinitamente pequeno, do que no infinitamente grande... é tambem o que succede ás contribuições; é no infinitamente pequeno que ellas se manifestam maiores. A Providencia não esquece um atomo; é o que tambem fazem as providencias fiscaes. E o pequeno Eliacim de Racine, se em vez de ser uma especie de sachristão no templo de Jerusalem, fosse marçano em Lisboa, podia dizer devotamente do fisco portuguez:

> Aux petits des oiseaux il *ôte* la pâture
> Et *son budget* s'étend sur toute la nature.

Cautella com o orçamento portuguez, ó meigas andorinhas!

Debalde as aconselho! Em a primavera assomando, nada ha que as impeça de virem no seu cortejo, banhando com delicias a aza infatigavel no vasto azul do céo.. São como os poetas que, por menos propicia que seja a época á poesia, por maior indifferença que os seus cantos encontrem, hão de por força erguer a voz melodiosa. Ninguem dirá que os homens de 1871 estejam muito dispostos a deliciarem-se com os devaneios da poesia, e comtudo Bulhão Pato borda sobre os suaves modilhos da musa popular umas amenissimas variações, que são, como as de Paganini sobre o motivo scintillante do Carnaval de Veneza, uns echos admiraveis e fidelissimos comtudo da melancholica inspiração do povo; Eduardo Vidal sanctifica o martyrio d'uma nação, e fustiga a tyrannia da força com o fremente alexandrino do seu *Ave Popule*, de que elle ainda hontem me dizia em voz baixa e commovida uns admiraveis trechos, e que Emilia das Neves decerto recitou magnificamente; Simões Dias, um novo e ro-

bustissimo talento, suspira ao som do bandolim de D. Juan as suas voluptuosas e magnificas *Peninsulares*, doidejantes como um bolero, e melancholicas como um descante em noite de luar á beira do Mondego; e ha pouco ainda o sr. Guilherme de Azevedo me enviou as suas *Radiações da noite*, que revelam a um tempo um pensador e um poeta, que sabe encontrar as notas da ironia amarga e flagelladora nos *Abutres*, e borboletear com a musa de Musset na graciosa poesia a que podiamos chamar *Anjo e Demonio;* e logo depois recebi do sr. Gonçalves Crespo um delicioso volume de originalissimas *Miniaturas*, miniaturas um pouco pagãs, mas admiravelmente coloridas, miniaturas como Theophilo Gautier as adora, e que nos surprehendem, mostrando-nos um principiante empunhando com felicidade uma palheta de mestre, e outros, de que hei-de fallar (como dos que rapidamente menciono agora) em mais detido estudo.

Não é pois esteril em poetas, como por momentos se póde receiar, a nova geração que surge, mas permittam-me, antes de fechar o folhetim, que ainda lhes falle n'um, cuja modestia rara teima em esconder na sombra um dos mais delicados talentos que tenho encontrado. Chama-se Fernando Caldeira; sacrificou já nas aras da politica, e emfim não vou jurar que elle de vez em quando não acuda á faina n'este baixel que faz agua por todos os lados; mas o que affirmo é que é deveras poeta, não poeta de convenção e de arte fria e forçada, como parecem ser infelizmente alguns dos que surgem agora, mas poeta espontaneo, que não procurou a inspiração, mas que um dia sentiu em si a agitação febril de que falla Horacio, e que não póde deixar de traduzir, em versos cheios de calor e de sentimento, o

mundo de idéas que lhe refervia na mente. Alma harmoniosa e expansiva procurava exprimir-se nas duas linguagens divinas, que os espiritos escolhidos reservaram para si, que o vulgo percebe e não falla, e que são a poesia e a musica.

Porque é musico e poeta este escriptor, que se obstina em não querer para confidente o publico, é musico e poeta, e a melodia e o verso, em que o seu pensamento se retrata, saem-lhe por tal fórma enlaçados, que não se sabe qual d'essas duas linguagens, que elle advinhou, primeiro lhe serviu para formular as suas idéas.

Talento original, mimoso, e sobretudo espontaneo, o sr. Fernando Caldeira ha de surprehender com o seu livro de versos os leitores, que não estão muito costumados a sentirem repercutir-se-lhes no coração o echo sympathico do sentir do vate. Queira Deus que estas minhas palavras o forcem a apresentar-se, e a fazer ouvir n'esta época, em que o materialismo vae corroendo a propria poesia, os hymnos que partem do fundo d'alma, os canticos onde transluzem as aspirações do poeta ao ideal e ao bom.

1871.

A DEMOLIÇÃO DA COLUMNA VENDOME

Entre as noticias surprehendentes, a que o telegrapho já nos vae costumando, houve uma que nos produziu um espanto mais profundo. A communa de Paris decretára a demolição da columna Vendôme!

Deviamos esperal-o comtudo. As velhas glorias da França hão de incommodar por força aquelles que só procuram aviltal-a. Essa epopéa fundida em bronze, sobre a qual como que ainda paira a sombra immensa das azas de Victoria, não póde misturar a sua voz sonora e grave com os gritos discordantes de uma insurreição sem grandeza. Elles, que vem de novo macular a historia do seu paiz com essa lama ensanguentada de junho de 1848, que, fecundada pela anarchia, produziu o segundo imperio, pequeno como as mesquinhas paixões que o tornaram inevitavel, não podem ver de boamente um monumento que lhes attesta que, para fascinar seus paes, para lhes desviar os olhos da estrella da liberdade, que por quinze annos se eclipsou, foi neces-

sario que raiasse, no horisonte da sua patria, o sol da mais esplendida gloria que tem illuminado os annaes de uma nação.

Um dia essa forte geração de 1789 despertou de subito ao brado de liberdade. Com uma das mãos desarraigou do solo os alicerces da Bastilha, a cidadella do despotismo, com a outra arrojou ao mundo o codigo altivo dos direitos do homem. Então todas as tyrannias pavidas se conjuraram contra o povo, que ousára soltar o grito de alvorada no meio da noite espessa que ellas procuravam fazer na Europa. Arremessaram-se exercitos sobre exercitos contra a revolta França; mas encontraram-n'a toda de pé e armada para repellir a invasão. A liberdade fecundára o solo sagrado, d'onde brotou uma esplendida messe de intelligencias e de dedicações. Então começa uma larga epopéa de prodigiosas victorias; mas a victoria é um vinho capitoso que entontece e inebria. As legiões, que a liberdade guiára primeiro na sua bellicosa peregrinação, quasi que nem repararam que o seu vulto a pouco e pouco se esvaía, e que, entre o esvoaçar das bandeiras, fluctuava apenas a imagem seductora da Gloria. É que tambem esta se incarnára n'um vulto excepcional, n'um d'estes homens que parecem ter roubado, como Prometheu, uma scentelha do fogo da omnipotencia, n'uma d'estas figuras epicas como as devaneia Homero, como as encontrou Camões. Era um general pallido e de compridos cabellos, tendo no olhar a chamma que domina e abraza os espiritos, tendo a palavra eloquente e breve, a phantasia ardente, e o genio illimitado. Era Bonaparte, o poeta dos campos de batalha, o fervido sonhador de ignotas maravilhas. Na sua carreira vertiginosa atravessou a Italia deixando na sua passagem um immenso rasto de victorias,

depois, sonhando o Oriente, foi encarar nos areaes do Egypto os quarenta seculos que fluctuam sobre as pyramides dos Pharaós, depois rasgou atravez dos Alpes uma vereda portentosa para as suas intrepidas cohortes, debruçado sobre o Oceano, tentou affoito prolongar por sobre as ondas irrequietas a sua estrada triumphal, depois, cravando os olhos na Allemanha que se agitava, arrojou de subito sobre ella a torrente irresistivel dos seus soldados, percorreu-a d'Ulm a Austerlitz, desde Iena até Eylau, depois, levantando ás braçadas d'estes innumeros campos de batalha os canhões abandonados pelo inimigo, arrojou-os á fornalha ardente, e bradou-lhes: Transformai-vos em monumento: que a brisa dos seculos, ao fenecer na vossa espiral de bronze, acorde n'essa eterna lyra o echo de cem victorias.

E a columna ergueu-se não symbolisando o orgulho do despotismo, mas encerrando em si, resguardando, apregoando a gloria de uma geração, a geração dos fortes, não lembrando a historia d'um reinado, mas desenrolando nas suas paginas de bronze um dos cantos da epopéa da França; não encimada pelo vulto do imperador, mas pela figura familiar e pensativa do grande general, do homem de genio, d'um d'esses vultos, beneficos ou fataes, mas que são incontestavelmente o orgulho da humanidade, d'uma d'essas figuras, que tanto nos deslumbram, que involuntariamente lhes dizemos como Lamartine:

> Qui sait si le génie
> N'est pas une de vos vertus?

E o poeta, liberal como Victor Hugo, mas patriota como elle, que, sem querer resuscitar o passado, conserva comtudo na alma enthusiastica o fer-

vido culto das nobres tradições, o poeta republicano, o poeta livre pensador, vendo erguerem-se em Paris esses tres monumentos onde canta ainda a voz das glorias extinctas, e dos remotos tempos, Notre-Dame onde a edade média lavrou as suas mysticas lendas, e legou aos seculos vindouros a confidencia das suas vagas aspirações, a columna Vendôme, e o Arco da Estrella, essas duas paginas soltas d'um grandioso livro, devaneia-os nas edades futuras, sobrevivendo ás ruinas de tudo o que os cerca, e brada ao Arco Triumphal:

Tu salûras là bas cette eglise si vieille,
Cette colonne altiére au nom toujours accru,
Debout peut-être encore, ou tombée et pareille
Au clairon monstrueux d'un Titan disparu.

Et sur ces deux débris, que les destins rassemblent,
Pour toi l'aube fera resplendir á la fois
Deux signes triomphants, qui de loin se ressemblent:
De prés l'un est un glaive, et l'autre est une croix.

Sur vous trois poseront mille ans de notre France.
La colonne est le chant d'un régne á peine ouvert;
C'est toi qui finiras l'hymne qu'elle commence.
Elle dit: Austerlitz! tu diras: Champaubert!

Ah! como hão de elles comprehender a gloria, elles que não comprehendem a liberdade! Como hão de elles sentir, com o poeta, esta febre ardente, que a nós, portuguezes, nos faz pulsar com mais força o sangue nas veias quando, ao passarmos por diante da Batalha, ao descobrirmos a fronte na silenciosa nave de Belem, entre os columnelos esguios, que banha frouxamente a luz multicor das altas vidraças, vêmos com os olhos da phantasia erguerem-se do tumulo as gerações extinctas que tão nobres me-

morias nos legaram, como hão de elles conhecer esse fervido sentimento, que agitava a alma de Victor Hugo, do poeta dos *Chatiments*, se elles nem tem lagrimas para as desventuras actuaes da sua patria, se elles ouvem com indifferença os gritos dos seus irmãos sacrificados, e, emquanto o inimigo calca aos pés, orgulhoso e sarcastico, a terra generosa da França, pensam apenas nas suas pequenas ambições, nos seus interesses egoistas, e tingem com o sangue dos seus irmãos a bandeira da liberdade, para a transformarem no rubro estandarte do despotismo demagogico?! E a Alsacia geme captiva, banha com lagrimas de desespero os seus grilhões de prisioneira. Que importa! Aproveite-se para o saque, para a orgia este momento angustioso! Imponha-se, em nome da liberdade, um ferreo jugo ao pensamento e á consciencia! Imite-se Catilina que Cesar não está longe talvez!

E, emquanto dilaceram o seio da mãe patria, emquanto pretendem impôr á França inteira, que anceia pela liberdade em todas as suas manifestações, as maximas imperiosamente subversivas do communismo, estes eximios patriotas só manifestam pelo inimigo a mais humilde deferencia. Os homens de 31 de outubro, os homens da defeza a todo o transe, os homens que protestaram contra qualquer transacção, agora estariam dispostos a comprar com mais umas poucas de provincias a condescendencia do inimigo. Que lhes importa que se prolongue a occupação prussiana, se elles a troco d'isso conseguirem empolgar o poder supremo, para ensinarem á França a chicote, Bismarks do proletariado, o caminho da ventura. Foi com a espingarda Dreyse que o grande ministro prussiano ensinou á Allemanha o modo mais simples de effectuar a sua unida-

de; as metralhadoras são os professores de economia politica dos membros francezes da *Internacional*. Para poderem exercer esse poder discricionario em metade da França, sacrificariam de bom grado a outra metade, e, se conseguissem demolir a columna Vendôme, offerecel-a-iam talvez aos prussianos, como um presente de boa amisade para lhes captivarem a sympathia. Destruam-n'a, é justo, afinem todo o passado do seu paiz por este momento vergonhoso, e, para que tudo seja opprobrio, demolindo esse monumento de velhas glorias, apaguem na historia da França o nome de Iena, e deixem ficar apenas Sedan.

O INCENDIO DE PARIS

Por mais que o espirito do folhetinista procure preoccupar-se com os frivolos acontecimentos, que lhe dão assumpto habitual, as noticias telegraphicas dominam-lhe a attenção, o espectro de Paris em chammas vem povoar-lhe a phantasia.

Que poeta, ainda que se chame Eschylo ou Shakespeare, póde conceber scenas que rivalisem em tragico horror com essas, que os telegrammas nos contam com a sua sinistra concisão, e com uma impassibilidade que os leva a collocarem ao lado da noticia do incendio de Paris a importante participação de se chamar *Zephyro* o cavallo, que alcançou o premio nas corridas de Derby? Que melodrama póde equiparar-se a esse que se representa nas ruas de Paris, á luz das Tulherias abrazadas, entre gritos de raiva e de desespero, ao som das explosões e das descargas, entre as nuvens de fumo, que se evolvem da cidade em fogo, e vão turvar o azul purissimo d'um céo de primavera, como estes actos de infrene selvajaria turvam e mancham a aurora da nova liberdade?

O quê! Pois é possivel! Paris a cidade, que a Europa inteira amava, a cidade historica, a cidade do pensamento, a cidade que Meyerbeer preferiu á sua dogmatica Berlim, e Rossini á sua dulcissima Italia, a cidade a que chamava Carlos V um mundo, que Richardson, Hume e Sterne deixavam com um suspiro para voltarem á sua brumosa patria, a cidade cuja atmosphera Gœthe julgava sufficiente para que sazonassem n'ella mais depressa os fructos da intelligencia humana, a cidade que Victor Hugo adorava quasi com supersticioso amor, tentaram apagal-a da face do globo esses sicarios furiosos, que brotaram da lama sangrenta de Paris, fecundada pela depravação do segundo imperio!

Paris, o palco predestinado dos grandes dramas da historia, tinha visto comtudo passar até hoje os motins e as revoluções, sem que o sopro da guerra civil lhe manchasse a bellesa. A grande revolução desarraigára-lhe a Bastilha do solo que profanava, e, apagando esse estygma sombrio, esse ferrete de escrava que o despotismo lhe estampára na fronte, fizera-a mais bella ainda, deixára-lhe respirar mais desaffogadamente o ar purissimo da liberdade. A esse livro, que se desenrolava cortado pela fita azul do Sena, cada novo acontecimento, que agitava a França e se ia repercutir na Europa, accrescentava uma pagina, e, rica de tradições gloriosas, ufana com a sua formosura, Paris mirava nas aguas do rio a sua fronte constellada de monumentos. Veiu emfim essa horda de bandidos sem patria, sem lei, sem consciencia, e, depois de a ter violado e aviltado, arroja-lhe, fugindo, o facho do incendio, destroe, logo que não soube edificar, queima o templo que profanou, e lega á historia estas duas palavras em que os seus principios se resumem: Devastação e ruina.

E arde Paris! Transformados em fachos immensos, os monumentos, que a embellesavam, illuminam com sinistras labaredas a scena mais lugubre de que ha noticia na historia. Todos os flagellos da guerra civil pairam, entre os espessos turbilhões de fumo, sobre a desgraçada cidade. Acordam as más paixões nos seus mais impios desregramentos; os crimes infamissimos provocam a repressão violenta; a sanha dos bandidos excita a colera dos soldados; o sangue chama o sangue; á explosão responde o troar da artilheria; o crepitar do incendio desperta a voz estridente da metralhadora. Correm vermelhas as aguas do Sena, alastram cadaveres as ruas, as bombas de oleo inflammado trazem no seio o incendio, e, por entre as casas arruinadas, por entre os tectos que desabam, continúa a luta fratricida, implacavel como todas as guerras entre irmãos, louca, infrene, selvagem, desesperada como succede sempre n'estas pugnas quasi corpo a corpo, quando o prazer ferocissimo de matar exalta e entontece as imaginações, quando o horror da carnificina inflamma as coragens menos verdadeiras, quando a febre do sangue precipita as pulsações, quando os instinctos da fera despertam no homem, e lhe mostram tudo vermelho, e lhe dão a voz rouca, e os olhos injectados, e os labios espumantes, quando chega emfim esse instante supremo, em que se póde ser egualmente heroe ou assassino, conforme fôr santa ou infame a causa que pôz as armas n'essas mãos já convulsas, que as empunham com selvatico deleite.

E passa o dia, e vem a noite estrellada, tepida, fragrante, e contínua a elevar-se da grande cidade esse rumor confuso, esse hymno horroroso de morte e de ruina, e o panorama de Paris lugubremente o illuminam as chammas dos monumentos, e os relam-

pagos da fuzilaria cortam as trevas, e imprecações, gritos de raiva, clamores de vingança, choro de mulheres, gemidos dos moribundos confundem-se n'um murmurio unico, a um tempo plangente e horrisono, que vae ao longe, muito ao longe, casar a sua nota discordante com as melodias da primavera, com o suspirar da brisa nos roseiraes em flôr, com o melancholico modilho do rouxinol, que pára um momento, escuta vagamente esse echo de maldição e de blasphemia, e volta a requebrar-se em apaixonados gorgeios que as estrellas escutam com enlevo, emquanto os seus tremulos reflexos vacillam no espelho cambiante das aguas d'um lago placido e azulado!

E a Europa escuta com espanto, e os apostolos da reacção, os seides das velhas tyrannias, os cortezãos dos vetustos despotismos esfregam as mãos sorrindo, e bradam: «Ahi tendes, ahi tendes o que é a liberdade!» A liberdade! Insensata profanação de tão sagrado nome! Não, não é a liberdade, é ainda outra fórma do despotismo, é uma nova tyrannia! Que importa que seja a aristocracia, ou a plebe que requeira para si privilegios oppressores? Que importa que seja a fórma, por onde se manifeste o despotismo, ou a oligarchia ou a demagogia? Que importa que n'estas republicas á veneziana sejam os patricios ou os plebeus os que se inscrevam no livro de ouro, que seja o Conselho dos Dez ou a Communa que promulgue as leis inquisitoriaes? Sceptro d'ouro, ou vara de ferro, o jugo que impõem é egualmente oppressivo!

Não; a liberdade, como a entenderam e proclamaram os homens de 1789, como hoje a entendem Thiers e os homens sensatos do grupo que o rodeia, tem por caracteristicos principaes a tolerancia e a

manutenção do direito em qualquer parte que esteja. Essa, como é luz, não póde produzir treva, como é bem não póde produzir os fructos que pendem na arvore do mal. O despotismo tem por caracteristicos a ferocidade e o menospreso dos direitos mais sagrados de todo o homem. O despotismo esteia o seu throno em montões de cadaveres, tem por instrumentos o cadafalso d'Egmont, se é monarchico e se chama Filippe II, a guilhotina, se é republicano e se chama Robespierre; accende as fogueiras da inquisição, obriga os judeus a professarem uma lei que repellem, expulsa os protestantes da patria que estremecem, se é religioso e catholico; fecha as egrejas, ou queima-as, encerra em masmorras ou assassina os prelados e os padres, se é atheu á moda dos communistas: organisa a carnificina de S. Bartholomeu, se se chama Carlos IX, os morticinios de setembro se se chama Danton; faz descaradamente bancarota se é Luiz XV, saqueia os bancos e as companhias se é a communa de Paris; despovôa cidades e provincias se é o duque d'Alba em Flandres, Mourawieff na Polonia, arraza malevolamente uma cidade populosissima se é Felix Pyat, Cluseret ou Délescluze; não póde egualmente supportar a discussão; não se exime a intervir no desenvolvimento natural das leis economicas, faz do aprendiz o escravo do patrão, se se manifesta no antigo regimen da corporação dos mesteres; faz do patrão o escravo do operario se préga as doutrinas do socialismo; infeuda o trabalho ao capital se é exercido pelas classes superiores; obriga o capital a acceitar as condições onerosas que o trabalho dicta, se as classes inferiores o exercem; prende, deporta, confisca, enforca, fuzila com todas as regras, se tem por si a auctoridade tradicional; rouba, assassina,

devasta, incendeia, se tumultúa nas ruas, exercido pelo populacho; mas é sempre o despotismo com a sua mão de ferro, é sempre a tyrannia de instinctos ferozes, embora com o sangue derramado se torne apenas mais vivida a purpura do despota, ou se tinja de vermelho o braço nú do proletario.

Não; não culpemos a liberdade de todos os horrores que presenciâmos, e vejâmos pelo contrario n'elles um novo incentivo para nos fortalecermos na convicção de que os principios liberaes devem estar invencivelmente arraigados nos nossos corações. Demagogias ou dictaduras são egualmente fataes, mancham-se com os mesmos crimes, arrojam-se aos mesmos excessos, commettem as mesmas villanias, e praticam as mesmas atrocidades. O despotismo, debaixo de todas as suas fórmas, é impio, suspeitoso, e inimigo do progresso e da civilisação. O segundo imperio e a communa profanaram egualmente Paris, aquelle com um estygma de lodo, esta com um estygma de sangue. Ambos esses poderes nefastos supprimiram todas as liberdades, a liberdade de pensamento, a liberdade de consciencia, e a liberdade da palavra. É porque a liberdade é luz, e o despotismo só se compraz na treva. O mocho das Tulherias e os morcegos do Hotel de Ville procuraram á porfia fazer a escuridão n'esse immenso foco de esplendor, que a Europa contemplava deslumbrada. Pois, como o segundo imperio se afundou na lama de Sedan, fique para sempre suffocada a demagogia nas cinzas dos arrazados edificios da capital da França. Dissipem-se nos rolos do negro fumo os ultimos vestigios da sombra espessa, surja d'esse mar de chammas Paris pallido e mutilado, mas viril e austero, e resplandeça de novo n'esse horisonte, hoje afogueado em sinistras chammas, a tua santa aurora, ó liberdade!

1871.

CONSUMMATUM EST

Ha mil oitocentos e trinta e oito annos que Jesus Christo expirou por nossa causa na cruz affrontosa do Calvario, e derramou o seu sangue para nos redimir do peccado, para quebrar os grilhões que durante seculos tinham algemado a humanidade aos monstrusos altares da idolatria, do vicio e do egoismo divinisados.

Ha mil oitocentos e trinta e oito annos que o Filho de Deus, abrindo os braços como que para abençoar o universo, desprendeu dos labios pallidos o ultimo suspiro, e, deixando pender a fronte, orvalhada pelos suores da agonia, como o lyrio dos campos inclina a corolla rociada pelos orvalhos da tarde, exhalou, como o ultimo aroma d'essa flôr celeste que lhe viçava n'alma, como a ultima harmonia d'essa lyra doce e meiga, que sempre lhe vibrára na voz, a palavra sublime: «Perdão.»

Martyrio augusto e santo foi esse, que ainda hoje banha de lagrimas o rosto do crente e do sceptico, do philosopho e do devoto, do que vê no sacrificio

do Golgotha a consummação d'um mysterio divino, e do que vê n'elle apenas o holocausto do chefe de seita, do reformador, do philosopho sublime, do evangelisador austero e puro. A aureola, que cinge a fronte de Jesus, é de natureza tal que podem uns ou outros discutir-lhe a origem, mas todos lhe reconhecem o candido esplendor. Para os mahometanos Christo é o propheta Issa, o meigo Nazareno que veiu experimentar a influencia da palavra doce e consoladora no espirito da humanidade; para os revolucionarios atheus de 1792 é o *sans-culotte* Jesus, homenagem rude, mas sincera, prestada á santidade das doutrinas igualitarias, prégadas pelo fundador do christianismo; para os sectarios da escola historica, para os Renan, para os Salvador, para os Strauss, é o divino philosopho, o suavisimo Platão, que traduz em phantasiosas metaphoras, todas impregnadas nos ardentes reflexos da poesia oriental, a sua doutrina mil vezes mais pura e mais nobre do que as theorias de Socrates, e as brilhantes utopias do grego sublime, cuja linguagem parece rescender todas as fragancias dulcissimas do mel perfumado do Hymetto. Emfim para os hebreus, para aquelles que não reconhecem a justiça das innovações christãs, Jesus é hoje um dos mais santos interpretes da antiga lei, e um dos seus escriptores, Leopoldo de Kompert, denominando-o *louro rabbino de Nazareth*, parece querer conciliar n'esta feliz expressão a fidelidade ás crenças dos seus paes, e o respeito instinctivo que lhe inspira a pureza da vida, e a morte resignada do martyr do Calvario.

A resignação é o principal caracteristico do sacrificio de Jesus, é o que mais lhe imprime o cunho divinal. Nenhuma das amarguras do transito supremo lhe é poupada, e todas elle acceita com o sor-

riso nos labios, com o perdão no olhar e na voz. Elle bem sabe que o seu ultimo suspiro, por mais brandamente que se exhale, ha de ter echos infinitos nos seculos futuros, e que o sangue vertido das feridas, apesar de cair na terra arida do monte escalvado dos supplicios, ha de fecundar a arvore sagrada da civilisação. Homem ou Deus, illumine-o apenas a previsão do vidente sublime nas horas augustas do passamento, ou rasguem-se francamente os veus do futuro diante da luz intensa do seu olhar divino, é certo que n'esse instante d'agonia o panorama dos seculos vindouros se desenrolou no horisonte do Calvario, e que todas as conquistas do christianismo civilisador, a humanidade redimida, a egualdade triumphante, a caridade acolhendo no seu regaço de luz os pobres e os humildes, lhe esvoaçaram em torno da fronte coroada de espinhos, como anjos de azas brancas, e lhe fizeram soltar as palavras de alivio com que se encerrou a agonia sublime: *Consummatum est!*

Sim, consummou-se o sacrificio, lançou-se á terra a semente da vida, e as gotas do teu sangue divino, ó Christo, ó martyr, começaram a fecundal-a; mas quantos seculos ainda levará a viçar e a crescer a arvore santa a cuja sombra se ha de abrigar a humanidade? quantos seculos ainda não terá de gotejar o teu corpo sangrento para que a planta debil resista aos furacões da impiedade, e mais ainda ao trabalho impuro dos cultivadores? Porque depois do semeador sacrosanto vieram os respigadores profanos, e, apenas a tua voz deixou de trovejar na amplidão do templo, os vendilhões voltaram a povoal-o, timidos primeiro, depois audaciosos e ufanos, e a tua fronte pallida pendeu triste no crucifixo, e as feridas do teu corpo reabriram-se, e o san-

gue recomeçou a gotejar, e a cair, nodoa vermelha, na fronte da humanidade, que menosprezava o teu exemplo.

Tu disseras «Perdão» e passaram-se seculos, e bradaram os teus discipulos «Vingança», tu disseras «Humildade», e no fim de seculos já os teus discipulos bradavam «Soberba»; tu quebravas os grilhões dos escravos, e no fim de seculos os teus discipulos cingiam com a manilha de ferro os pulsos roxeados dos servos.

E cada anno, a esta mesma hora, quando voltava o dia anniversario do sacrificio do Golgotha, quando os bispos doirados, os conegos vestidos de seda, os frades obesos e floridos rodeiavam a tua imagem de musica e de incenso, o pensador podia vêr nas trevas do templo a tua fronte pender-se melancholica e livida no crucifixo, e o teu sangue, saindo das feridas reabertas, gotejar incessante, e cair, nodoa vermelha, no marmore das cathedraes.

Depois extinguía-se o rumor da festividade religiosa, expirava na solidão do templo a plangente melodia do orgão, as trevas invadiam a nave.... mas um clarão vermelho tingia os vidros das janellas ogivaes da egreja, era o reflexo das fogueiras da inquisição, era o rubido lampejo do facho das guerras religiosas, e na escuridão da cathedral, o pallido Christo pendia a fronte melancholica, e o sangue divino gotejava sempre e sempre das feridas reabertas.

Quantos seculos decorreram antes que essa vermelha chuva conseguisse apagar as fogueiras, antes que o lampejo do facho das guerras religiosas deixasse de córar os vidros das altas janellas da cathedral?

Cessou emfim, e parece que os labios pallidos do

Christo dos crucifixos podem hoje murmurar de novo as santas palavras: *Consummatum est.*

Ha mil oitocentos e trinta e oito annos que o Divino Mestre as pronunciou no alto do Calvario, e ainda não se realisou completamente a prophecia divina!

Volta o anniversario do sacrificio do Golgotha, a egreja celebra a redempção da humanidade com os seus festejos e canticos. Ás trevas enchem o templo; gemem as lamentações nas teclas frementes do orgão; a luz pallida das tochas projecta-se no véu negro que encobre a imagem do Senhor; de novo se representa a grandiosa tragedia. Depois aos hymnos de tristeza succedem os canticos de jubilo, ao som das mysticas palavras *Gloria in excelsis Deo* rasgam-se os lugubres véus, jorra em ondas a luz no templo jubiloso, torrentes de harmonia enthusiastica inundam a nave resplandecente, enrolam-se espiraes de flores ao longo das columnas marmoreas, sobem aos ares nuvens de incenso, e as alvas pombas esvoaçam, soltas, batendo com a aza candida na abobada doirada. *Alleluia! Alleluia!* Resurgiu o Redemptor e com elle o mundo. Emfim podem os braços abertos da imagem santa abençoar a humanidade.

A arvore plantada no Golgotha cobriu afinal de aureos fructos a sua vasta ramaria? Illumina um jubilo divino a fronte pallida de Christo, e cerraram-se as feridas do seu corpo sagrado?

Oh! não! entre os esplendores festivaes da egreja, encarae bem, pensadores, scismadores, poetas, o crucifixo immovel! A fronte de Jesus pende ainda livida e triste, e o sangue divino goteja sempre e sempre das feridas entre-abertas.

É porque a fraternidade é ainda uma vã palavra,

é porque de um lado, no mundo, o materialismo crava nos espiritos a sua garra hedionda, do outro lado, na egreja, a ambição, a soberba, a hypocrisia, sacodem as suas azas negras sobre as frontes sacerdotaes. É porque de um lado a sanguinea guerra continúa a immolar milhares de victimas no seu altar-ossuario, do outro lado, no templo, os vendilhões assentam banca e apregoam as mercadorias. E mil oitocentos e trinta e oito annos decorreram, depois que se operou o sacrificio do Calvario! E o sangue espumou em ondas durante esses dezenove seculos para regar a planta civilisadora, e ainda não resplende ao sol o fructo abençoado da arvore sacratissima!

E é triste dizel-o, ó Christo, se tão lento ha sido o desenvolvimento da arvore que plantaste, se tantos furacões a teem agitado, se tantas vezes lhe tem minguado a seiva, se tantas vezes o fogo lhe queimou as raizes, culpa foi de certo das ambições, das fraquezas, dos vicios da humanidade, mas principalmente dos que se disseram teus discipulos, e teus sacerdotes, e teus vigarios, dos que profanaram o teu nome, dos que vilipendiaram a tua missão. Os ministros da lei nova, como os phariseus da antiga lei, seccaram o espirito do Evangelho com o sopro das suas interpretações, acanharam a tua doutrina tão ampla e fraternal, e, se hoje baixasses ao mundo, elles, os phariseus christãos, lapidar-te-iam de novo, cingiriam a tua fronte de espinhos, pôr-te-iam nas mãos o sceptro irrisorio, e de novo te crucificariam! Por isso as tuas feridas gotejam sangue sempre e sempre, e por isso o teu olhar triste procura debalde no mundo a realisação das palavras sublimes, que proferiste ao realisar o sacrificio immenso: *Consummatum est.*

1871.

OS PRECURSORES DO COMMUNISMO

Pois que chegou emfim a provação da luta, já que todos os homens liberaes têem de dar testemunho de si n'este momento em que a sociedade, agitada por convulsões profundas, procura em que alicerces deve firmar a sua vacillante estructura, encaremos com desassombro os problemas que se debatem, e vejâmos se conseguimos dissipar o nevoeiro de formulas vagas, em que muitos procuram envolvel-os.

Ha pouco tempo ainda lia eu n'um artigo onde se sentia o talento d'um dos nossos homens mais eminentes, d'um dos mais brilhantes estylistas da nossa terra, [1] os seguintes sonoros periodos: «Ha quasi oitenta annos realisava-se, com a tomada da Bastilha, a revolução da burguezia. Hoje prepara-se a revolução dos proletarios.»

Tem-me soado por mais d'uma vez ao ouvido esta formula estranha. Depois da nobresa triumphou a

[1] O sr. Latino Coelho.

burguezia; hoje soou emfim a hora do proletariado. É a lei inevitavel da transformação social.

Assim o grande movimento de 1789, a queda da Bastilha, o desmoronamento do despotismo, a eliminação de todos os velhos abusos, de todos os vetustos privilegios, de todos os preconceitos e de todas as oppressões, tudo isso foi apenas uma revolução burgueza! substituiu-se a uma casta outra casta, e o proletario, privado de todos os direitos civis e politicos, escravo, pária, ilota, continuou a gemer oppresso debaixo do regimen do privilegio. Aquelles altivos convencionaes, que saíam das camadas infimas do povo, aquelles generaes intrepidos que vinham da classe plebéa dos officiaes inferiores como Berthier, ou do grupo dos proletarios aventurosos como Augereau, todos esses fundavam e defendiam uma revolução burgueza! A humanidade, julgando-se emancipada, não fizera senão mudar de algemas, e a proclamação dos direitos do homem não era senão a proclamação dos direitos do burguez!

O quê! Pois não abriu a revolução o campo liberrimo a todos sem distincção de classe? Negou por acaso ao proletario algum direito, que ao burguez fosse conceder? Estabeleceu uma separação qualquer entre um e outro? O privilegio, que enfeudava nas mãos da classe aristocratica os principaes cargos do Estado, passou por acaso a tornal-os privativos da burguezia? Não se fixou como regra invariavel que seriam os talentos, as aptidões e as virtudes a unica circumstancia a que se devia attender no provimento de quaesquer logares? Não tiveram todos os cidadãos as mesmas garantias? não se estabeleceu a egualdade de todos perante a lei? não se concederam a todos os mesmos direitos, e não se lhes impozeram os mesmos deveres? Faltou ainda

um direito aos proletarios, o direito do voto. Veiu a revolução de 1848, estabeleceu o suffragio universal, e a egualdade foi então completissima. Proletarios, burguezes e aristocratas decidiram egualmente nos negocios publicos, o voto do proletario mais humilde e mesquinho pesou tanto na balança como o do mais opulento banqueiro, ou o do mais nobre descendente dos cruzados. As ultimas distincçõs desappareceram de todo; deixou de existir completissimamente a differença de classes, e não houve mais do que um povo de cidadãos, uma associação politica em cujos destinos tinham todos os membros o mesmo direito de intervir.

Se n'essa luta gigante entre as castas fidalgas, que mandavam, e as tribus plebéas que obedeciam, a victoria favoreceu os que tinham pelo seu lado a justiça e a razão, se o privilegio caíu ferido de morte, e se a egualdade politica se inscreveu como dogma indiscutivel em todos os codigos liberaes, se burguezes, nobres, proletarios se confundiram todos n'uma turba immensa de cidadãos, entre os quaes não póde haver senão as distincções legitimas, que hão de separar eternamente a intelligencia da estupidez, a instrucção da ignorancia, a virtude do vicio, e o trabalho da ociosidade, qual é então essa nova e fecunda luta que os proletarios vão emprehender, e ao cabo da qual entrevêem a regeneração social?

O mundo não estacionou decerto em 1789; o progresso ha de continuar sempre a derramar, ampliando-a cada vez mais, a sua luz benefica, mas a epocha actual legou incontestavelmente ao futuro uma conquista grandiosa, a da egualdade. Se a distincção de classes jaz para sempre extincta, se essa questão está completamente posta de parte na con-

stituição das sociedades, se a lei não reconhece já proletario e burguez, pobre e fidalgo, mas sim unicamente a individualidade-cidadão, que motivo póde despertar ainda esse antagonismo que não tem razão de ser? qual é então a nova luta que se prepara?

É, diz ainda o illustre escriptor a quem nos referimos, «a luta dos humildes contra os poderosos, dos miseraveis contra os opulentos, dos que são explorados contra os exploradores, dos párias e dos *xudras* contra os bramines e *xatrias*, das castas da miseria contra as castas da riqueza hereditaria, dos que não tem logar no regaço de uma sociedade madrasta e desabrida contra os que arranjam, a seu talante e em seu beneficio particular, as fórmas e as instituições da sociedade.»

Eil-o o sinistro programma, desenrolado brilhantemente aos olhos das gerações! Antes que as grandes revoluções se consummem, e logrem triumphar, ha sempre um grande numero de martyres, homens superiores ao seu seculo, que expiam muitas vezes com a vida as suas generosas aspirações; se a arvore da liberdade cresceu com tão maravilhosa rapidez, foi porque as suas raizes tinham sido regadas ha muito com o sangue dos precursores; antes que se affirmasse a liberdade de consciencia, o vento da tarde dispersou em todas as direcções as cinzas dos que sonharam realisal-a; a revolução de ámanhã, o triumpho justo e inevitavel do movimento do proletariado que ha de extinguir o privilegio da riqueza hereditaria, tem tambem incontestavelmente os seus precursores e os seus martyres. Dos precursores existem os retratos no governo civil, os martyres costumam-n'os enviar os jurys residir na costa d'Africa.

Sim, esses ratoneiros, tão mal comprehendidos pela sociedade madrasta, não fizeram mais do que anticipar o radioso futuro da civilisação, foram os videntes da ladroeira, devaneiaram uma constituição do seculo XX, aferiram a sua moralidade pelos padrões das leis futuras, e desdenharam as presentes, combateram, tanto quanto n'elles coube, o *privilegio da riqueza hereditaria*, trahiram-n'os as forças, não os comprehendeu a sociedade, cairam victimas do seu generoso engano, mas hade emfim o porvir rehabilital-os, e as gerações vindouras hão de coroar de perpetuas a sua loisa humilde. Ó inimigos da riqueza hereditaria, vós, que vindes, fanaticos de uma idéa santa, procurar na minha algibeira o relogio de meu pae, ides para o Limoeiro, mas do Limoeiro á posteridade. No martyrologio dos que baquearam na luta contra o privilegio da riqueza hereditaria, haveis de figurar, ó *Vermelhinho!* ó *Pé-de-dança!* ó precursores! ó martyres!

É esse deveras o futuro? É por esse caminho que tem de despenhar-se a civilisação? Assim a riqueza hereditaria é um privilegio, como os que usufruiam as classes nobres antes de 1789? Os laços da familia são portanto um despotismo que o homem tem de quebrar forçosamente, quando romper essa appetecida aurora dos novos tempos! Vêde bem aonde vos conduzem, operarios honestos e laboriosos, proletarios que todo o dia regaes com o santo suor do vosso rosto a tarefa dura e ingrata, mas que trabalhaes com ardor, com enthusiasmo, com alegria, com frenezi... não porque desejeis para vós mesmos as commodidades e o bem-estar; sois fortes, a miseria habituou-vos ás privações, e nos annos da primeira mocidade preferis á fadiga incessante da officina as horas do passatempo alegre, e da preguiça

descuidosa, mas tendes familia, mas tendes filhos, umas creaturinhas loiras e travêssas, que vos esperam em casa, que vos saltam ao pescoço apenas chegaes, e formam, em torno do vosso rosto risonho, uns festões encantadores com as rosas e os lyrios das faces infantis. Trabalhaes por elles, é isso o que vos anima, o que vos incita, o que vos fortifica, juntaes-lhes com as vossas economias dolorosas um peculio sagrado para os preservar da pobreza extrema, para os fazer entrar na vida em mais favoraveis condições. O filho colhe o fructo do trabalho paternal; é a doce recompensa d'uma vida toda de luta e de pobreza, na felicidade d'elle é que o bom do cançado velho se revê, com o seu bem-estar se orgulha. Morre tranquillo, pago de todo o seu lidar, e o seu ultimo pensamento, quando o seu espirito se desprende dos laços corporeos, é ainda um pensamento de doce jubilo: Eu deixei pão aos meus filhos.

Ó operarios, pensae que o capital não é mais do que o trabalho accumulado, a recompensa dos esforços, da intelligencia, da economia de umas poucas de gerações. Sem privilegios, e com a livre concorrencia, tendes o caminho aberto, e sabeis quaes são os meios legitimos, que levam ao bem estar e á riqueza.

Se applaudirdes porém os principios que vos pregam, se entenderdes que todos tendes o direito ao capital, como todos têem direito ao ar e á luz, como se o capital não tivesse origem nem formação, e caisse do céo á similhança do maná de Moysés, se proclamardes tambem a abolição da riqueza hereditaria, notae que morreram para sempre todos os santos estimulos das vossas nobres ambições, affrouxaram-se todos os laços dos intimos affectos!

Não vos deixeis cegar por vãs e funestas utopias; podeis estar certos que não ha civilisação possivel, não ha civilisação com senso moral, todas as vezes que n'ella se apagarem estas duas idéas santas: Deus e a familia.

COMMUNA E DESCENTRALISAÇÃO

No horisonte da Europa continua a pairar acima de tudo e do todos, como dizia Victor Hugo na sua energica apostrophe aos prussianos, esse espectro de luz e sombra—Paris. Sinceramente é difficil fallar um folhetinista na feira das Amoreiras, e nos outros assumptos frivolos da semana, quando esse luctuoso espectaculo enche ainda de horror todas as imaginações.

Entre os muitos artigos, a que deu origem o grande acontecimento que presenciámos, dois houve que mais profundamente me impressionaram. Attribuiu-se um á penna eloquente de Emilio Castelar, o outro firmava-o o brilhantissimo nome de Victor Hugo.

Ninguem, mais do que eu, admira a fogosa imaginação do grande tribuno hespanhol, ninguem tem veneração tão enthusiastica pela potente phantasia do illustre poeta francez; por isso tambem lamento que tão brilhantes dotes não isentem aquelles que os possuem de se deixarem arrastar pela magia de scintillantes paradoxos, e sirvam portanto para desvairar, e perverter a opinião publica.

O artigo, que se attribue a Emilio Castelar, e que foi publicado na *Igualdad*, depois de fulminar os actos praticados pelos communistas incendiarios, entende comtudo que eram bellissimos os principios proclamados pela communa, e que essa revolução, manchada de sangue por insensatos fanaticos, era comtudo nobre na sua origem, e verdadeiramente liberal, porque defendia as idéas de descentralisação e de federalismo, que são a garantia mais segura da liberdade.

Se fossemos a avaliar os partidos simplesmente pelos seus programmas geraes, nenhum haveria decerto que não merecesse a mais sincera adhesão de todos os homens de bem, e que não devesse ser applaudido freneticamente pelos politicos de idéas mais avançadas. Já Vivien dizia com finura notavel nos seus *Estudos administrativos:* «Vivemos n'um tempo, em que são reconhecidos quasi todos os grandes principios da sociedade. Não se contesta nenhuma das leis moraes, que devem presidir ao governo dos homens. É o que succede com a maior parte das liberdades, inscriptas, com mais ou menos sinceridade, em todas as constituições. Aquelles mesmos, que menos tendencias teem para as aceitar, julgam-se obrigados a admitil-as, *reservando-se o illudil-as ou violal-as, quando a occasião o permitte*». Foi exactamente o que fez a communa durante os dois mezes do seu nefasto governo; é possivel que admittisse todas as liberdades, ora agora o que fez foi violal-as e illudil-as.

A descentralisação é effectivamente o grande principio para onde devem tender d'ora ávante todos os esforços dos progressistas; não veiu a communa ensinal-o á França, onde todos os homens verdadeiramente liberaes o proclamavam. Todos

aquelles, que tem seguido com alguma attenção as differentes phases da historia contemporanea, sabem que, pouco antes de rebentar a guerra, a opposição parlamentar ao segundo imperio, que era então a esquerda, e que hoje os communistas e os seus partidarios já chamam reaccionaria, resistiu com toda a força a uma lei essencialmente centralisadora do governo. A assembléa de Versailles (que não defendo aliás em absoluto, porque encerra muitos elementos dignos de censura) tem votado umas poucas de medidas descentralisadoras, e mostra as maiores tendencias para dar força e acção á vida local, quebrando nas mãos dos governos essa arma poderosa da centralisação administrativa.

Emquanto isto succedia, os communistas *descentralisadores* de Paris tratavam de organisar a sociedade a seu modo, e não havia mola em que não tocassem, liberdade que não restringissem. A descentralisação, o *self-government*, emfim, para sermos mais amplos, não consiste simplesmente na vitalidade municipal; tambem abrange, e é essa uma das grandes causas da prosperidade e da liberdade que os Estados Unidos desfructam, a abstenção que se impõe aos governos, tanto quanto possivel, de intervirem nos actos da vida dos cidadãos, de fazerem mais do que velarem porque o exercicio da liberdade de cada um não vá prejudicar o exercicio da liberdade do visinho. A communa de Paris, expressão politica da celebre *Associação Internacional*, comprehendia tanto o que é *self-government*, como eu comprehendo os caracteres chinezes.

O que não deixa de ser curioso é que era Paris que suppunha defender a idéa da descentralisação contra as provincias, que vinham n'este caso a ser ellas as centralisadoras. A acreditarmos o motto da communa,

Paris defendia a provincia contra a provincia que defendia Paris. Paris, que tem imposto á provincia, graças á centralisação, todos os governos que lhe tem dado na cabeça improvisar com meia duzia de barricadas, não sabendo já o que lhe havia de impingir, logo que existia a republica, e a republica governada por uma assembléa eleita pelo suffragio universal, teve a originalissima idéa de dizer que lhe queria impôr a descentralisação, cujos advogados eram uns sujeitos, que formavam um celebre *Comité Central*, que concentrava nas suas mãos todos os poderes, sendo superior, discricionariamente, á propria communa, e até á junta de salvação publica, o que é effectivamente um excellente exemplo de descentralisação!

Mas a isto acode a *Igualdad*, observando que Paris, sendo a cidade que mais lucrava com a centralisação, fazia aos principios descentralisadores o nobre sacrificio das suas vantagens. Paris sacrificava-se pelos municipios ruraes, e ao mesmo tempo o nome de *ruraes* era a suprema injuria que elle arrojava aos de Versailles. Diziam que os deputados provincianos constituiam a parte inepta, e a parte reaccionaria da assembléa. Asseveravam que os municipios ruraes eram imperialistas, e anti-patrioticos, etc., etc., etc., e combatiam porquê? Para darem a esses municipios vida propria, e larga influencia politica! É admiravel este raciocinio: Vocês são uns idiotas, pois então governem-se!

Não paravam ainda aqui as singulares contradicções da communa. A communa, segundo asseverava a *Igualdad*, era o primeiro partido que levantava em França a bandeira da descentralisação e do federalismo. Optimamente. Mas os communistas não cessavam de apregoar os actos heroicos da con-

venção, queriam imitar os homens de 93, queriam seguir os exemplos dos *Montagnards*, queriam completar a sua obra, queriam defender os seus principios. Ora supponho que ninguem ignora que a centralisação administrativa da França foi obra da convenção, aproveitada depois pelo primeiro imperio. A convenção, a *Montagne* era essencialmente unitaria e centralisadora. *Republica franceza, una e indivisivel*, eis a phrase consagrada! Não adoptaria a communa n'este ponto as idéas da *convenção?* Esperem que ella já responde a essa pergunta. N'uma das suas ultimas sessões (parece-me que a de 18 de maio) houve, como havia sempre, grandes recriminações da maioria contra a minoria. Paschoal Grousset levantou-se, e declarou energicamente que os membros da minoria eram uns verdadeiros girondinos, que, não podendo retirar-se para os departamentos como esses apostatas de 92, se limitavam a retirar-se para os seus arredondamentos. A minoria ergueu-se para protestar contra esse appellido de girondinos que a maioria lhe applicava. Ora todos os que conhecem, ainda que seja muito por alto, a historia da revolução franceza, sabem que os girondinos eram os federalistas de 92!

Portanto a communa de Paris podia dizer-se á vontade federalista e descentralisadora; mas n'esse caso provava mais uma vez que não sabia o que dizia.

Até aqui Emilio Castelar, *si vera est fama*, o que me não parece muito, porque não vejo no artigo da *Igualdad* o cunho especial do estylo do grande orador e eminente publicista, a não ser que fosse escripto *á vuela-pluma*, como dizem os hespanhoes, e em horas menos felizes. Oiçamos agora Victor Hugo.

Eu tenho pelo grande poeta não só a admiração

mais respeitosa, mas tambem um sentimento de profunda gratidão por uma distincção completamente espontanea, e para mim inesperada, com que se dignou honrar-me, exactamente depois de eu ter ousado refutar algumas das suas idéas; mas, apesar de tudo, não posso estar ainda hoje ao seu lado, e lamento que o homem, que escreveu aquella celebre pagina dos *Misérables*, em que o bispo Myriel pede a benção ao convencional G., escrevesse agora esta carta ultima á *Independencia belga*.

Protesta elle contra a decisão do governo de Bruxellas, que equipara os communistas a quaesquer outros criminosos. É necessario comtudo ser-se imparcial; Victor Hugo devia lembrar-se que n'esse capitulo celebre do seu celebre romance equiparou Luiz XV a Cartouche, e quem não quer privilegios para o crime, que se envolve na purpura regia, não os deve querer para o crime que se esconde na blusa do operario.

E o crime dos communistrs existe; é Victor Hugo quem o confessa.

«Protestei contra os seus actos, lei dos refens, represalias, prisões arbitrarias, violação das liberdades, suppressão dos jornaes, expoliações, confiscações, demolições, destruição da columna, ataques contra o direito, ataques contra o povo.»

Era este exactamente o libello que Victor Hugo articulava contra Bonaparte no seu *Napoléon le Petit*, e por isso o chamava *malfeitor da mais baixa e mais depravada especie*. Esse libello, formulado por um adversario, podia ser contestado, e a França e a Europa, com rasão ou sem ella (isso é uma questão á parte), effectivamente o contestaram; mas o libello d'agora, sendo confissão de um defensor, reconhece os factos como incontestaveis; não ha por

conseguinte motivo algum para que a Europa não acceite as conclusões de Victor Hugo, isto é que os homens que praticam esses crimes são effectivamente malfeitores da mais baixa e depravada especie.

As contradicções fervem na carta.

«São homens politicos, por mais que se diga, e por mais que se faça.

Um pouco mais abaixo.

«Acceito os principios, não acceito os homens.»

Logo não são homens politicos, tanto assim que Victor Hugo, que partilha as suas idéas, repelle a sua confraternidade.

«Protestei contra os seus ataques contra o direito.»

Mais abaixo.

«Eu que escrevo estas linhas tenho uma maxima *Pro jure contra legem* (pelo direito contra a lei).

Ora, se Victor Hugo julga o direito superior á lei, e se confessa que elles atacaram o direito, confessa que são os maiores de todos os criminosos.

O governo belga não intervem no julgamento dos reus, mas, logo que vê que até Victor Hugo, que se diz e proclama partidario politico da communa, estygmatisa e julga criminosos os actos dos communistas, logo que vê que ninguem em França acceita a responsabilidade dos actos por estes praticados, entende e entende com razão que os auctores de acções tão unanimemente estygmatisadas são simples criminosos, e applica-lhes a lei commum.

E o mesmo faz a Suissa, que é republica, federal, e descentralisada, e que prendeu comtudo os republicanos federaes e descentralisadores Pyat e Grousset.

N'uma cousa comtudo applaudo Victor Hugo, é

quando mais uma vez protesta contra o crime judicial da pena de morte. Á luz do incendio de Paris, quando estavam desencadeiadas todas as paixões selvagens do homem, era impossivel conter a colera dos soldados, suspender as terriveis represalias; a lei marcial tinha de imperar em todo o seu rigor. Ah! mas volte bem depressa a serenidade ao espirito da França, e seja a clemencia a luminosa affirmação da verdadeira liberdade.

1871.

OFFENBACH

Ha na litteratura e nas artes nomes que symbolisam uma geração; Raphael resume em si a Renascença italiana, Racine é a expressão mais completa do seculo de Luiz XIV: Offenbach caracterisa admiravelmente a sociedade do segundo imperio.

Offenbach é a *blague*, e a *blague* é todo o segundo imperio, e, quando digo o segundo imperio, digo a Europa do seu tempo, porque o successo de Offenbach foi universal. A fama do *maestrino* voou desde S. Petersburgo até Lisboa. Encontrou em toda a parte, até na pensadora Allemanha, os espiritos dispostos a comprehenderem-n'o e a admirarem-n'o. O que veneramos nós agora? Que ideal é o nosso? Temos o culto do Direito na bocca, mas o culto da Força no espirito. Zombar, zombar é a grande necessidade do seculo actual. A virtude nunca nos apparece senão debaixo da figura burlesca de uma *rosiére de Nanterre*, o valor cavalheiresco é quixotesco simplesmente, a fé, o amor, a lealdade, tudo é facilmente sacrificado nos altares da musa da *blague*,

o lyrismo é sentimental e burlesco por conseguinte, o patriotismo é *chauvinisme;* as conquistas da liberdade são uma victoria quasi comica da burguezia; o passado é de todo o ponto ridiculo; em litteratura, se o classicismo é caturra, o romantismo é piegas. No meio de uma sociedade, que tem perpetuamente o motejo engatilhado, appareceu Offenbach, e satisfez-lhe perfeitamente as tendencias demolidoras. Todos os vultos, que formavam o ideal poetico da humanidade, tiveram de desfilar diante da sua batuta implacavel. Amarrou tudo ao pelourinho da sua perpetua zombaria.

Julgou-se por um momento que Offenbach significava simplesmente a corrupção, o enervamento do regimen napoleonico. Via-se apenas nas suas operas a *chanson grivoise,* e os encantos pouco velados das suas heroinas. Attribuiu-se a Offenbach uma parte de responsabilidade nos desastres da França. Luiz da Baviera proscreveu ingenuamente a sua musica dos seus Estados. Não quiz lá este elemento de depravação. Nem reparava que Offenbach era filho tambem da grande patria allemã, era uma especie de Bismark da arte; Bismark derrubava os preconceitos politicos, Offenbach demolia os preconceitos artisticos. Expulsava da arte os velhos ideaes; tinha um merecimento, era o genio da destruição. Os genios creadores esses ainda não appareceram.

Offenbach é um chefe de escola, não só musical, mas litteraria e artistica. Alexandre Dumas filho e Sardou são os dois grandes talentos da litteratura offenbachiana. Um e outro fazem *blague,* aquelle com umas certas pretenções scientificas, este com uma travessura scintillante de espirito. A *Visite de noces* é uma comedia no genero de Offenbach, é a *blague* do pudor; *Rabagas* é uma comedia da mesma

eschola, é a *blague* da democracia, é a *Grã-Duqueza* da republica. No meio d'este grande desalento actual, havia um facto que retemperava um pouco os espiritos, era o protesto indignado da França contra a força e contra a covardia; Offenbach não ousára insultar esse grande movimento, mal dirigido, desgraçado, mas heroico pelo sacrificio, mas consagrado pelo sangue de milhares de martyres; vem Sardou e insulta-o, ajoelhado na lama de Sedan. O publico francez pateia *Rabagas*, e commette n'isso uma suprema injustiça; o processo, empregado em *Rabagas*, é o mesmo que applaudia nos *Ganaches*, quando Sardou o applicava aos defensores das vetustas crenças. A redacção do *Crapaud-Volant* faz symetria com os parceiros do *whist* na casa somnolenta do velho duque bretão. A *blague* é o terrivel martello, a que nada resiste. No meio do silencio da arte e da litteratura não se ouve senão o ruido incessante dos demolidores.

Pois bem! Offenbach é o representante mais notavel d'este sarcasmo—feição predominante da geração actual. A França quiz expulsal-o do seu seio quando pensou na sua regeneração; era impossivel. Apenas se acalmaram um pouco os espiritos, Offenbach voltou, e que não voltasse lá estava Sardou. Offenbach escreveu timidamente *La Boule de neige;* Sardou mais audacioso traçou *Rabagas*. Houvera um momento em que a França, surprehendida pela dor da invasão, com a face purpureada pela vergonha das capitulações, percebeu que estas palavras de patria e de liberdade não se fizeram só para se cantarem com musica de Offenbach, que despertam no coração humano sentimentos generosos, que ensinam a abnegação sagrada, a dedicação, o sacrificio, a coragem, houve um momento em que os cidadãos pe-

garam na espingarda da guarda nacional, e procuraram rimar, como quaesquer librettistas da Grande Opera, *gloire* com *victoire*, em que os proprios *petits-crevés* bradaram uns para os outros, sem se rirem,

Non, non jamais en France
Le Prussien *ne régnera*

houve um momento em que a mocidade cantou a *Marselheza* como quaesquer d'esses revolucionarios á romana, cujas imitações dos Gracchos eram assumpto de tão boas farçadas; houve um momento em que se poderam intentar actos heroicos sem a França inteira desatar a rir, mas esse momento passou com rapidez, e o espirito fatal do seculo foi vencedor outra vez. Tornou a gargalhada: voltaram a empunhar o sceptro Offenbach, Sardou, Dumas filho e o *Figaro*. Ah! como isto é comico! *Tous gardes nationaux!* como dizia Pradeau n'uma opera burlesca, e o balão de Gambetta! e o *sentimentalismo* de Julio Favre! e o plano de Trochu! e a defeza de Châteaudun, talvez! e a morte de Henrique Regnault quem sabe? Tudo isto é altamente comico, é trovadoresco, é digno do tempo de Joanna d'Arc, é *un sujet de pendule.* Salta depressa ou a musica de Offenbach, ou a prosa de Sardou, ou o verso de Albert Millaud na *Petite Némésis* do *Figaro!*

Venha a gargalhada, a França fez sentimento, deitou heroismo cavalheiresco, lembrou-se dos voluntarios *en sabots*, pensou em Saragoça, e porque não em Sagunto? Como a França esteve divertida! Que delicia para José Prudhomme! E que me dizem ao képi de Victor Hugo? e ao seu Paris feito espectro de luz e fumo? os prussianos desdenhavam, Of-

fenbach e Sardou riam-se da republica de *collégiens*, e do governo que menos nos divide, e da integridade nacional, e da honra da bandeira, e de todas estas phrases sonoras pelas quaes se morre e se é enterrado, tendo-se por epitaphio uma phrase musical de Offenbach.

Eu disse que Offenbach caracterisava o segundo imperio; parece effectivamente que o governo de Napoleão III é o que está mais em harmonia com as tendencias do nosso tempo, porque o seu partido, hoje outra vez numeroso, consta de todos os *blagueurs*, e os seus dois grandes sustentaculos na imprensa são Cassagnac e Sardou.

E effectivamente o que importa Sedan a quem vê de certo nas Thermopylas um magnifico assumpto de opera burlesca?

1872.

SCENAS DA VIDA DA BOHEMIA

No tempo em que Ponson du Terrail (Deus lhe falle n'alma), os flibusteiros do segundo imperio, e os Fra-Diavolo da communa estavam ainda na classe dos animaes desconhecidos, havia em França uns sugeitos que possuiam idéas em maior abundancia do que chapeus, que sabiam muito melhor onde nasceu Shakespeare do que onde haviam de jantar, que adoravam as letras á excepção das de cambio, e que podiam dizer a cada novo senhorio, como o D. Philippe Villani, que Alexandre Dumas encontrou em Napoles:

—Meu caro amigo, meu excellente amigo, meu nobre e illustre senhorio, percorra a cidade inteira, informe-se, pesquize e investigue, e, se encontrar um proprietario, um unico, um só que lhe affirme que eu tenha por costume pagar a renda das casas onde habito, consinto em dar-lhe agora já o dobro d'este semestre.

E eram com tudo isso uns moços alegres e descuidosos, bons corações abertos a todos os amores, a todos os affectos e a todos os enthusiasmos; substi-

tuindo o almoço por um raio de sol, que doirasse as arvores dos bosques de Meudon, aonde elles iam passeiar o seu appetite, esperando os bifes do acaso e o café com leite da Providencia; substituindo o jantar por diversos pratos de bons ditos, e consolando-se com o exemplo dos convivas de madame Scarron, que tinham sempre, em vez de assado, uma historia contada pela sua espirituosa hospedeira; vagueando pelos *boulevards* com um aspecto de naufragos da *Medusa*, até que se resolvessem a ir ceiar o ultimo cachimbo d'um dos irmãos da cigana confraria, ou o ultimo casaco d'outro; inimigos implacaveis do burguez regular e correcto, noviços da arte que faziam de Paris inteiro o seu *Quartier latin*, espantando a cidade com o seu trajo estapafurdio, com o cabello e a barba hirsutos, com os enormes chapeus que lhes assombravam a physionomia leonina.

Aos domingos lá ia a legião bohemia comer cerejas a Montmorency, dando o braço a umas raparigas *coquettes* e risonhas, de pé pequeno e virtude pouco maior, scintillantes costureiras, floristas amaveis, que não tinham nem corpetes muito affogados, nem principios muito estreitos, mas que expandiam alegremente a sua mocidade e a sua gorgeiadora alegria ao sol da primavera, e ao sol do amor, que mostravam os dentes alvos como perolas, ou para trincarem um bom almoço quando o almoço apparecia, ou para rirem á farta quando não havia no horisonte nem o mais leve indicio de proximo fiambre.

Era portanto esta uma legião de esturdios, uma phalange que não póde incontestavelmente apresentar-se para exemplo aos leitores da *Moral em acção;* mas, como nós sabemos, desde o tempo de Jesus,

que não é entre os austeros respeitadores da lei, do codigo civil e religioso, que se encontram a maior parte das vezes os corações francos, limpos e generosos, como os samaritanos continuam ainda hoje a ser mais promptos e ferventes na caridade do que os severos phariseus, não nos admiremos de que, entre esses pintores e poetas em embryão, tão pouco zelosos no pagamento dos recibos do senhorio, e entre essas joviaes raparigas, que não se indignam todas, quando alguem, como na deliciosa *malagueña* de Bulhão Pato, lhes

diz que vê
Distinctamente o pésinho,
Quando não é
Ás vezes um bocadinho
Além do pé,

não nos admiremos pois que entre esses alegres convivas do banquete da existencia, para elles ás vezes demasiadamente espartano, se encontrem as amisades sinceras e perduraveis, os amores ephemeros mas que deixam na vida um suave perfume de saudade, e os sacrificios e as abnegações, e as virtudes pouco apparatosas, mas verdadeiras, e os nobres sentimentos, e no fundo de todos esses corações... ligeiros ia eu a dizer, mas, lembrando-me de Lebœuf, não quiz insultar os bohemios... no fundo de todos esses corações apparentemente frivolos, um culto enthusiastico e sincero pela arte no seu mais elevado sentido, pela liberdade na sua mais legitima accepção.

Foi esta rapaziada a que acudiu em massa a sustentar o *Hernani* contra a assúada dos classicos, foram estes romanticos guedelhudos, entre os quaes se contava o já então obeso Theophilo Gautier, que

envolveram n'uma tempestade de applausos Victor Hugo e os seus versos, e o defenderam contra a academia e a censura, foram elles os que dançaram a celebre *farandole* no salão do theatro francez, e proclamaram intrepidamente a realeza do novo genio sobre a velha banalidade classica, foram elles os que na primeira noite da *Lucrecia Borgia* improvisaram vinho de Syracusa no botequim da Porte-Saint-Martin, foram elles os que levaram ás nuvens o *Henrique III* d'aquelle grande Alexandre Dumas, para quem ainda hontem começou a posteridade e por conseguinte a justiça, foram elles emfim os que berraram em altos gritos pelo desenlace do *Antony*, n'uma celebre noite em que o panno caiu no final da penultima scena, e em que, depois d'elle tornar a subir, não apparecendo Bocage que era Antony, e recomeçando a tempestade na platéa, Adelia, que era madame Dorval, tomou a resolução de chegar ao proscenio, e dizer tranquillamente: «Meus senhores, eu resistia-lhe, e elle assassinou-me», o que deu um optimo final de comedia áquelle violento e admiravel drama.

Eram elles os que derramavam o seu sangue nas barricadas, quando as barricadas representavam uma aspiração liberal, e não, como hoje, a cubiça de meia duzia de Robert Macaire da politica, eram elles os que, nos entre-actos da revolução, cantavam alegremente os seus faceis amores, a sua pobreza doirada pela mocidade, e as maçãs verdes mas saborosas do pomar dos vinte annos, e o raio de sol na agua-furtada, e a luz do amor no coração. N'esta phase da sua existencia teve a Bohemia parisiense para a cantar um não menor poeta do que Victor Hugo. Lembram-se os leitores do capitulo dos *Misérables* a que me refiro? Á noite, á luz das es-

trellas, ergue a barricada o seu perfil monstruoso e negro, paira sobre a revolução que rebenta a sinistra incerteza d'essas horas angustiosas, as sentinellas velam, graves, e tendo na fronte annuviada a tristeza da guerra civil; a um canto da rua, uma voz descuidosa e fresca entôa alegremente a canção festiva da mocidade e da primavera:

Nos jardins étaient un pot de tulipe,
Tu masquais la vitre avec un jupon;
Je prenais le bol de terre de pipe,
Et je te donnais la tasse en japon.

....

La première fois qu'en mon joyeux bouge
Je pris un baiser à ta lèvre en feu,
Quand tu t'en allas décoiffée et rouge,
Je restai tout pâle, et je crus en Dieu.

Foram estes os typos, que Henry Murger descreveu com tão scintillante penna no seu romance *Scénes de la vie de Bohême*, que Theodoro Barrière transplantou para a scena n'uma peça que o auctor do *Fidalguinho* traduziu aprimoradamente com o titulo *Os Estroinas*. Pertencem á classe que tentei descrever com rapidez o Rodolpho que João Rosa desenha graciosamente, o Marcel em que Polla é magnifico de espirito e de naturalidade, e aquelle exuberante Schaunard que valeu a Silveira, que o reproduziu brilhantemente, um merecidissimo triumpho, sem fallarmos no philosopho Colline, que tambem não foi infeliz no theatro de D. Maria II. Entram no numero das Sabinas d'estes Romanos aquella doidinha da Musette, uma especie de Manon Lescaut em edição barata, que Amelia Vieira interpreta com vivacidade, e Mimi... mas, emquanto a Mimi, tenho de fazer as minhas reservas.

Eu detesto a banalidade, estas phrases feitas, estes typos convencionaes, estes effeitos rançosos, que enthusiasmam os provincianos das cadeiras, os corações sensiveis das varandas, mas que já fazem dormir os porteiros, estes chás dos quartos actos, que refervem com esta a setima vez, estas poeticas tosses que o successo da *Dama das Camelias* tornou epidemicas no theatro, e estes ingenuos e ingenuas populares que vão aos salões doirados da aristocracia, e bradam altivos: E porque torna, e porque deixa, e salta meia duzia de phrases arremendadas, que se vendem com abatimento em todos os ferro-velhos do estylo. Odeio emfim tudo o que é friamente impingido ao publico por estes *arranjadores* de peças, que têem em casa armazem de effeitos scenicos, que não conheceram nunca as noites febris de trabalho e de inspiração, que não viveram os seus dramas, que não choraram as dôres que a sua imaginação phantasia, que não adoraram loucamente as suas heroinas, como o esculptor grego a sua formosa estatua, e que, quando escrevem, têem sempre diante de si a imagem do camaroteiro, e as caras boqui-abertas dos espectadores ingenuos.

Esses tratem embora lá de arranjar com as *ficelles* suas conhecidas os seus *imbroglios* dramaticos, mas não toquem na obra sagrada dos poetas. Theodoro Barriére não se póde considerar como um d'esses escriptores sem alma nem consciencia, mas é certo que, para arrancar uns applausos em segunda mão, enxertou na deliciosa Mimi de Henry Murger, n'essa Mimi, que tinha mais amor do que orthographia, uma copia photographica, a oito tostões a duzia, da Margarida Gautier de Dumas filho, e desfigurou atrozmente a suave e singelissima figura que Henry Murger phantasiára.

E comtudo Virginia é admiravel n'este papel contradictorio; o seu talento gracioso resplandece no 2.º e no 3.º acto; que doçura de voz, que suaves e verdadeiras inflexões! No 4.º acto permitta-me a intelligente actriz que a entregue ao braço secular dos applausos da platéa. Retomo-a no 5.º acto, onde Barriére aproveitou uns capitulos deliciosos do romance applicados a outra figura para entrar por uma porta travessa, mas emfim para entrar de novo na naturalidade e no sentimento verdadeiro. Ahi Virginia tem lampejos de um talento de primeira ordem. Ha uma dôr tão infantil, tão natural n'aquelles ingenuos desejos da pobre rapariga moribunda que nos esquecemos dos defeitos da peça, para vermos só uma creança que expira, e que sentimos aquelle arripio de commoção, que é o maior applauso que um actor póde desejar.

Ora eu acabo de elogiar Virginia, fallei com os merecidos louvores em todos os artistas que os seus papeis collocam mais no primeiro plano, lembro agora o trabalho consciencioso de Pinto de Campos, applaudo tambem Santos, como sempre ensaiador admiravel, e comtudo parece-me que me falta um actor, que se distinguiu pela felicidade com que caracterisou um typo, e pela sua veia comica sempre inexgotavel, e cada vez mais discreta, um actor que é já um dos primeiros do nosso theatro. Mas quem é elle, senhores?

—Prompto!

Ah! é Antonio Pedro.

1871.

O GLADIADOR DE RAVENNA

Foi amavelmente recebida pelo publico a tragedia o *Gladiador de Ravenna*, que o sr. Latino Coelho traduziu brilhantemente do allemão: a empreza do theatro de D. Maria convidou, com original delicadeza, muitos dos nossos escriptores para assistirem a uma das primeiras representações da peça; Emilia das Neves escolheu-a para um dos seus sempre triumphaes beneficios; a tragedia de Frederico Halm tem portanto sido tratada em Portugal com extremos de hospitalidade, e o publico tem-se aglomerado no theatro de D. Maria II, para ouvir intrepidamente de principio a fim os cinco actos tragicos de notavel escriptor germanico.

Merece-o a peça, merece-o a traducção, e merece-o o desempenho. O *Gladiador de Ravenna* está muito longe de ser uma d'essas obras grandiosas que imprimem o seu cunho possante na litteratura de uma nação, mas é uma peça simples, austera. toda inflammada na cega paixão que a torna eloquentissima, e respirando desde o primeiro até ao ultimo acto os mais varonis sentimentos. Pena foi

comtudo que o sr. Latino Coelho não nos traduzisse alguma das tragedias do grande repertorio allemão, algum dos dramas immortaes de Schiller, alguma das originalissimas tragedias de Hebbel, alguma outra das composições do mesmo Frederico Halm, onde podessemos apreciar melhor o genio dramatico d'esse escriptor, ennublado n'esta tragedia pelas preoccupações politicas que o dominam, e a que estão visivelmente aqui sacrificados o estudo das paixões, a verdade historica, e muitos outros elementos, que são aliás indispensaveis n'uma obra theatral de verdadeiro merito. O *Gladiador de Ravenna* teve na Allemanha um successo verdadeiramente patriotico; foi a *Marselheza* theatral do grande movimento allemão. Não é difficil perceber as allusões contemporaneas n'esses dialogos transportados para o 1.° seculo da era christã, e que tão deslocados se sentem n'elle; Thumelico, tão rebelde ás excitações bellicosas de sua mãe, Thumelico que se recusa brutalmente a pôr-se á testa da insurreição germanica, lembra-nos o timido rei da Prussia, que em 1848 recusou pertinazmente acceitar a corôa imperial e preferiu receber da Austria a bofetada d'Olmutz, que foi vingada em Sadowa, a desembainhar a velha espada d'Arminio, com que tanto nos massaram depois os germanistas de todos os paizes, e a aggregar á sombra da bandeira da unidade os liberaes da Allemanha. Aquelle Meroveu, que o sr. Moreira tão discretamente representa no theatro de D. Maria II, parece que nos está lendo um trecho de historia contemporanea, quando nos pinta as divisões dos principes germanicos, as rivalidades fataes quc produzem a perda de Arminio: e a vehemente objurgatoria de Thusnelda devia fustigar na face os numerosos alliados da Austria em

1866, ao passo que os estudantes allemães applaudiam freneticamente, jurando um odio implacavel a Roma *scilicet* raça latina, e preparando-se com uns hurrahs bem puxados para militarem, debaixo das ordens de Manteuffel ou de Steinmetz, na guerra contra a Austria, ou na guerra contra a França.

São essas as intenções politicas, que explicam o desprezo absoluto do auctor pela verdade historica, sempre que isso se lhe torne necessario para a execução do seu plano. Quem desenhou com mão tão firme, copiando-o do natural, o retrato de Caligula, quem esboçou a largos traços, mas a traços de mestre, o quadro da côrte de Roma no tempo do successor de Tiberio, não podia ignorar quanto eram absurdas aquellas invocações constantes á Germania, como se entre o Rheno e o Elba, entre o Danubio e o Weser, existisse n'esses tempos uma unica nação! A Germania não era n'essa época mais do que o aggregado confuso de povos diversos e inimigos, Burgundos, Saxonios, Francos, luctando constantemente, e fazendo consistir a sua gloria em se vencerem uns aos outros. Conservavam entre si tão profundos e tão arraigados odios, que até nas regiões do imperio romano, que innundaram como devastadora torrente, continuavam a sua peleja secular, ensopando em sangue germanico os plainos de Tolbiac, e outros campos de batalha, e muito espantados ficariam se uma Thusnelda qualquer, cathequisada pelo conde de Bismark, assegurasse a Chlodowig ou a outro chefe de tribu, que tudo aquillo eram guerras civis e pugnas fratricidas.

Todos sabem que a generalisação é um symptoma das civilisações adiantadas; a idéa de patria, na significação mais ampla d'esse termo, não póde brotar no espirito dos povos barbaros. O individualis-

mo germanico era tambem um obstaculo insuperavel a essas generalisações, em que Thusnelda é tão forte; o amor patrio do barbaro restringe-se forçosamente á tribu em que nasceu, e bem sabemos além d'isso que, ainda ha pouco tempo, o conde de Bismark se queixava amargamente do patriotismo de campanario, que todo o bom allemão antepunha a qualquer outro sentimento. Dar a Thusnelda portanto a consciencia da unidade germanica, fazer-lhe sentir que todos esses povos, que ou se não conheciam, ou nutriam uns pelos outros uma inimisade implacavel, eram a final da mesma raça, tinham a mesma origem, e podiam constituir uma só nação, é dotal-a com uns conhecimentos ethnographicos e geographicos taes, que nos fazem suppôr que Thusnelda, em quanto prisioneira, seguiu os cursos d'algum *privat-docent* da universidade de Berlim. Mas repetimol-o, Frederico Halm quiz actuar sobre os' espiritos contemporaneos, e não fazer um estudo historico, vestiu os seus personagens com os trajos do seculo I, mas animou-os com as paixões do seculo XIX, e, quando punha na boca de Thusnelda a palavra Teutoburgo, piscava o olho ás platéas allemãs, e murmurava : Leipsick.

E as platéas allemãs applaudiam, e soltavam um formidavel hurrah !

Esta preoccupação politica embaraça-o tambem mais de uma vez no estudo dos caracteres, e no desenho das paixões. Thusnelda, que é verdadeiramente a principal figura da peça, deixa de ser mulher para se tornar um pamphleto politico, uma dissertação, um prologo, um artigo de fundo interrompido por interlocutores, um discurso do conde de Bismark em maré de lyrismo, a *Gazeta da Cruz* nos *momentos psychologicos* dos rebates germanicos,

e uma carta do doutor Strauss com a musica da *Sentinella do Rheno*. É a declamação personalisada. Dizem que o *Gladiador de Ravenna* se pauta pelos simples e formosos modelos da tragedia grega; ás vezes parece antes que está vazada nos moldes da tragedia franceza do seculo XVIII. Thusnelda é declamatoria como uma heroina de Voltaire. Declama no principio, declama no meio, declama no fim; mata o filho, e, ó deuses immortaes! ainda depois d'isso declama! Ouves, Shakespeare? Ouves, Schiller? Ouves, Eschylo? Thusnelda mata o filho, e declama! Declama ainda depois de haver soltado aquelle selvagem *eu* de Medéa, que fazia estremecer de horror tragico os pávidos espectadores.

É que Thusnelda, mais uma vez o dizemos, não é mãe, não é mulher, não é uma creatura que tenha sangue e paixões humanas, é uma abstracção, é um symbolo, é a Germania, é a confederação do norte, é a universidade de Berlim. Como vinha excitar paixões politicas, tinha de ser declamatoria como um tribuno, como vinha torcer a historia para a adaptar aos sonhos modernos da Allemanha, havia de ser por força tão germanica do seculo I, como é Peruviana do seculo XVI a Alzira de Voltaire.

Não insisto; abstraindo d'estes defeitos inevitaveis n'uma obra escripta com taes intentos, a tragedia é eloquentissima e tem algumas scenas magistraes principalmente no 3.º acto; a traducção tem a fluencia, o vigor, a riqueza de linguagem do nosso grande escriptor Latino Coelho; no desempenho sente-se a cada momento a altissima intelligencia artistica de Santos. Emilia das Neves tem algumas inspirações admiraveis, e Heliodoro revelou-se um actor distinctissimo, porque soube crear um typo,

interpretal-o com egualdade, e teve no 3.º acto uma brilhante explosão, conservando ahi mesmo escrupulosamente o caracter do personagem.

Falta-me o espaço, e eu quero dizer ainda algumas palavras ácerca da magnifica poesia de Eduardo Vidal, *Ave Popule.* Este poeta mimosissimo, cujo estylo tem um ineffavel encanto, uma inexprimivel doçura, encontra ás vezes no seu alaúde enamorado umas notas varonis, que nos espantam e enthusiasmam. O seu *Ave Popule* mostra que o poeta póde amar os gorgeios do rouxinol, as noites suavissimas em que a lua prateia as aguas do rio, deixar-se embalar emfim por todos estes voluptuosos murmurios da primavera meridional, sem se enervar por isso, e sem deixar de conservar potente e energica a voz, para soltar a saudação sublime ao povo martyr, de cujas veias rotas tem sempre manado o sangue fecundativo das generosas idéas. Esta poesia, que acompanha todas as noites o *Gladiador*, como um protesto eloquentissimo contra as cxcitações odientas dos dsscendentes de Arminio, que se querem vingar hoje das injurias dos Cesares nos descendentes de Vercingetorix, é de todo o ponto admiravel pela idéa, pela formosura do estylo, e pela harmonia e vigor da metrificação. O alexandrino manneja-o Vidal com rara mestria, e é tão senhor da lingua que nunca lhe falta, para vasar em bronze as suas vehementes e sublimes inspirações, a expressão mais propria, mais colorida e mais fervida.

O espectaculo, que está em scena no theatro de D. Maria II, é portanto dos mais ricamente litterarios que ali se teem dado. Prosa de Latino Coelho, e verso de Vidal. É ambrosia e nectar, ó Deuses immortaes!

1871.

O DIA 24 DE JULHO

Paga emfim Lisboa uma divida sagrada. Festeja o dia radioso, em que viu fugirem, como que tocadas pelo dedo da Providencia de um inexplicavel panico, as hostes da tyrannia, e em que viu fluctuar o genio da Liberdade nas prégas da bandeira bicolor.

Ah! a liberdade é por si só um bem tão estremecido, uma aspiração tão sagrada, que os povos saúdam-n'a, ainda que a vejam envolta em nuvens de sangue, precedida pelo terror, escoltada pelo sinistro cortejo das vinganças seculares. Saúdou-a a França, apesar de a ver desvairada, arrastando pelas ruas o manto demagogico, erguendo os cadafalsos, levando de rojo pelos cabellos, com os braços ensanguentados, velhos, mulheres e crianças, respondendo ao rebate de S. Bartholomeu com os gritos selvagens de 2 de setembro, despregando ás auras a bandeira do lucto e a bandeira sanguinolenta. Saúdou-a, apesar de a ver, não virgem serena e casta, mas com o terrivel aspecto da Nemesis antiga, recordando os padecimentos de quatorze secu-

los, clamando por vingança, passando loucamente dos braços de Danton para os braços de Robespierre, deixando-se de novo algemar por Bonaparte, mas impregnando ao mesmo tempo na luz da sua auréola os costumes, os codigos, as instituições da moderna civilisação.

Lamentando os seus desvairamentos, o povo que a recebera ia morrer por ella na fronteira ameaçada: prevendo que os seus crimes haviam de trazer, como resultado, a expiação do despotismo, luctava por conserval-a. Era a virgem louca, mas na sua fronte pallida brilhava a luz do céo; deixava-se fascinar pelas seducções da vingança, levantava do chão as armas dos tyrannos, em vez de as quebrar nos joelhos, mas no fim de tudo a sua face, contorcida momentaneamente pelas horridas visagens da sua criminosa insania, era a face indignada do Direito!

Mas entre nós este dia 24 de julho foi verdadeiramente um dia de immaculada aurora. No solo abençoado de Portugal a liberdade não tem remorsos; o terror foi o privilegio, foi a arma do absolutismo. Foi a tyrannia reaccionaria que ergueu o cadafalso, foi a monarchia do direito divino que atulhou as prisões, foi em nome do throno e do altar que se intentou a systematica perseguição contra mulheres, velhos e crianças, foi do lado do absolutismo tradicional que estiveram as mãos ensanguentadas, foi um frade, o nosso Hébert, José Agostinho de Macedo, que se fez o apologista da forca e o sicario da penna; se o *Pére Duchêne* invocava, manchando-a, a sacra liberdade, os pamphletos do auctor da *Besta esfolada* eram os dignos defensores do obscurantismo. Lisboa acolheria sempre com jubilo a idéa dos novos tempos, mas com que enthu-

siasmo a saudou, vendo que ella lhe trazia o livramento, a serenidade de espirito, o respeito da familia, a homenagem ao direito, o pensamento emancipado, a clemencia, a pacificação e a luz!

A liberdade vinha derrubar os cadafalsos, vinha arrombar as portas dos carceres, vinha restituir ás suas casas os que andavam homiziados, vinha dar a uns a patria, a outros a familia, a todos o sagrado nome de cidadãos. O direito surgia em todo o seu esplendor, quebrando algemas, affugentando os soldados da velha realeza, espalhando em torno de si vida e jubilos, fazendo fluctuar nos ares essa bandeira branca e azul, aurora santa do progresso e da emancipação.

Aqui estavam de um lado a tréva, do outro lado a luz; d'um lado o carrasco e a forca, a prisão e os carcereiros inquisitoriaes, os pretorianos do cacete, os perseguidores de mulheres, os homens das listas proscriptoras, os tyrannos e os algozes; do outro lado o batalhão sagrado dos proscriptos, os defensores dos victimas, os homens experimentados por infortunios sem nome; de um lado o perjurio, do outro a abnegação; de um lado as grandes massas de tropas, a brutalidade do numero, do outro um punhado heroico de bravos, que affrontaram intrepidamente, annos e annos a fio, agora nos penhascos da Terceira, logo nos baluartes do Porto, as injurias do destino, que por mais de uma vez perderam a esperança, mas a coragem nunca.

E quem é que se envolvia nas sombras densas, quem violava os direitos mais sagrados da humanidade, quem insultava Deus pondo-o ao serviço das paixões mundanas, quem empregava, sem remorsos, todos os instrumentos do mal, quem resuscitava, concentrando-as no seu regimen, todas as velhas ty-

rannias, quem invocava a um tempo, para fazer reinar sobre este desgraçado paiz o systema do Terror, as coleras demagogicas da plebe fanatisada, as tradições do absolutismo impiedoso, as doutrinas implacaveis da falsa religião dos inquisidores? A reacção. Quem vinha, atravez de mil perigos, com as mãos immaculadas, quebrar os grilhões, despir a alva aos condemnados, devolver á luz do sol os infelizes por tanto tempo immersos na sombra lugubre dos carceres doentios? quem vinha, respeitando todos os direitos, pugnar pelo pensamento contemporaneo, inaugurar o reinado da clemencia, beneficiar os seus proprios inimigos? A liberdade.

Tambem como Lisboa saúdava esses intrepidos mil e quinhentos, que atravessavam as suas ruas, com a fronte queimada pelo sol das longas marchas, com as mãos negras de polvora, trazendo ainda no olhar a exaltação da victoria! A liberdade tinha decididamente em Portugal um perfume cavalheiresco. Á frente da diminuta phalange marchava o duque da Terceira, esse nobre typo da velha fidalguia retemperada nas luctas liberaes, o descendente de D. Sancho Manuel, heroe do Ameixial, o gentil-homem em cujos dois titulos, conde de Villa Flor e duque da Terceira, estavam symbolisadas a um tempo as victorias da independencia e as victorias da liberdade! Esses moços imberbes, que o seguiam, uns que tinham trocado a escola pelo campo da peleja, outros que tinham deixado o ninho da familia para virem empunhar a espingarda e a lança, eram os mesmos que tinham vencido os espessos e aguerridos esquadrões do despotismo. Sempre um contra dez nas suas luctas epicas! A liberdade, como os cavalleiros das antigas eras, affrontava o numero, pugnava pelos opprimidos, e, em vez de ter de dece-

par, como em França, a cabeça bella, altiva e sympathica de uma rainha, em vez de ter de erguer o cadafalso de Maria Antonieta, pugnava pelo contrario pelos direitos menosprezados de uma joven dama proscripta; longe de mostrar ao mundo, na phrase de Chateaubriand, quantas lagrimas se encerram nos olhos de uma filha dos imperadores, enxugava sorrindo os prantos da juvenil rainha, e abrigava-se á sombra da bandeira, que symbolisava a idéa do futuro.

O mez de julho é tambem festejado em França; no dia 14 d'esse mez tomou o povo a Bastilha, derrubou e arrasou a velha fortaleza do despotismo. Fazendo isso porém, apenas derrubava um symbolo, fazia entrar o sol nos carceres que o bondoso Luiz XVI deixava quasi desertos, vingava a oppressão de quinhentos annos, fazia estremecer de jubilo debaixo da terra os ossos das victimas, mas quasi não encontrava captivos que libertasse. Em Portugal as phalanges da idéa moderna tinham mais santo jubilo; o genio dos novos tempos, que dera força a esse punhado de bravos para vencerem innumeras turbas armadas, arrombando as portas das Bastilhas portuguezas, resuscitava enxames de presos, e podia dizer a cada uma das familias, que choravam de alegria tornando a ver os entes caros que julgavam para sempre perdidos, ao povo que contemplava, cheio de enthusiasmo, esse commovente espectaculo: Vês? Eu sou a liberdade, porque sou a redempção e a luz.

1872.

PHYSIOLOGIA DO CHAPEU ARMADO

O chapéu armado é um dos elementos da governação publica em Portugal.

Ministro que se visse obrigado a governar sem chapéus armados, dava no dia seguinte a sua demissão.

Actualmente ha só dois modos de fazer cair um ministerio; o primeiro é não approvando o orçamento, o segundo fazendo passar um projecto de lei para abolir o chapéu armado.

Ao primeiro golpe ha ministerios capazes de sobreviver, ao segundo nenhum!

É verdade que a camara, que ousasse promulgar similhante lei, tomava sobre os seus hombros uma terrivel responsabilidade.

No dia seguinte a parte de policia mencionava suicidios de membros da academia, de moços fidalgos, de capellães militares, de correios de ministros e de gatos pingados.

Funccionario, que leia este meu folhetim, empallidece decerto, só ao pensar que o chapéu armado póde acabar um dia.

Não se assuste; póde o mais terrivel cataclysmo

social fazer com que Portugal desappareça do mappa das nações; mas do mesmo modo que ao nosso poderio, á nossa grandeza, á nossa gloria sobreviveu o poema dos *Luziadas*, assim esse outro moderno poema, devido ás inspirações do Antonio Thomás, e do Bello, rapsodes, que as gerações futuras hão de fundir n'um mytho similhante ao de Homero, esse poema de dois cantos, ou de dois bicos, o que vem a dar na mesma, ha de sobreviver ás nossas glorias modernas, e ha de contar á posteridade os segredos da nossa actual existencia.

Vivem no poema de Camões os feitos gloriosos dos nossos antepassados, as façanhas do Campo de Ourique, os prodigios de Aljubarrota, a audacia dos nossos descobridores, a honrada rudeza dos nossos fidalgos, a benignidade dos nossos reis. Viverão no chapéu armado as paradas do campo de Ourique (com o seu milagresinho tambem, se for necessario), as bernardas, as eleições, a honrada rudeza das nossas maiorias, e o merecimento e mais partes que têem concorrido nas pessoas dos nossos ministros. Tudo isso ha de viver no chapéu armado, todas essas glorias lá hão de ser cantadas, umas no forro, outras no pêllo, outras no galão, outras nas plumas (se plumas houver). Tudo ha de ter o seu logar, e sem muito apertão.

Tem-se apresentado uma immensidade de razões para combater a possibilidade da união iberica. Tem-se dito que entre estes dois conjuges, divorciados em 1640, existe uma grande incompatibilidade de genio; tem-se asseverado que as leis hespanholas não se coadunam com o caracter dos portuguezes, nem as leis portuguezas com o caracter dos nossos visinhos. *Fadaises que tout cela!* O verdadeiro motivo é o seguinte:

É a incerteza em que estamos sobre se o chapéu armado se deveria ou não riscar das nossas instituições.

Bem vêem que é esta uma questão séria. Se os estadistas não attenderem á cabeça dos cidadãos, mal governada é a republica.

Ora ha um equilibrio tão grave como o equilibrio de temperatura ou o equilibrio europeu: é o equilibrio cephalico (tinha que ver se eu uma vez não havia de fallar grego no folhetim). A lei das compensações está na natureza.

A falta de miolos n'uma cabeça devia deslocar por força o centro de gravidade e mudar em equilibrio instavel o equilibrio estavel, em que todos por ahi andam com os pés no chão, e alguns com as mãos tambem, se por acaso conservam um resto de consciencia. Transtornada por esta fórma a distribuição natural do peso correspondente a cada uma das partes do corpo, teriam muitos sujeitos serios de percorrer a cidade ás cambalhotas, o que seria realmente um espectaculo pittoresco, mas attentatorio da dignidade humana, que se não póde conceber embrulhada em peloticas, muito para se verem e admirarem, mas pouco para infundirem veneração e respeito nos estouvados, que reconheceriam então que a cabeça vasia é uma das prerogativas da gente séria.

Ora o que fizeram os novos estadistas para remediarem a esse inconveniente?

Inventaram esse mirifico substituto dos miolos, que restabelece o equilibrio, maroma das pessoas graves, com a qual ellas caminham serenamente na corda bamba dos altos cargos da republica, com admiração dos que não sabem que o chapéu armado é a plumagem de pavão, com que nos embaçam todas as gralhas, que conseguem subir ao poleiro.

Quem seria o ministro, sob cujo imperio se realisaria esta innovação? Qual será o Cicero que poderá bradar á posteridade: *Fortunatum natum, me consule, chapéum armatum?*

Não se sabe; a mysteriosa nebulosidade, que involve os inventores das cousas verdadeiramente monumentaes, não deixou de consagrar tambem este miraculoso invento.

Entendem então que póde haver união iberica, emquanto os annexionistas hespanhoes não proclamarem religião do estado a religião do chapéu armado?

Está claro por conseguinte que, se o governo creasse um logar de folhetinista, não dispensaria quem o preenchesse de sacrificar nos altares do idolo nacional.

A espada tambem não podia faltar. Das mais inoffensivas cinturas pende este symbolo guerreiro. Portugal começou a usar espada... desde que a não desembainha. Não ha, parece-me, classe alguma dependente do orçamento, a quem falte este bellico enfeite. Aos mesmos cirurgiões não falta a catana, como se o previdente governo pensasse nos casos em que falhassem os recursos habituaes da sciencia.

1863.

O DEPUTADO VENHA-A-NÓS

Scena comica representada pela primeira vez no theatro da Trindade no dia 16 de março de 1870.

PERSONAGEM UNICO

José Patricio, deputado.......... SR. TABORDA

O theatro representa uma sala de casa de hospedes, singelamente mobilada.

José Patricio *(entrando com impeto e enthusiasmo, e de chapéu na cabeça)*

Mil novecentos e cincoenta e trez, maioria compacta, quasi unanimidade. *(Reparando na platéa, e tirando o chapéu)*. Oh! perdão, meus senhores, eu não sabia que no predio havia tão numerosa visinhança. Como não tenho quem me apresente, serei eu que enumere os meus nomes e qualidades: José Patricio Venha-a-nós, deputado firme nas suas convicções, veterano das lides parlamentares, militando sempre na maioria, disciplinado, zeloso e obediente, não desertando nunca antes de tempo, e de-

fendendo os ministerios até ao penultimo quarto d'hora da sua existencia! Pronuncio «approvo e regeito» com voz sonora e clara, durmo durante as discussões, mas desperto sempre no fim para dizer «apoiado» quando é o ministro que falla, excepto nas occasiões de crise, em que habitualmente mantenho a mais austera reserva. Se algum dos senhores ainda subir ao poder, queira lembrar-se do meu nome para as primeiras eleições.

Sou ministerial; com altivez o digo, porque sempre o tenho sido. Não imito esses cataventos, que hoje pertencem á maioria, ámanhã á opposição. A minha politica não é politica de homens, é politica de idéas; defendo o governo... seja elle lá quem fôr. A minha defesa é indulgente, mas tem limites. Fecho os olhos a todas as escorregadelas dos ministros, só uma coisa lhes não perdôo... é cairem. *Glissez, mortels, ne tombez pas.* Em um governo caindo, perdeu a minha confiança.

Quantos me tem assim abandonado! Eu derramo uma lagrima sobre o seu tumulo, e passo logo, «voando a novos amores». Sou o Barba Azul dos ministerios. *(Canta)*.

O meu governo primeiro
esse morreu em janeiro,
sem ninguem saber porque;
ao segundo e ao terceiro,
estando em parto financeiro,
fez-lhe Deus egual mercê.

Por isso os meus eleitores me são gratos, e ainda hontem me dizia um d'elles, venerando ancião que, desde a sua florida mocidade, tem votado sempre na lista do regedor: Eu gosto de v. ex.ª, porque d'antes mandavam-nos votar n'um sugeito, e vae *des-*

pois vinha outro governo, e tinha a gente de votar n'outro. Agora não, agora é sempre a vocemecê que o sr. regedor propõe.

«É para que você saiba, respondi eu, o que é um homem que não vira a casaca». Chegam a passar os regedores e eu fico sempre; pois um regedor é ostra que não larga a rocha assim á primeira mudança de ministerio. A deputação é para mim um emprego inamovivel; ainda hei de pedir reforma com ordenado por inteiro.

Tambem o resultado é este, maioria formidavel, o que é devido, entre outras coisas, á minha eloquencia, porque d'esta vez reuni os meus eleitores em comicio; para que os senhores saibam o que eu hei de ser este anno na camara, sempre lhes repetirei o que lá disse *(Tomando a attitude e voz de orador)*:

Concidadãos e amigos (muito bem) vindo solicitar os vossos sufragios independentes, (bravo) eu devo expor-lhes as minhas idéas ácerca da governação do Estado... Eu tenho uma theoria do imposto (murmurios na assembléa; um figurão que é lá a primeira pessoa da terra declara que isso é fossil)... Attendam-me!... uma theoria, pela qual, combinando com a grammatica a arithmetica, espero chegar a um resultado favoravel. O meu systema resume-se n'uma conjugação. Eu não pago... *Eu*, é a primeira pessoa, e as primeiras pessoas são sempre as que não pagam... Tu pagas, elle paga... *Tu* mais *elle*... dois, menos um que sou *eu*... a somma é positiva... *Nós* pagamos!... Tira-se a prova dos noves, noves fóra nada... O resultado é para o thesouro.

Mas, como este systema não enche os cofres, meus senhores, entendo que são necessarias as mais severas economias. Uma bem radical hei-de eu propôr, lembrando que nos papeis das secretarias d'estado

os *ii* não tenham ponto. Economia de tinta, meus senhores!... e de caminho não se põem os pontos nos *ii*, o que é sempre desagradavel, ou pelo menos escusado nos orçamentos e atrapalhações correlativas.

Oh! por isto não julgueis que eu seja d'esses espiritos meticulosos, que tudo acham mau, que se queixam, por exemplo, do mau estado da marinha, e de que as colonias, em vez de serem productivas, estejam todos os dias a arrancar-nos dinheiro. Ah! meus senhores, o que são as colonias? são um symbolo, o symbolo do nosso preterito. E o que foi o nosso preterito? Foi o apostolado da fé. E os nossos antepassados? os apostolos pela espada. Logo as colonias são o symbolo dos apostolos. E o que é o symbolo do apostolos? É o Padre Nosso. [1] E o que diz o Padre Nosso? O pão nosso de cada dia nos dae hoje. É o que nos dizem as colonias.

Mas a marinha, acodem alguns, a nossa antiga e poderosa marinha, a que ficou reduzida? A coisa nenhuma, nada. A marinha... nada! Pois, se a marinha não nadasse, ia toda ao fundo. E se Portugal, n'este seculo, ficou a ver navios, o que faria se os tivesse?

Meus senhores, as minhas idéas, ácerca das reformas do exercito, resumem-se em dois pontos capitaes. Em primeiro logar a creação de um asylo para as mulheres dos soldados, afim de fornecer vivandeiras, cuja falta se está fazendo sentir. É verdade que os soldados não podem casar. *Passons, c'est un détail.* Em segundo logar uma mudança d'uniformes. Portugal teve a gloria de sentir que estava destinada a agulha a exercer uma grande influencia no predominio militar d'este seculo. Veja-se a Prussia. É

[1] Quem nos acode! O symbolo dos apostolos é o *Credo*. Josè Patricio em doutrina christã fazia fraca figura.

verdade que lá foi a agulha da espingarda, e aqui a agulha do alfaiate. *Passons, c'est un détail.*

Ah! meus senhores, se eu despertei no vosso animo estas idéas bellicosas, é porque rumores sinistros ameaçam a nossa independencia. Eu não quero a Iberia, repulso com patriotica indignação as ameaças dos nossos visinhos; mas entendo que não devemos abaixar-nos nem a construir fortalezas, nem a adestrar as populações no exercicio das armas, nem a consolidar o exercito, nem a criar milicias. Como havemos pois, dizeis-me vós, de nos defender contra a Hespanha? Como? Com a *Philippa de Vilhena* no theatro de D. Maria II, o hymno da restauração em todas as philarmonicas da patria, e nas fronteiras as sombras dos heroes de 1640! Isso basta. Nada mais é preciso! *(Enthusiasma-se e sobe á cadeira)* Porque Portugal é a patria de D. João I... e de Affonso d'Albuquerque... e de Vasco da Gama... e de D. João de Castro... e... e... e *(Canta)*

E pif, paf, puf, rana cata pum
Soldado valente, general Boum! bum!

Eu sou o homem do progresso, meus senhores, eu tenho idéas avançadas; nas questões administrativas, sempre voto pela descentralisação. E o que é a descentralisação? Eu lh'o explico. O conjuncto de nós todos é o que constitue a patria. A barriga da patria é a collecção das barrigas de todos os cidadãos. Centralisação é tratarem todos da barriga da patria. Descentralisação é tratar cada um da sua propria barriga: — *self government*. Eu sou descentralisador, concidadãos e amigos.

Eu quero a consolidação das consciencias. A consciencia d'um eleitor tem passado n'este seculo pelos tres estados que a physica reconhece. Em 1820,

quando reinava entre nós a ingenuidade constitucional, quando havia fervor nos espiritos, estava a consciencia no estado gazoso, era toda pundonor, patriotismo e outros gazes que nem servem para illuminação. Depois abaixou-se a temperatura, e a consciencia d'um eleitor passou ao estado liquido, valendo meia canada de vinho. Hoje emfim a consciencia d'um eleitor passou ao estado solido, porque vale dez tostões, e seis mil réis á ultima hora. É a solidificação das consciencias, é o triumpho da democracia, é o progresso, é a civilisação.

Eu sou democrata, e para lhes revelar com franqueza as minhas secretas convicções, devo confessar-lhes que no fundo d'alma eu sou republicano. Vejo ao longe, ao longe, n'um horisonte doirado pelo sol da moralidade eleitoral, perfumado pelas emanações d'este desinteresse politico de que todos estamos possuidos, e que se ha de ir desenvolvendo, vejo, entre esses esplendores e essas fragrancias, a visão radiosa da *republica!* E o que é a republica? Ah! a republica é mais um logar vago. E para melhor a definir a todos os que me ouvem, dir-lhes-hei: A republica é mais uma eleição, rapaziada!

(Natural). Ó senhores, quando eu disse isto, não imaginam que torrente de applausos! Era tudo a gritar «viva a republica». Vi-me grego para salvar o governo constituido. Emfim, sempre os pude convencer de que a carta constitucional ainda se podia explorar, e elles terminaram, cantando commigo em coro: *(Canta)*.

Ó carta adorada
por nós embaçada,
vaes ser conservada
que és logro, e dos bons!

Foram d'ali para a urna; apesar das tricas da opposição, que teve á ultima hora a impudencia de offerecer uma libra por voto, emquanto o governo, mantendo-se na linha da mais estricta moralidade, apenas dava tres mil e quinhentos, apesar d'isso sahi eleito pela maioria que já sabem. Vou para a camara, cheio de patrioticos desejos, de eloquencia, e de firmes convicções. Sim

Eu nas lides da palavra,
nos combates da tribuna,
dos revezes da fortuna
quero vingar Portugal.
O' patria, tu que reinaste
desde o Tejo até ao Ganges,
vou servir-te nas phalanges
d'um governo liberal!

Ah! mas se um dia o governo,
seguindo um caminho ousado,
vem a perder, desgraçado,
a confiança da nação:
se a maioria oscillante
eu vejo nos corredores,
e na sala alguns rumores
predizem borrasca, então (*Canta*).

Vêr-me-heis então
tão, tão, tão, tão,
pregar-lhe um mono na votação.
vêr-me-heis então
tão, tão, tão, tão,
passar-lhe o pé p'ra a opposição.

CAE O PANNO

D. PEDRO V

Lembram-se todos da sinistra impressão, que pungiu os habitantes de Lisboa, quando correu de boca em boca a lugubre noticia: Morreu D. Pedro V! O grito *Madame est morte*, resoando na capella de Versailles, proferido pela voz de Bossuet, banhava de lagrimas o rosto dos mais impassiveis cortezãos; mas tornava-o soberanamente pathetico a grande eloquencia do arcebispo de Meaux. Aqui a noticia era por si só bastante eloquente! O que! tanta bondade, tão viçosa juventude, tão nobre comprehensão do dever, tão altos dotes do espirito sumidos de subito e irremediavelmente no tumulo! E para isto lhe semeára a Providencia a estrada da vida de pungentissimos espinhos! Quem não pensava que tantas provações, que o tinham amargurado, eram apenas o doloroso cadinho em que se retemperava a sua alma egregia, em que adquiria, á custa de muitas lagrimas derramadas, a robustez estoica, necessaria para quem tem de luctar com as tempestades que açoitam as eminencias! Foi para isto que o seu anjo da guarda purificou emtorno d'elle o ar contamina-

do pelas exhalações dos hospitaes dos epidemicos! Foi para isto que o Omnipotente o não matou de afflicção junto do leito onde agonisava a esposa estremecida! Foi para isto que lhe lacerou, fibra a fibra, o coração affectuoso! foi para isto que o fez atravessar, incolume e sereno, os desastres que se desencadeiavam em derredor d'elle! E, quando todos julgavam que tantas dôres, heroicamente supportadas, o tornavam ao menos invulneravel e sagrado, vem a morte apagar esta luz, que sentira emtorno de si a aza doida de tantas tempestades, que vacilára ao embate de tantos naufragios, vem cortar a flôr d'esta existencia já regada de tantas lagrimas!

O povo amava-o devéras. D. Pedro V subira ao throno por direito hereditario; mas sagrára-o rei tacitamente o suffragio universal. Nos campos de batalha, entre as acclamações dos soldados victoriosos, muitas vezes um general feliz levantou do chão um diadema, ou um rei como Gustavo Adolpho, Carlos XII e Frederico II, poisou com energia na fronte a corôa herdada de seus paes; no campo de batalha, onde estava de um lado a humanidade do outro a epidemia, conquistou D. Pedro V o direito de cingir com a sua propria mão o diadema que não levantava tingido de sangue, mas banhado de luz.

O seculo vae pouco propicio ás realezas; a democracia inquieta, se as acceita sem repugnancia, exige-lhes comtudo que justifiquem na educação, na intelligencia, na seriedade dos seus representantes, o privilegio d'essa magistratura hereditaria. Quem mais do que D. Pedro V satisfez as exigencias dos mais susceptiveis democratas? Em que outro homem encontraria o suffragio reunidas tantas qualidades superiores, que o indigitassem para chefe do Esta-

do! Quem teria em mais alto gráu do que elle a intelligencia, a moralidade, o bom senso, o saber, a coragem, e quem teria ao mesmo tempo aquelle amor desinteressado do bem, aquelle desejo sincero de acertar, que substituiam n'elle os estimulos habituaes e nem sempre escrupulosos da ambição?

Por isso tambem a democracia foi a sua verdadeira côrte, o povo tinha por elle mais do que respeito, mais do que veneração, estremecia-o. Quando ás vezes, nos arredores de Lisboa, os populares encontravam D. Pedro V de braço dado com sua esposa, em algum longo passeio de pombos namorados, ao verem aquelle par sympathico, elegante, que passava como que banhado pelas melancholias do sol poente, respirando os vagos perfumes campestres, escutando os rumores do descahir da tarde, ao verem aquelles dois moços, que pareciam reflectir nos olhos um do outro a pureza e a bondade das suas almas, ao verem aquelles juvenis esposos, que passavam sem cortejo, nem guardas, simplesmente, amando-se, conversando em voz baixa, sorrindo-se um para o outro, communicando-se as suas impressões, os populares, os camponezes, não os saudavam simplesmente, chegavam á porta das choupanas, com as mulheres e os filhos, e comprimentavam-n'o como se comprimenta um amigo, com um sorriso nos labios, com as lagrimas nos olhos, como se saúda um filho que se estremece, que é quando o vemos mais risonho, mais cheio de saude, de vida e de alegria, que sentimos como que brotarem as lagrimas da exuberancia do jubilo, e que murmurâmos com os olhos arrasados de agua: «Oh! Deus, se elle nos falta!»

E depois, quando effectivamente aquellas duas

pombas da realeza voaram em busca uma da outra, e ambas chamadas pelos effluvios da primavera do céo, formou-se a lenda como uma auréola em torno d'essas duas cabeças poeticas, e o povo julgou talvez que n'uma d'essas tardes de outono, quando iam ambos contemplar o campo, e o rio e a cidade, viera um raio do sol, e, enlaçando as suas duas almas, as levára para o céu, para as furtar ás sombras, á tristeza, á amargura da terra e da noite.

A democracia, disse eu, acceitára com um enthusiasmo quasi cortezão a realeza de D. Pedro V; este acceitára com sinceridade, com ardor, as idéas democraticas do tempo em que vivia. Antes de ser rei, o que elle era principalmente era um homem de sciencia e de estudo. Lêra desinteressadamente a historia, sondára os problemas da philosophia, e, com o grande sentimento de justiça que enchia a sua nobre alma, formára umas convicções democraticas sérias e inabalaveis. Não se comprehende facilmente D. Pedro V rei absoluto, nem elle o comprehenderia, nem elle o acceitaria. Era primeiro que tudo um homem do seu tempo: se o acaso o fizesse nascer longe do throno, seria um dos mais firmes campeões da idéa revolucionaria; no throno não renegava as suas convicções, e, se se publicassem muitos dos seus escriptos particulares, escriptos em que elle traçava para uso proprio as idéas que iam despertando na sua alma a marcha dos acontecimentos, e o embate das theorias no campo da Europa moderna, havia de se ver, não com espanto, mas com uma admiração profunda e um profundo respeito pela extrema lealdade d'aquelle nobre espirito, que tinha sobre todas as coisas idéas bem mais avançadas do que esses tribunos que para ahi fazem radicalismo que renegam, logo que lhes dêem

não um throno, mas uma administração de concelho.

Se D. Pedro V era um homem da geração moderna pelo estudo e pelo espirito scientifico, estava bem longe de ter a alma esterilisada pelo sopro do materialismo, que em torno de nós vae murchando e embaciando tudo o que havia de radioso na arte, e de florido na existencia. Não tinha o altivo despreso dos laços de familia, nem o desdem das religiões positivas. Havia um não sei quê de suave e de commovente no respeito d'aquelle espirito viril pelas tendencias ligeiramente mysticas, em que de vez em quando se embebia a sincera e purissima religião de sua esposa, sem que essa delicadeza excluisse um meigo esforço para luctar com essas tendencias, para não deixar essas idéas religiosas, que elle partilhava, transformarem-se em preoccupações funestas. Ah! e tão fino amor, tão robusta intelligencia, tão nobre austeridade de caracter, e o affecto do povo, e o respeito da Europa, nada d'isso valeu para desarmar a morte impiedosa, e, embora brilhasse com a mais vivida luz, essa estrella passou no céo da realeza, como uma d'essas *étoiles-filantes* da canção melancholica de Béranger!...

Se as saudades de um povo inteiro me não tranquillisassem a esse respeito, receiaria que a minha penna commovida se tivesse deixado arrastar por sentimentos pessoaes, e que eu tivesse visto D. Pedro V atravez do prisma da gratidão. Para mim comtudo o seu vulto é duplamente santo e duplamente saudoso; fallando n'elle, estou como que ouvindo o echo melancholico das palavras de um homem, a quem elle chamou amigo, e que o amava devéras com um affecto quasi paternal; por traz do

vulto melancholico do soberano extincto, como que estou vendo agora, com os olhos da phantasia, e com a saudade do coração, a cabeça branca e pensativa de meu pae.

1872.

THIERS

Está agora em Trouville. Chegou pelo caminho de ferro. Não levava mala, porque isso seria dar-se uns certos ares imperiaes, nem chapeu de chuva para que os principes d'Orleans não suppozessem que elle queria continuar Luiz Philippe; mas tinha pendurada de um dos braços Mad. Thiers, do outro Mlle. Dosne, que eu não sei quem é, mas que tem um nome que tresanda a *vieille fille*. Passeia na praia os seus robustos setenta e cinco annos, os seus oculos redondos tradicionaes, e um chapeu, que só tem dois semelhantes em França, o do sr. Guizot e o do sr. Odilon-Barrot. Se elles governassem juntos, não formavam um triumvirato, mas um *triumchapelato*.

Ha o seu mysterio n'esta questão dos chapeus dos chefes de Estado. O sr. Thiers usa um chapeu comprado no tempo em que foi ministro de Luiz Philippe; o sr. Horacio Greeley, futuro presidente provavel dos Estados-Unidos, [1] quando sua mulher

[1] Falhou a previsão; Grant foi reeleito, Greeley depois d'isso morreu, e assim findou a sua candidatura.

lhe impinge surrateiramente um chapeu novo, sae com elle sem reparar, mas d'ahi a um quarto de hora está em casa gritando que tinha todas as suas idéas no chapeu velho, que, se lhe não dão o chapeu velho, não apparece no seguinte dia a *Tribuna*, e tanto barulho faz que d'ahi a cinco minutos atravessa a rua triumphante, e de chapeu velho na cabeça.

Esta questão de chapeus não pára nos presidentes de republica. Sua Magestade o imperador do Brazil atravessou a Europa de chapeu de coco; sua magestade o imperador da Allemanha não tem chapeu, tem um capacete com pára-raios. Isto é forçosamente resultado da experiencia das revoluções. Tem-se declamado tanto contra as testas coroadas, que os chefes dos Estados, depois de terem democratisado a corôa, começam agora a proletarisar o chapeu.

O chapeu de mr. Thiers tem comtudo, supponho eu, uma alta significação politica. Emquanto a direita vir o chapeu do sr. Thiers parecido com o chapeu de mr. Guizot, vae soffrendo com paciencia a republica do nosso proximo; no dia em que o chapeu do sr. Thiers se fôr approximando da fórma do do sr. Gambetta, a direita declara que se rompeu o pacto de Bordeus, e começa a fazer barulho.

Sempre activo e esperto, passeiando ao sol e á chuva, assistindo a experiencias de tiro, animando com a sua palavra pittoresca a palestra á mesa ou na praia, mostrando saber de tudo, com a cabeça cheia de idéas, com a imaginação fertil em expedientes, o sr. Thiers, mais baixo ainda que o seu heroe da *Historia do Consulado e do Imperio*, vae de Trouville governando a França com uma sagacidade rara. Este robusto velho teve os ultimos annos da sua vida doirados por uma inesperada popu-

laridade. Como elle era a personalisação do bom senso, a França, cançada das vergonhosas leviandades do segundo imperio, e dos lamentaveis estouvamentos dos homens de 4 de setembro, lançou-selhe nos braços. E aqui temos o sr. Thiers, antigo historiador, antigo ministro, que já se collocára voluntariamente no quadro dos reformados da politica, chamado de novo á vida activa, encarregado de salvar a França devastada, arruinada, dilacerada, tendo no seio as convulsões presagas da proxima agitação da Communa. E não verga debaixo do peso de tamanha responsabilidade, e, piloto habilissimo, leva a porto de salvamento o navio desmastreado!

A republica em França, devemos confessal-o, tem sina de ser o menos liberal de todos os governos; na republica de 1792 Danton primeiramente, depois Robespierre, depois os cinco membros do Directorio, depois o consul Bonaparte, governaram despoticamente, não fazendo caso algum das minorias.

A republica em França encontrou sempre um meio de governar sem opposição; Danton, depois de ter enchido as prisões de *suspeitos*, quando as tinha já cheias a trasbordar, despejava-as no seio da infima plebe, a quem dava carta branca ou antes carta vermelha, o que deu em resultado as matanças de 2 e 3 de setembro; Robespierre mandava guilhotinar uma boa porção da minoria, como fez aos girondinos; o Directorio pegava n'uma parte da opposição parlamentar, e ferrava com ella em Cayenna; o consul Bonaparte, depois de ter arranjado uma constituição em que era extremamente difficil a um deputado poder dizer duas palavras, se ainda assim no tribunato Benjamim Constant ousava fazer timidamente algumas observações ácerca do governo do heroe de Marengo, o heroe de Marengo,

como estava em republica, pegava em si e fechava o tribunato.

Na republica de 1848 primeiro o general Cavaignac, depois o presidente Luiz Napoleão abusaram talvez dos meios de governo republicanos; o syllogismo-Mazas, e o dilemma-Cayenna foram demasiadamente empregados. Emfim Luiz Napoleão, para seguir tambem uma tradição republicana franceza, despediu a assembléa o que lhe tornou facilimo o governar.

Effectivamente, em governando na França a republica, não ha coisa mais perigosa do que ser-se deputado. As republicas em França principiam entrando o povo em armas na assembléa, e acabam entrando na assembléa os soldados á parcada aos representantes. O mau é estarem as portas abertas.

Um dos motivos porque eu mais respeito e admiro o sr. Thiers é porque elle, talvez por não ser republicano, não está disposto a servir-se da presidencia para dar cabo das instituições parlamentares. O seu governo ainda está longe de ser um governo liberal; mas tambem isso seria exigir muito de uma republica franceza. Quem governa é elle e não a assembléa, com a circumstancia attenuante de ser uma dos demonios se a assembléa governasse. Mas ao menos governa com maneiras, com eloquencia, com habilidade parlamentar, interrompendo toda a gente, e não consentindo que o interrompam, innocente despotismo temperado sempre por um bom dito, fallando na assembléa, fallando nas commissões, fallando no conselho de ministros; fallando nos corredores da camara, fallando nos banquetes, fallando com a direita, com a esquerda, com o centro, com a extrema direita, com a extrema esquerda, com o centro direito, e com o centro

esquerdo, fallando com o embaixador da Prussia para aqui, e o nuncio para acolá, e dizendo isto aos principes d'Orleans, e aquillo a Gambetta, e est'outro a Barthélemy Saint-Hilaire, e aquell'outro ao *maire* de Trouville, e atirando um bom dito ao general Cissey ministro da guerra, e um comprimento a Mad. Thiers, e sobejando-lhe ainda lingua para dizer a Mlle. Dosne: *Avez-vous apporté le parapluie?*

Se exerce o governo pessoal, é á custa do suor do seu rosto, o que já é um progresso em republicanismo francez. Nos tempos antigos um presidente da republica, para fazer passar o imposto das materias primas, empregava um systema muito simples, mandava para Cayenna uma porção da esquerda, para Masas uma porção da direita, e punha o resto no meio da rua. O imposto passava, porque não encontrava ninguem diante de si. Thiers, com os seus habitos parlamentares, manobrou seis mezes com uma habilidade infatigavel; e afinal o imposto passou por cima da economia politica, e das convicções da assembléa.

Se Thiers, depois de ter mostrado á Europa que a republica é compativel com a ordem, mostrar que tambem é compativel com a liberdade, presta um grande serviço ao seu paiz e ao mundo; acaba talvez com estas estereis discussões de fórmas de governo, que teem custado tanto sangue, e que não teem feito senão retardar as verdadeiras, as solidas, as serias conquistas liberaes.

1872.

GAMBETTA

Poucos homens tem conhecido em tão pouco tempo as doçuras da mais inebriante popularidade e as amarguras da animadversão publica. O dictador omnipotente de Tours teve de se retirar por algum tempo da politica, porque a sua voz perdêra de subito o prestigio. O homem, cuja energia, cuja actidade fôra tão applaudida, ouviu chamarem-lhe o *Carnot de la defaite;* consideraram-n'o como o homem mais nefasto para a França, tornaram-n'o responsavel pelos tres mil milhões que a Prussia exigiu em fevereiro de 1871, a mais do que exigira em setembro de 1870. Amaldiçoaram a loucura, que o levára a arrojar a França aos abysmos da lucta a todo o transe, e pedem-lhe contas amargamente pelo sangue que se derramou, pelas ruinas que se amontoaram, pelo oiro que se despendeu. Gambetta a custo se póde defender contra estas recriminações.

Devia portanto a França, no entender d'estes censores, acceitar depois de Sedan a paz que Bismark lhe dictava, entregar socegadamente a Alsa-

cia e a Lorena, pagar dois mil milhões em vez de cinco mil, o que era realmente muito vantajoso, e até conservar talvez o segundo imperio, que se apressaria a restabelecer a ordem, a industria e o commercio, a tranquillisar a propriedade, e a fazer entrar as coisas no seu caminho regular? Era mil vezes mais commodo, mais simplesmente prosaico. A edade epica passou ha muito tempo. A guerra de Troia já não rende *Iliadas*, rende milhares de milhões; a defeza dos dez annos é inepta, porque não faz senão avolumar a conta que se paga. A França andou puerilmente. A continuação da lucta foi a continuação dos desastres; foi a segunda parte do *D. Quixote*. Quanto era melhor uma boa e solida paz, comprada á custa de algumas concessões, que forçosamente se haviam de fazer depois!

Muito bem. É mister comtudo, ó França, ó Europa que nos entendâmos. Sedan não foi simplesmente uma batalha perdida, foi uma capitulação em campina rasa; não foi apenas um desastre, foi um opprobrio. A França resentiu a dor como a de uma bofetada, a Europa hostil sorriu-se e disse: Como está corrompida a França!

Ora bem! um povo, que se vê esbofeteado, não calcula, arroja-se ao insultador. Um paiz accusado de corrupção e de fraqueza, querendo desmentir a accusação, não pensa nas probabilidades de victoria, pensa em reagir, em mandar seus filhos affrontarem destemidamente a morte, derramarem o seu sangue, sacrificarem o seu bem-estar, abandonarem os seus haveres, darem emfim ao mundo um exemplo de heroismo e de abnegação. Se entendiam que eram dignos de censura esses sentimentos cavalheirescos ou quixotescos, principiassem por considerar Sedan como Waterloo, e por não estygmatisar com

o ferrete de infamia os vencidos d'esse prelio. Se acham preferivel entregar a Alsacia e a Lorena antes de cem derrotas de que depois d'ellas, então não se mostrem indignados com o procedimento de Bismark, acceitem a consagração do velho principio da transferencia das provincias pelos tratados de paz, não o apresentem como a formula da violação do Direito; porque ás violações do direito responde-se com a resistencia desesperada; não se transige com essas idéas, não se assignam esses tratados, senão com a ultima gota de sangue dos combatentes!

A França pensou assim. Os seus filhos ergueram-se como um só homem para limparem a bandeira tricolor da mancha que se lhe imprimira. Gambetta personalisou esse movimento sublime. Foi a audacia, foi a energia, foi a actividade, foi o protesto indignado da honra nacional. Teve o odio implacavel da Prussia, e o enthusiasmo da França. Hoje este paiz, azedado pelo infortunio, volta-se contra o dictador que assumiu, sem recúar, uma tremenda responsabilidade, e pergunta-lhe: Porque me obrigaste a combater?—Porque? póde responder-lhe Gambetta. Porque se a Europa, depois de Sedan, comparava rindo a França de hoje com a França de 1792, se comparava os *petits-crevés* do segundo imperio com os voluntarios da Republica, depois da queda de Paris, depois dos desastres do Loire, depois da defeza de Châteaudun, não tem direito de nos negar a homenagem que se deve á bravura desgraçada. Não vencemos! Embora; a victoria está nas mãos de Deus; mas luctámos, mas sacrificámos voluntariamente a nossa vida, a nossa tranquillidade, os nossos haveres no altar da patria, mas protestámos contra a brutalidade do direito da força, mas defendemos com louca intrepidez, sem desani-

mo, sem desalento, sem um instante de fraqueza, sempre com a esperança sagrada, ou, o que ainda é mais sublime, sem esperança, mas com inabalavel firmeza, a integridade nacional, a honra da bandeira, e a conservação dos laços fraternaes que nos prendiam á Alsacia.

Zombaes agora da *guerre à outrance?* Perguntaes-nos porque ousámos inscrever na historia militar franceza essa pagina gloriosa da defeza de Paris? Insultaes agora Trochu porque defendeu Paris sem confiança no successo? E os defensores de Saragoça por acaso suppunham que poderiam obrigar Lannes a levantar o cerco? E os defensores de Dantzick, em 1813, não tinham perdido a esperança, separados do exercito francez por centenas de leguas? E combateram, e sustentaram-se até queimarem o ultimo cartuxo, até devorarem o ultimo pedaço de pão! Porque entenderam que a honra nacional estava acima de tudo, e não attenderam senão ao desespero que salteiava os seus espiritos viris, e tiveram a heroica loucura, a obstinação sublime, e nem a historia os estygmatisou, nem os seus compatriotas, nem foram os seus proprios companheiros d'armas que bordaram variações sobre o *Vœ victis* de Brenno!

É verdadeiramente lamentavel a reprovação com que uma parte da França fulmina hoje os homens de 4 de setembro; são repugnantes os insultos com que os perseguem os homens da reacção. As lagrimas de Julio Favre em Ferriéres, o procedimento pouco cavalheiresco do general Trochu, a estrategia de Gambetta, são os assumptos queridos da zombaria do *Figaro*, e das allusões maliciosas do *Rabagas!* Eu tenho a fraqueza de preferir as lagrimas de Julio Favre em Ferriéres ao cigarrito de

Napoleão em Sedan; a estrategia de Gambetta não me parece que seja muito inferior á dos marechaes do segundo imperio, e, emquanto ao procedimento pouco cavalheiresco do general Trochu, devo dizer duas palavras.

Accusam o general de não ter defendido «uma senhora!» de ter abandonado «uma senhora!» de ter sido descortez com «uma senhora!» o que, emquanto a mim, mostra apenas o inconveniente de se metterem as senhoras onde não são chamadas. Sem discutir agora o procedimento do general Trochu, parece-me realmente que no dia 4 de setembro, depois de Sedan, depois da campanha de agosto, em presença do povo irritado, da França humilhada e exangue, de uma catastrophe tremenda, de um cataclysmo sem exemplo, o general Trochu é desculpavel de não ter pensado unicamente em offerecer o braço á imperatriz! Entende-se agora em França que o general Trochu, antes de ter adherido á revolução de 4 de setembro, devia ter perguntado á regente: «Minha senhora, uma revolução incommoda-a?» como quem pergunta a uma companheira de viagem n'um wagon antes de accender um charuto: «Minha senhora, incommoda-a o fumo?»

Os homens de 4 de setembro estão soffrendo as consequencias de uma passageira reacção; a historia ha de fazer-lhes justiça. Não foram homens de genio, mas foram homens de bem; não souberam salvar a França, mas representaram pelo menos nobremente a sua consciencia indignada. Gambetta esse, com a sua brilhante eloquencia, com o seu verdadeiro talento, readquire rapidamente o prestigio e a importancia. Debalde o *Rabagas* pretende magoal-o, debalde tentam envolver o partido de Gambetta com os idiotas da Communa, a França

já vae sabendo distinguil-os, e não tardará o dia em que esse paiz se lembre de que no momento das eleições de 8 de fevereiro, quando a Alsacia quiz manifestar claramente a sua adhesão á França, o nome que saiu das urnas de Strasburgo foi o nome de Gambetta. E comtudo a defeza nacional não fôra senão uma serie de desastres, a dictadura de Tours fôra esteril de resultados uteis, mas Strasburgo, a terra onde nasceu, alado e freemente, o canto da *Marselheza*, a terra da resistencia intrepida, não quiz saber se a fortuna coroára a bravura, se o genio guerreiro estivera a par da energia, viu um homem empunhando, atravez de todas as borrascas, a bandeira lacerada da França, e, com lagrimas de desespero, a mutilada Strasburgo arrojou ás faces da Allemanha, como um ultimo protesto, como um ultraje sanguinolento, o nome de Gambetta.

1872.

RABAGAS

Eu já disse n'este mesmo jornal [1] que a ultima peça de Sardou, que deve a estas horas ter sido representada no theatro de D. Maria II [2], era a «Grã-Duqueza» da Republica. Parece-me que aquelles, que já viram a peça, hão de concordar com a minha opinião. O *Rabagas* é uma opera burlesca sem musica, é a parodia incontestavelmente engraçada, muitas vezes justa, sempre malevola, algumas vezes calumniosa, do radicalismo francez. Sardou arrojou para ali ás mãos cheias o seu espirito de gaiato parisiense, e tambem como gaiato foi apedrejando indistinctamente a procissão republicana, confundindo a intelligencia robusta e exaltada de Gambetta com o idiotismo declamatorio dos homens da Communa, misturando na mesma zombaria a revolução inevitavel, espontanea, de 4 de setembro, esse protesto da França contra o segundo imperio, que ter-

[1] O *Diario Illustrado*. O artigo a que me refiro é o que trata de Offenbach, reproduzido tambem n'este livro.

[2] Este folhetim foi escripto no proprio dia em que devia subir pela primeira vez á scena o *Rabagas* traduzido.

minava a sua orgia arrastando o pundonor francez na bancarota-Benoiton de Sedan, com a revolta insensata e infame de 18 de março, atirando a Gambetta epigrammas, que ferem umas vezes Emilio Ollivier, outras vezes Bazaine, que raras vezes acertam no fogoso tribuno. Eis o que é o *Rabagas*, peça mal architectada, pamphleto posto em acção com muita graça e muita vivacidade, e que ha de ser pelo futuro considerada como um documento curioso, que mostra o desnorteamento do espirito da França na hora de crise, que hoje atravessa.

O principe de Monaco é incontestavelmente Napoleão III. As reformas, de que se gaba no primeiro acto, a liberdade de padaria, etc., são as reformas economicas do segundo imperio. Em presença d'isto, os espectadores, que conhecerem os papeis das Tulherias, recentemente publicados, não podem deixar de sorrir-se, quando vêem a côrte de Monaco apresentada como um exemplar de virtudes que os demagogos calumniam. Rabagas é Gambetta; mas Rabagas é apresentado como um ambicioso, que muda de opiniões apenas o principe de Monaco o chama ao poder, que acceita de dorso curvo as humilhações, os despresos, que suffoca a revolução que promoveu, que manda sovar os revolucionarios que dirigiu, que reclama excellencia, que se repotreia nos sophás dos palacios, que adora o luxo, os esplendores das côrtes, a roda aristocratica. Mas onde está aqui Gambetta? Captivou-o por acaso o segundo imperio? Não foi elle no corpo legislativo sempre o homem da extrema esquerda? Quem o levantou ao poder não foi a revolução? Transigiu por acaso com os homens que toda a sua vida combateu? Quando foi que elle entrou, humilde e servil, no palacio do principe de Monaco? Onde foi que o

viram mendigar as pastas do ministerio imperialista? Como foi que elle fustigou os revolucionarios, que lhe serviram de degráo?... Porque não acceitou a solidariedade com os homens da Communa? Mas não conheço um só discurso, uma só phrase em toda a vida de Gambetta, d'onde se possa deduzir que elle partilhou ou animou de algum modo as idéas socialistas da *Internacional!* Mas todos aquelles epigrammas caem ao lado do dictador; não ha um só que o fira, ainda que muitos tenham a pretenção de lhe serem vibrados directamente. «Quando vossa alteza quizer, diz Rabagas no 3.º acto, faço-lhe estrategia.... como nunca se fez.» Isto visivelmente quer alludir ás infelizes campanhas do Norte, do Loire, e de Bourbaki. Mas, meu Deus, ser-se batido com soldados improvisados, com generaes inexperientes, por tropas magnificas, admiravelmente commandadas, e fortalecidas pelo prestigio da victoria, não é um facto novo na historia militar; seria quasi milagroso o contrario. Ora agora a estrategia, que produziu Sedan e Metz, essa é que foi completamente nova, e essa, sr. Victorien Sardou, é a dos marechaes imperialistas. Querem ver que por fim de contas Rabagas é Bazaine?

Rabagas, considerado portanto como comedia, é das mais insignificantes de Sardou, como *charge* é excellente, e algumas caricaturas, a do general Petrowlski, e de Vuillard, tem graça a valer, e essas não erram o alvo. O general polaco emigrado, *cavalleiro andante da democracia e caixeiro ambulante da liberdade*, que tem *oito mil condecorações, e camisas.... nem uma;* Vuillard, o demagogo que não transige nem com o calção e meia, que acha Robespierre pouco puro, que falla a cada instante na hygiene social e no espirito scientifico, á moda

dos internacionalistas que não fallam senão em sciencia e não sabem orthographia, que recebe em segredo 500 francos do prefeito da policia, como faziam Emilio Clément, e Blanchet, que passaram de espiões do segundo imperio a membros da Communa, essas duas caricaturas estão apanhadas com graça e com verdade; os defeitos habituaes da demagogia tambem são parodiados com chiste. A sua tendencia para as dictaduras: «Se me não dão o poder absoluto, como diabo querem vocês que eu funde a liberdade?» está fustigada com chicote seguro. Victorien Sardou só não se lembrou que o primeiro d'estes demagogos foi Napoleão III, que foi elle e não Gambetta que acariciou os socialistas, antes de subir ao poder, que foi elle que, quando começou a ter a opposição da burguezia, procurou um ponto de apoio na classe operaria e nas suas aspirações politicas, que foi elle quem, por intermedio de Rouher, propoz aos agentes da Internacional o trabalharem pelo Imperio, que foi elle o homem, que, para se sustentar no poder, não duvidaria declarar-se inimigo da propriedade, depois de se ter apresentado como seu protector. Ah! eu não gósto de fustigar os partidos caídos, e caídos tão completamente como caíu Napoleão, não gósto de arrastar de novo para a scena politica, d'onde foram expulsos, os principes exilados; mas, quando vejo erguer-se um advogado como Sardou, quando o vejo servir-se do seu incontestavel espirito, e dos ridiculos e dos crimes de uma demagogia odiosa, para balbuciar uma defeza de Napoleão III, sinto a necessidade de dizer alto e bom som que a pagina mais vergonhosa da historia de França no seculo XIX, uma das paginas mais vergonhosas da historia universal, é a historia do segundo imperio.

Tudo corrupção e mesquinhez! a voz da liberdade suffocada não com o clamor da gloria, como no tempo do primeiro imperio, mas com as musicas impudentes do baile Mabille! Por toda a parte a corrupção como meio de governo, a mentira nos orçamentos, a mentira na diplomacia, a mentira na guerra! Um imperio de *carton-plâtre*, umas victorias de *simili-bronze*, uma grandeza de *chrysocale*. Em vez da *Marselheza* o *Partant pour la Syrie*, em vez de Cherubini Offenbach, em vez das *Memorias de Santa Helena* a *Vida de Cesar*, flanqueada de elogios de Mommsen, pagos pelo thesouro imperial, em vez da catastrophe da Russia o trambolhão do Mexico, em vez de Ney Bazaine, em vez de Talleyrand Benedetti, em vez do *grand-maréchal* Bertrand, aquelle varão de Plutarcho, aquelle sincero, dedicado e estremoso amigo de Napoleão, o duque de Morny, auctor do *Procopio Baeta!!* em vez do pallido duque de Reichstadt, o martyr de Schoenbrunn, o menino Luiz que recebe o baptismo do *fogo* apanhando balas *frias!* em vez de Santa-Helena Wilhelmshohe! em vez do ultimo quadrado de Waterloo, e do cavallo branco do epico imperador arrojado loucamente ao seio da metralha, a carruagem de Sedan, os lacaios de libré verde, e o cigarro da capitulação! em vez do desabar da Europa inteira armada sobre a França exangue e ainda vencedora na ultima hora em Montmirail, em Montereau, em Champaubert, aquella caranguejola imperialista, e aquelle imperador Christofle indo a terra com um pontapé prussiano, applicado *vous savez où*.

Ora aqui está o que é necessario que a gente diga comsigo mesmo, depois de ter lido ou ouvido o *Rabagas!* Sim, os epigrammas de Victorien Sardon, dirigidos ao radicalismo socialista, são justos. O

Sapo-Voador é como elle o pinta, mas o palacio do principe de Monaco é ainda peior. E, emquanto á personalidade de Gambetta, (que tem defeitos graves, e cujas idéas nem sempre applaudo, do fundo da minha humildade), se contra ella é dirigida a peça, não ha calumnia mais evidente. Não ha um só ponto da vida de Gambetta a que se possam applicar os incidentes do *Rabagas*. Ministro do principe de Monaco, depois de ser republicano, foi-o Emilio Ollivier; estrategia como nunca se fez.... fêl-a Bazaine; jornalista declamador a prol dos direitos dos proletarios, ao passo que se deliciava com todos os requintos do luxo e da elegancia, era incontestavelmente Rochefort.

Como Gambetta, que tem a consciencia do seu alto valor, se ha de sorrir desdenhosamente da peça que lhe foi cair aos pés!

Ha uma coisa comtudo que eu lamentava profundamente, quando lia o *Rabagas*. Hoje em França quem tem espirito são os reaccionarios; quem sabe manejar essa arma terrivel e elegante da ironia são elles, é o *Figaro*, é Sardou, é Alphonse Karr, é Veuillot. Entre os homens sinceramente liberaes, no partido sensato e progressista, encontram-se homens ainda de fino espirito como John Lemoinne e outros; mas na extrema esquerda, no radicalismo socialista, são os garotos mais desengraçados que Deus deitou a este mundo. A gaiatada reaccionaria ao menos diverte a gente; mas os homens do petroleo, esses com o «espirito scientifico,» são os declamadores mais insulsos que Deus deitou a este mundo. Fortes semsaborões me sairam os taes republicanos vermelhos da social!

1872.

OS JESUITAS D'HOJE

Assim não estamos ainda livres da sotaina negra! Já nos preoccupavam outras idéas, combatiamos outros inimigos, lidavamos e lutavamos n'um campo diverso, quando de subito volta a incommodar-nos o rouco grito de guerra d'estes sobejos de Santo Ignacio. Pugnavamos contra novos adversarios, mas o campo em que se travava a peleja illuminava-o a plena luz, quando de repente arremmette contra nós esta matilha d'animaes da tréva, que julgou que descera de novo a noite sobre o mundo, porque o fumo dos incendios de Paris ennublára por instantes o sol da liberdade. Onde é que isto se escondia? Por onde vagueavam estes ciganos do *Syllabus*, que roubaram a S. Francisco Xavier o nome augusto de missionarios? Onde estava essa cohorte, que hoje nos apparece, com os mosquetes de Lisboa em 1505, com os arcabuzes de Paris em 1572, e com os espadalhões das Cévennes no tempo de Luiz XIV? D'onde nos surge essa guerrilha sagrada, que se embosca nos confes-

sionarios, e faz no pulpito uma espera ás idéas dos novos tempos? Como apparecem entre os vivos estes espectros d'inquisidores, estas mumias de jesuitas, esses Tartufos que se conservavam apenas no espirito sarcastico da comedia de Moliére, como se conserva em alcool uma serpente coral? O que animou esse exercito archeologico a vir, com as suas couraças ferrugentas, e as suas velhas colubrinas, reclamar uma posição nos novos campos de peleja? Como ousaram elles em Roma aproveitar o systema liberal que desprezam, para lançar na urna, de que zombam, um voto que é uma apostasia? Como é que o anno de 1872 mereceu á Providencia um flagello novo — a *Phylloxera vastatrix*, e uma doença velha, — a catharrhal jesuitica? Porque se lembraram estes homens de vir tossir, em plena civilisação, imprecações contra a liberdade?

Porque? É porque julgavam a liberdade morta, e vieram, corvos de todas as matanças, crocitar de novo os *Te Deums* da Saint-Barthelemy! Sabiam que os jesuitas vermelhos se tinham desencadeiado contra a sociedade, e vinham elles então, elles, a negra internacional, repastar-se nos cadaveres! Sabiam que a democracia tivera, como o christianismo, os seus Loyolas, e vinham allegar, para repartirem com os internacionalistas o poder, que tinham calumniado Jesus como os internacionalistas calumniavam a liberdade! Vinham lembrar que, se nunca haviam untado com petroleo as paredes destinadas ao incendio, tinham marcado com a cruz branca as portas destinadas ao assassinio. A Vésinier e a Vermesch, os pamphletarios ignobeis da communa, respondiam, com um sorriso cheio de ufania, com os nomes de José de Maistre e de Luiz Veuillot, que sabem como aquelles desenvolver a theoria do cri-

me e escorar em textos o despotismo, mas que têem a mais... o estylo.

Como aquelles bandidos das costas da Bretanha, que vagueiam, nas noites de temporal, pelas praias, agitando os fachos que devem illudir os navegantes, imitando a luz amiga dos faroes, como esses salteadores da procella que saqueiam as reliquias dos naufragios, assim esses homens, na hora tempestuosa que atravessamos, vagueiam por ahi, soffregos, ferozes, a querer apossar-se das almas desnorteadas por tantos lugubres naufragios dos espiritos, e a luz, com que pretendem illudir os miseros, é a doce luz do teu Evangelho, ó Christo!

Contra esses jesuitas do Porto, contra os seus acolytos de Lisboa, contra os *commis-voyageurs* de bentinhos da provincia não peço eu o regimen da prevenção, como o não peço contra es internacionalistas. Se elles porém quizerem introduzir-se na instrucção publica, se quizerem educar a nova geração na hostilidade contra as instituições do seu paiz, como não temos a liberdade de ensino, não podemos consentir que elles ministrem aos nossos filhos, ao menos sem concorrencia, o veneno moral. E note-se que eu desejo ardentemente esse grande progresso da «liberdade de ensino», mas, emquanto elle não se inscreve nas nossas leis, uma reclamação n'esse sentido feita por qualquer dos grupos hostis á sociedade moderna, significa apenas a reclamação de um privilegio. Se esses homens negros, ao manifestarem nas prédicas o seu pensamento, offenderem as coisas ou as pessoas que a lei ordena que se respeitem, arranca-se o sacerdote do pulpito, e arroja-se ao banco dos réus, para responder pelos seus abusos de palavra.

São estas as armas legaes que se podem empre-

gar contra a Internacional negra, e a Internacional vermelha, as duas sinistras cumplicss.

Mas realmente causa um supremo tedio a resurreição d'estes pueris adversarios. No campo especulativo trava-se hoje uma lucta entre o espiritualismo, e o materialismo. Este porém é, emquanto a mim, um orgulhoso desvairamento da sciencia. Levando aos extremos limites as conquistas do saber humano, o materialista, ao sentir faltar-lhe debaixo dos pés o terreno, exclama desdenhoso: «Nada mais existe». O positivista pensativo responde: «Não sei.» O scismador espiritualista arroja ao mundo do ideal o alado pensamento. No meio d'este debate serio e grave, o que vem cá fazer estes berradores do pulpito, estes commentadores do confessionario, estes escholiastas de contos de velhas, com o seu materialismo burlesco e a sua philosophia *ad usum* das beatas? Porque a religião d'essa gente possue mais um ponto de contacto com o grupo atheu; é religião materialista.

O seu materialismo é grosseiro como o fetichismo dos Hottentotes, e não requintado como o das escolas modernas. Buchner não reconhece senão dois elementes criadores, a Força e a Materia; os materialistas sagrados não apresentam á adoração e ao terror das turbas, senão duas cousas: os *Bentinhos* do céo e o *Alcatrão* do inferno. E ousam elles dizer-se discipulos de Jesus! A religião de Christo é a mais espiritualista de todas as philosophias; elles são os mais estupidamente materialistas de todos os prégadores do materialismo. Os materialistas scientificos, explorando com o escalpello o cadaver, declaram desdenhosamente que não encontraram a alma; os materialistas sacerdotaes, esses encontram-n'a a arder no inferno como um braçado de lenha verde.

Uma alma, que se queima com pez, enxofre e betume, póde ser acceita perfeitamente pelo credo materialista. Um poeta americano, que se revelou ha tempos, original mas grosseiro, compendiando nos seus versos as idéas mais *avançadas*, como é uso dizer-se, ou antes as idéas mais brutaes, do materialismo contemporaneo, encontra-se com os missionarios nas opiniões ácerca da alma.

«Deseja alguem ver a alma? Vêde a vossa propria fórma e a vossa physionomia. Como é que o verdadeiro corpo morreria e seria sepultado?

«O vosso verdadeiro corpo ha de escapar ás mãos dos coveiros, e ha de passar para as espheras que lhe são proprias...

«O corpo encerra o espirito, e é o espirito: encerra a alma, e é alma; quem quer que tu sejas, quão soberbo e divino é o teu corpo na sua minima parte!» [1]

Não é esta a alma corporal, que os materialistas ecclesiasticos tisnam e requeimam nos caldeirões do inferno?

Ah! é justo que, apesar de trocarem entre si algumas palavras mais asperas, venham a final hypocritas e atheus a lançar-se nos braços uns dos outros. Que differença ha entre elles? Uns queimam os seus inimigos na terra, queimam-n'os os outros nas regiões de alem-mundo. Uns adoram o petroleo na terra, outros fornecem de enxofre e alcatrão as fogueiras infernaes. Se essa differença de combustivel abre um abysmo entre as duas seitas, transijam os missionarios com o progresso, e mandem petroleo a Satanaz. Poderemos então chamar-lhes abertamente os petroleiros da eternidade.

1872.

[1] Walt Whitman *Leaves of grass.*

AS RAÇAS LATINAS

Quem se não recorda com saudade d'aquelle alegre theatro do Gymnasio, que foi por muito tempo o asylo predilecto da gargalhada lisbonense? Riram lá nossos paes a fartar, e nós misturámos com o seu riso sonoro e cheio o tiple esganiçado das nossas risadinhas infantis. Ria-se tudo ali, ria a platéa, riam os camarotes, riam os porteiros, e lá ao fundo da geral apparecia tambem a mascara risonha, e a boca escancarada do camaroteiro. Riam-se os gaiatos cá fóra, ria-se o Neptuno do chafariz do Loreto, e os soldados da patrulha piscavam o olho uns para os outros, e diziam assim ao ouvirem passar na brisa da noite o echo das gargalhadas: Aquillo ha de ser o Taborda—Ou o Isidoro—Ou o Pereira—Ou o Moniz. E apenas se pronunciavam estes nomes, as estrellas desatavam a rir, e a lua cheia punha as mãos nas ilhargas, e começava a dizer: Ai que graça! ai que graça!

Mas era um riso franco, riso leal, honesto, riso de oiro de lei, riso de oito mil réis, como as peças portuguezas de D. Maria II, um riso cordial, ama-

vel, intelligente, que fazia scintillar os olhos, um riso que não pedia desculpa, que estava ali como em sua casa, um riso que tinha a consciencia de que era uma das cartas de nobreza da especie humana, um dos distinctivos do animal racional, riso sincero, contagioso, expressão, espontanea de mais a mais, do genio sympathico, do genio expansivo das raças latinas.

Das raças latinas!... Ai! que se me pegou a molestia! Acudam-me, vaccinem-me que tambem eu estou inficcionado, atacado pela epidemia reinante. Emquanto a mim, um dos resultados mais funestos, que trouxe comsigo a luta agora finda, foi a propagação insensata d'esta maldita phrase «as raças latinas e as raças germanicas». Não podemos dar dois passos na rua sem a ouvirmos pronunciada emphaticamente, muitas vezes por um sujeito, que parece ser uma excellente pessoa, mas que tem cara de não formar uma idéa muito perfeita do que sejam raças latinas e do que sejam raças germanicas. Mas não importa, foi uma phrase de effeito que se encontrou, mysteriosa, profunda, e que só por si vale, em sonoridade cavernosa, um discurso pronunciado dentro d'um pote sem agua. Com esta phrase explicam-se todos os problemas da historia, da philosophia, da theologia, da litteratura, da musica, da gymnastica, da exegese, e da carestia da carne. É a chave de todos os enigmas, desde o mysterio da vida futura até ao mysterio do homem das botas. Com esta formula explica-se a Reforma, explica-se Sedan, e explica-se o augmento da contribuição industrial. É uma explicação para todo o serviço, é uma panacéa philosophica, é a revalenta arabica da historia. Em se proferindo esta phrase magica, rasgam-se todos os veus, caem as escamas

de todos os olhos, e todos ficam percebendo a historia... até quem a não sabe, principalmente quem a não sabe.

Eu, desde que esta epidemia grassa por Lisboa, ando melancholico, sorumbatico, ao ver que os meus compatriotas, com uma modestia digna dos maiores louvores, confessam que as raças latinas estão corrompidas, gangrenadas até aos ossos, incapazes de regeneração. Ás vezes quando me lembro qae trago no espirito uma gangrena incuravel, que me devora uma corrupção hereditaria, desato a chorar pelas esquinas que pareço um marco fontenario. E então o respeito com que eu olho para os allemães! os homens da raça germanica! raça não corrompida! raça juvenil! muito mais nova do que a nossa! Na edade media, na infancia da civilisação néo-latina, não havia allemães! Espalhou-se por algum tempo esse boato, mas está reconhecido que era mentira! A Allemanha da edade media foi inventada pelos chronistas, é um mytho! Os allemães d'esse tempo eram de chumbo, fabricados em Nuremberg, e expedidos em caixotes para a historia!

A raça germanica é joven e florescente, a raça latina decrepita e velhota: eis o que me dizem alguns sujeitos, em quem eu devo reconhecer todos os predicados que possam constituir a imparcialidade, porque, se não sabem allemão, tambem não sabem latim. Os que eu vi tropeçarem no *hora horæ* são aquelles que mais claramente comprehendem a declinação das raças latinas, e devem ufanar-se com essa perspicacia, porque é effectivamente a primeira declinação que elles percebem.

Em toda a parte, e das becas d'onde menos o espero, me brota este argumento irresistivel. A corrupção das raças latinas está sendo já como a aria

da cigana do *Trovador*, caiu no dominio do realejo. Esta perseguição implacavel, esta formula banal, resoando constantemante aos meus ouvidos, conduzindo-me á borda do abysmo do desespero, já me obrigou a tomar a mais funesta resolução.

Fui a um estanco, pedi charutos, e ingenuo, risonho, completamente desprevenido, observei que os *grã-paradas* não estavam sendo tão bons como outr'ora.

—Não admira, responde-me o estanqueiro friamente, são charutos néo-latinos.

Desmaiei; trouxeram-me em braços para casa.

D'ahi a tempos chama-se um aguadeiro, que vem despejar o barril. Bebo um copo d'agua, e faço observar ao filho de Compostella que a tal agua é turva.

—Baya, patron, diz-me elle, é quo os chafarizes son néo-latinos.

A esta é que não pude resistir. Suicidei-me.

Suicidei-me, e, se isto continua, ainda me metto a ermitão.

Espero que esta digressão involuntaria, esta pagina arrancada ao livro das tristezas do meu espirito, não fizesse olvidar ao leitor que estavamos no principio d'este folhetim no Gymnasio dc ha quinze annos, no Gymnasio do tempo em que se não pensava nas raças latinas e nas raças germanicas, e em que o riso ao menos era tão franco e tão facil, que bastavam para o excitar largamente Isidoro e Taborda n'uma comedia n'um acto, n'uma sala que tinha uma cadeira para os dois e uma banca para os mesmos, como se diz no *José do Capote*. Hoje parece que, para fazer rir o publico, são necessarias umas machinas de comedia mais complicadas do que as metralhadoras. Com dois chapeus e dois

chambres, e as caras que Deus lhes deu, os dois vultos legendarios do antigo Gymnasio faziam estalar na sala uma girandola de gargalhadas. Hoje, sem um nariz de papelão e um chapeu de guizos, e muitas lentejolas e muitos coristas a fazerem caretas, não se aventura uma peça comica a apparecer em scena. A platéa e o palco permanecem agora n'um estado de defeza e de aggressão, assemelham-se aos navios de guerra e aos projectís que os arruinam. A platéa está blindada, os emprezarios inventam balazios de chiste que lhe rompam a couraça. Delphina toca bombo, Taborda dá saltos mortaes, Isidoro toca tambor em secco. A platéa não póde resistir a este bombardeamento, mas vem nas seguintes noites com uma couraça mais espessa... Novas invenções, e eu tremo de imaginar a que ultimos recursos podem ser ainda conduzidos os nossos melhores artistas comicos.

O riso d'esta fórma cessa de ser a expansão intelligente dos espiritos, que se deleitam com as idéas engenhosas, engraçadas e originaes de uma comedia, para se tornar um riso que tem vergonha de si mesmo, um riso que se apanha de surpreza, uma gargalhada sempre seguida por esta phrase inevitavel: Que tolice! E os auctores, quando ouvem a platéa dizer: Que tolice! ufanam-se todos, deliciam-se, esfregam as mãos muito satisfeitos, e, ao voltar para casa, dizem á familia:

—A peça agradou!

—Agradou? brada a familia em coro.

—Muitissimo. Diziam todos que nunca se tinha visto no theatro mais formidavel tolice. Houve até um amigo enthusiasta que me foi abraçar ao palco, affirmando-me debaixo da sua palavra de honra que eu era o maior idiota que elle conhecia. Exaggerações da amisade!

Estas reflexões faço-as eu, tendo diante de mim o formoso volume das *Comedias* de Teixeira de Vasconcellos, espirito fino, que soube, com os dialogos singelos e graciosos do *Dente da Baroneza*, despertar, nos recantos onde se aninhava, a esquecida gargalhada do velho Gymnasio, e, o que é mais, fazer reapparecer no fundo da platéa o rosto alegre do camaroteiro. A *Botina verde* e a *Liberdade eleitoral* acompanham, como optimos contrapesos, esta delicada comedia, constituindo por essa fórma o volume uma deliciosa recita, que os leitores devem ás instancias do maganão do Silva Pereira, que ainda hontem os fez estalar de riso nas *Tribulações de Mané Coco*. Foi esse actor que lançou Teixeira de Vasconcellos nos mares do theatro, por elle nunca d'antes navegados, mas onde velejou com vento de feição e maré de rosas.

E é que está sendo um actor de verdadeiro merecimento este Silva Pereira, que nasceu hontem para a arte, francamente, espontaneamente comico, tendo nas *Tribulações* umas caras impagaveis, umas ingenuidades maravilhosas, attingindo ao ideal do entremez, sem descambar no burlesco. Houve um tempo em que as farças d'este genero eram o extremo limite a que a arte ousava attingir, as cocegas mais audaciosas que os auctores tomavam a liberdade de fazer ás platéas. Hoje o nivel desceu tão baixo, tão baixo, que o publico, para ser coherente, logo que se ri a bandeiras despregadas nas peças de Offenbach, devia soluçar com energia no *Dente da Baroneza*, derramar copiosos prantos na *Botina Verde*, e regar com algumas lagrimas discretas as *Tribulações de Mané Coco*.

1871.

O PRINCIPADO DE LOULHAUFFEN

«Era uma vez um principe não de contos de fadas, mas de um principadosito da Allemanha, muito distante, devo dizel-o, d'este canto de Portugal, d'esta boa terra, em que não devia haver senão doutores Pangloss, se os homens prestassem a devida justiça aos governos paternaes, que procuram fazer a sua felicidade.»

Assim principiou a musa do folhetim, quando eu me dirigi a ella, pedindo-lhe que me valesse na absoluta falta de assumpto, que houve esta semana.

A musa do folhetim, em que por muitas vezes tenho fallado, é a decima musa. Não era possivel que o Parnaso deixasse de acompanhar o movimento do seculo, e Apollo não consentiria que em seus dominios se proscrevesse o systema decimal, universalmente adoptado. Se por acaso duvidarem da verdade do que deixo dito, e se allegarem que a m.me Girardin compete o cargo, para que eu nomeei a inspiradora dos folhetinistas, responder-lhes-hei que a prova que adduzem contra mim reverte em meu fa-

vor, visto ter sido m.me de Girardin quem, debaixo do pseudonymo de visconde de Launay, escreveu deliciosos folhetins, estando por isso immensamente no caso de ser, depois de morta, protectora da confraria de que fez parte emquanto viva.

Depois de lhes ter feito tomar conhecimento com a minha interlocutora, reatarei o fio da narração.

Ao ouvir o prologo, que transcrevi acima, olhei para a musa, e hesitei em escrever. Eu não me queria metter em danças politicas, e aquelle periodo dava-me os seus ares de artigo de fundo. Lembrei-me que o visconde Delaunay escrevera um dia, n'um dos summarios das suas revistas, o audacioso epigramma: *Charles dix, qui voulait régner, sous prétexte qu'il était roi*, e olhei meio desconfiado para quem me dictava o folhetim.

A musa percebeu o que se passava no meu espirito, e continuou, sorrindo-se:

—É apenas um apologo.

Respirei. O que ha n'este mundo mais inoffensivo do que um apologo?

«Ora pois, continuou a narradora, n'esse principado allemão não se passavam as coisas como em Portugal. Todos estavam satisfeitos, e ninguem se mettia nos negocios do estado. Havia um conselho legislativo, que fallava de vez emquando, resonava com uma tocante unanimidade, e comia no fim das sessões um optimo jantar dado pelo primeiro ministro cosinheiro, homem que tinha o talento especial de servir a cada pae da patria o manjar da sua predilecção, e que, graças a esse talento, governava pacificamente em nome do principe seu amo, afagado suavemente pelos elogios dos paes da patria, que, depois de terem gabado e digerido os guizados do

cosinheiro, julgariam pouco delicado o não elogiarem tambem os actos governamentaes.

«Porque devo dizer-te que o principe, para economisar, fizera o seu cosinheiro primeiro ministro, nomeação altamente louvada por todos os gastronomos, porque, diziam elles, pessoa que sabe compôr a preceito uma *mayonnaise*, deve estar profundamente iniciada em todos os mysterios da administração politica.

«Por isso todos eram felizes no tal principado de Loulhauffen, e os estrangeiros não se podiam fartar de elogiar a gordura dos paes da patria, indicio da prosperidade publica, digna de ser mencionada na historia, e que passou por isso a denominar-se gordura historica.

«Ora devemos dizer que o primeiro ministro, que tinha uma longa experiencia, chegára a ser philosopho. Fizera estudos tão profundos sobre o peso comparado das consciencias e dos estomagos, que viera a concluir, attento o identico resultado das suas pesagens, que, em egualdade de circumstancias, não havia consciencia que pesasse mais do que o estomago correspondente, e que, se se dava algumas vezes um caso contrario, era simplesmente por estar o estomago vasio. Emendado o defeito, voltavam as coisas ao estado normal.

«Seguia-se de tudo isto que o cosinheiro votára um profundo despreso a todos os homens. Os collegas que escolhia eram simplesmente os temperos da panella administrativa. Quando lhe não agradavam, atirava com elles fóra, deitava outra porção, e continuava a campear ufano na cosinha ministerial.

«Algumas vezes comtudo vira-se em risco, e todos diziam que não escaparia. Mas, ao supporem que

tal desgraça podia succeder, os paes da patria punham as mãos, uns na barriga, outros na cabeça, e o digno cosinheiro, que já ameaçava fazer as bagagens, e transportar as suas fornalhas para outros lares, cedia ás supplicas universaes, e deixava-se reconduzir docemente para não affligir quem só n'elle punha todas as esperanças.

«Para que a opinião publica não ficasse de boca aberta, atiravam-se lhe ás fauces alguns ministros importunos, e tudo se acabava com alegria de todos, excepto dos sacrificados que faziam grande berraria, berraria que não perturbava por fórma alguma a suave tranquillidade d'esse Pombal das cassarolas, que descobrira a corda sensivel universal, onde até ahi ninguem a procurara, no estomago.

«O que elle apenas fazia era passar de um a outro ministerio, á medida que um ou outro ia ficando vago, porque o digno estadista possuia a sciencia infusa, e as abelhas de Platão tinham gasto com elle tanto mel, e elle, por sua alta recreação, tinha gasto tanta cera, que supponho que os divinos cortiços hão de estar vasios a esta hora.

«Effectivamente em pouco tempo passou dos estrangeiros ao reino, do reino ás obras publicas, das obras publicas á marinha, e com todos esses ramos da administração se dava perfeitamente, porque os homens predestinados são assim; estão sempre promptos a ir para onde os manda a voz de Deus, e tanto lhes faz serem prophetas como sapateiros, porque sabem que a inspiração lhes ha de rasgar egualmente as trevas do futuro e o cordovão das botas. São estes os que apparecem de seculos a seculos, e quando taes homens surgem, as nações calam-se... e elles tambem.

«Por isso o nosso heroe saltava com perfeita indifferença de um para outro ministerio, como o papelão no jogo das prendas. Ora como, quer elle fosse ministro do reino, dos estrangeiros, das obras publicas, ou da marinha, os guisados continuavam a ser admiravelmente temperados, os paes da patria continuavam a engordar, e a resonar, e o paiz continuava a andar com tanta rapidez no caminho do progresso, que parecia estar parado, illusão optica bem conhecida. Alguns chegavam a dizer que parecia andar para traz; mas como isto não me consta que seja illusão optica, estou que havia de ser illusão d'elles.

«Desde Napoleão que ninguem tinha noticia de uma aptidão tão encyclopedica. Por isso os habitantes de Loulhauffen diziam a uma voz, que, se a posteridade não erigisse estatuas a este grande vulto, seria uma grande tola; decisão que me parece muito acertada e ao leitor egualmente.

«Ora, chegou um tempo em que o primeiro ministro escolheu para seu collega um sujeito, contra quem se voltou a animadversão publica, por motivos futeis, que a elevada razão do cosinheiro despresou profundamente. Mas, se fez ouvidos de mercador á berraria geral, não pôde deixar de ver com maus olhos a audacia, com que o seu collega pretendia rivalisar com elle, dando jantares quasi tão bem feitos como os seus, e conquistando a pouco e pouco as sympathias estomacaes. Haviam as coisas chegado a ponto, que já muitos dos paes da patria hesitavam entre guisados d'um e guisados d'outro, e alguns chegavam a preferir abertamente o tempero do recem vindo. Faz-se vermelho de colera o culinario ministro, e, resolvendo dar um golpe d'estado, aproveita os ultimos momentos de poder, e, imi-

tando Sansão, abala as columnas do templo, e lá vae abaixo tudo, esmagando o hebreu e os philisteus, com grande desapontamento dos espectadores.

«D'essa vez era certo o desastre. O novo Scipião já exclamára o tradicional: «Ingrata patria, não possuirás os meus ossos», e preparava-se a partir. Diocleciano ia cultivar couves, Cincinnato voltava para a charrua. O senado estava consternado. Visões horrificas turvavam a mente de cada membro. Como na *D. Branca* as terriveis palavras «*sem ceia*» volteavam assustadoras por diante do escrupuloso fr. Soeiro, rigido cumpridor do preceito da *tremenda*, assim a phrase, *sem petiscos*, enchia de pavor a turba, que sentia já os abdomens diminuirem.

«Facil é de suppor qual seria o resultado de tudo isto. Foram eloquentes as lagrimas geraes; procuraram os chorosos o ex-ministro, disseram-lhe que se elle se fosse embora, a patria tambem ía passeiar, pintaram-lhe com termos vivos o futuro horrido do estado, a camara acordada, e, para cumulo de desgraça, talvez com a barriga vazia, representaram-lhe a falta que causava um homem, que, da mesma fórma que as garrafas de *cem licores* apresentavam ao publico o licor, que se deseja, apresentava tambem em si proprio o ministro, que era necessario. Disseram-lhe que só elle e o José Felix da comedia de Garrett tinham assim a facilidade de mostrar todas as aptidões. Representaram-lhe depois o perigo que correria n'um paiz estrangeiro, aonde decerto o precederia a fama, de ser empalhado e mettido n'algum museu, como especimen curioso de ministro d'*obra feita*. O que se podia responder a tudo isto? Acceitar.

«Foi o que fez a pessoa, em que fallamos. Sacrificou-se no altar da patria, crucificou-se por suas proprias mãos no calvario das secretarias, levou aos hombros a cruz da pasta, e teve por Cyreneu o correio, que derramava lagrimas piedosas, elle e o cavallo, principalmente o cavallo! Oh! se eu te contasse a scena pathetica, que então se realisou. Os filhos, abraçados ao pae prodigo, que voltava aos lares domesticos, sem ter guardado porcos, para cumulo de venturas! Não houve luminarias, por ser festejo pouco biblico, mas matou-se o boi gordo, visto terem reflectido os mestres de ceremonia, que, se o filho prodigo apanhou um bezerro, agora que era prodigo o pae, devia apanhar um toiro.

«Isto é logica cerrada.

«Mas surgiram aqui novas difficuldades. As successivas transformações de ministerio tinham esgotado a pleiade da gordura historica, pleiade pouco fertil em estadistas. A menos que o illustre cosinheiro não emprestasse as abelhas, ficavam para sempre vagas as cadeiras ministeriaes. Não foi necessario. Que importam os vultos secundarios, quando é Napoleão quem está á testa d'um imperio? Tenham fé no general, e depois a inspiração *fara da se*, fará das suas, traducção livre. Jesus Christo não escolheu nenhum sabio da Grecia para o metter na lista dos seus apostolos; foi-se a um pescador e disse-lhe: «Vem comigo.» Se se tratasse de formar um ministerio, era natural que seguisse o mesmo systema. O Espirito Santo não tem escrupulos aristocraticos, visita quem lhe parece. Pedro e Thiago, etc. não sabiam senão o *patois* da Palestina, e de repente começaram a fallar latim e grego, de modo que dariam, ao mesmo tempo, um quinau em Cicero e outro em Demosthenes. Se fosse preciso tratar de

um emprestimo nacional, reformar as alfandegas, ou lançar contribuições, davam sota e az a mr. Fould ou a mr. Gladstone. O caso era terem fé.

«Isso não faltava no principado de Loulhauffen. Portanto, quando o cosinheiro, depois de esquadrinhar todos os cantos, appareceu com uns bichos da cosinha, e os apresentou para ministros, ninguem abriu bico e todos bradaram: «Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens, que aturam estas coisas de boa vontade.

«E o cosinheiro assoprou-os! Começaram a pairar linguas de fogo no aposento, e ninguem sabe se era o lume das fornalhas, se o da inspiração. O que é certo é que os novos ministros, tirando o barrete branco, sentiram por tal fórma a fervilhar lá dentro as idéas grandiosas, que reclamaram a toda a pressa uma *douche* para acalmar a effervescencia. E depois fallaram!

«Tudo se enthusiasmou. Cortavam todas as questões, resolviam todos os problemas, que a humanidade ainda está tentando resolver. Os Alexandres e os bichos da cosinha são os unicos que cortam os nós gordios. A espada do vencedor do mundo, e a faca de partir a carne são os instrumentos mais aptos para este mister. Um proclamava a egreja livre no estado livre, e a Europa, estupefacta, tratava de nomear embaixadores para irem saber em Loulhauffen como se derrubavam todas as difficuldades. Outros mostravam os punhos ao espectro de Colbert, e affiançavam que as finanças haviam de reflorir tão depressa, como as rosas em maio, quando sopram as virações da primavera. Aquell'outro, que exercera algum tempo as funcções de cabo de policia, dizia que nunca se lembrára de ter uma pasta, e que ao acceital-a se esquecera do que lhe di-

zia n'uma carta um grande vulto litterario da sua terra:

«Tenho ás vezes inspirações tão bestialmente estupidas que não sei como hei de escapar de ser mais tarde ou mais cedo ministro d'estado.

«Todos fallavam emfim, e todos faziam mil promessas lisongeiras. Reinava, comtudo, a agitação na camara; porque a memoria do estomago nem em todos é infiel, e os petiscos do cosinheiro sacrificado ainda não haviam sido digeridos.

«Consta-me que já esses clamores se foram a pouco e pouco dissipando. N'uma scena commovente, em que os gordos paes da patria pediram explicações ao primeiro ministro, este paternalmente lhes affiançou que os seus abdomens não perderiam, antes lucrariam com o novo estado das coisas. Derramou-se copioso pranto, deram-se copiosos abraços, e terminou tudo com uma posta de peixe frito, como a *Lava d'um craneo* do sr. Theophilo Braga.

«Diz-se até que o primeiro ministro fizera um milagre e multiplicára a posta, de maneira que ainda sobrou o sufficiente para um aperto, depois de todos se saciarem.

«Navegam, pois, em mar de rosas os ministros de Loulhauffen. As reformas promettidas não se hão de fazer esperar. Diz-se que o ministro da justiça, pessoa de idéas descommunaes, já anda traçando um plano de construir ás portas da capital a cadeia, cujo muro seja construido «invencivel muralha de «fortaleza da cidade, afundado exteriormente com «largos vallos, para que a cadeia se torne, ao vir a «necessidade, inexpugnavel castello e primeira de«feza da cidade.

«Disse.»

—Mais nada? exclamei eu.

—Mais nada, tornou a musa. Aos criticos que te extranharem o desconchavo, responde que a moda dos amphiguris é muito antiga, e que até o sisudo Filinto Elysio os escreveu.

O teu folhetim é um amphiguri.

E, dizendo-me isto, sumiu-se. [1]

1865.

[1] Este folhetim foi escripto por occasião de se recompor o ministerio historico de 1865, saindo o sr. Lobo d'Avila, entrando os srs. Ayres de Gouveia, marquez de Sabugosa etc. e ficando sempre o sr. duque de Loulé.

CINCOENTA ANNOS AO CORRER DA PENNA

(1815-1865)

Ainda a aguia napoleonica, ferida nos campos de Waterloo, não poisára nos pincaros volcanicos de Santa Helena, quando já os corvos, agrupados em congresso, principiavam a repartir entre si as pennas ensanguentadas da rainha dos ares. A carta politica da Europa refazia-se em Vienna, não em proveito dos povos, concitados pelos seus pastores depressa transformados em lobos a proscreverem, em proveito commum, o dominador do mundo, mas em proveito dos governos avidos. O principio das nacionalidades completamente posto de banda, as legitimas aspirações dos povos calcadas aos pés, a preponderancia da Austria assegurada por um systema d'annexações que a collocava em equilibrio instavel, a influencia da Russia lisonjeada, a Prussia engrandecida mas posta n'uma situação geographica de que devia tentar sair, a ambição colonial da Inglaterra amplamente satisfeita, a Italia dilacerada, accorrentada a Belgica, amordaçada a Polonia, e acima de tudo as liberdades vilipendiadas

e os despotismos garantidos, tal foi a obra violenta, e logo d'ali destinada a ser ephemera, do congresso de Vienna.

A reacção não tardou; erguendo a bandeira da liberdade tinham combatido os povos da Europa contra Napoleão; mas, conseguida a victoria, a bandeira desapparecera; passada a primeira surpreza, o sacro pendão tremulou de novo ameaçador e ancioso de vingança. As revoluções de 1820 soltaram o primeiro brado d'essa longa reacção, ainda hoje não terminada, contra as violencias do congresso de Vienna; Napoles ergueu-se frémente; correu de sul a norte da Italia o frémito revolucionario, Milão estremeceu, Turim despertou n'um impeto, e a Italia achou-se de subito em pé e unida em torno do pendão liberal.

A Hespanha ainda acordára primeiro. Riego em Cadiz soltára o grito solemne, lembrando a um tempo os fóros do pensamento moderno, e as gloriosas memorias das luctas a prol da independencia. Portugal surgiu, proclamando no Porto as instituições liberaes, logo depois acceitas em Lisboa e em todo o reino. O sul da Europa estava em fogo, mas era uma chamma tranquilla, que illuminava sem abrazar; a revolta era a reivindicação serena d'um direito postergado, d'uma promessa trahida.

Os mesmos reis acceitavam com resignação fingida o novo estado de cousas.

Entretanto uma nacionalidade, havia seculos olvidada, mas que, apenas se manifestou, conquistou de prompto as sympathias devidas pela Europa ás suas tradições gloriosas e ás suas longas provações, aproveitava o ensejo para dar testemunho de si. Era a Grecia que se erguia com os pulsos ainda roxeados á beira do Archipelago resplandecente, era o

Lazaro do paganismo, christianisado por um secular martyrio, que se levantava pallido do seu tumulo de marmore, onde se podiam ler os estygmas do alfange musulmano.

Tocára entretanto a rebate nos arraiaes monarchicos, e os despotismos, cobrando-se do primeiro desmaio, preparavam-se para tomar a sua desforra. Nos congressos de Troppau e de Laybach decidiu-se a escravisação da Italia, no congresso de Verona a punição da Hespanha. Além foi a Austria a executora da sentença, aqui a França. Os edificios constitucionaes, ainda mal assentes no solo, desabaram ao tremer a terra debaixo dos pés das phalanges austriacas, e das legiões do duque d'Angoulême. A reacção manifestou-se d'um modo sombrio. Na Hespanha os fusilamentos, na Italia a prisão e o exilio. Portugal seguira em tudo os destinos das nações mais poderosas, que tinham commungado com elle n'esse ágape da liberdade.

Entretanto era a America mais feliz, e as antigas colonias hespanholas, que em 1808, aproveitando as desventuras de metropole, tinham começado a viver vida propria, completavam a sua emancipação, e as antigas vice-realesas por toda a parte se desfiavam em republicas. O Brazil, tendo podido realisar essa evolução inevitavel na sua vida nacional á sombra da energia e da popularidade d'um principe illustrado, conservava a sua magestosa unidade. Entretanto o despotismo redobrava na Europa. A morte de Luiz XVIII em França fazia subir ao throno a reacção incarnada na pessoa de Carlos X. A morte de Alexandre I na Russia presagiava á Polonia um horisonte cada vez mais sombrio, porque o novo czar Nicolau I era a expressão mais completa do despotismo autocratico. Para dar uma li-

geira satisfação á opinião liberal, as potencias dominadoras da Europa garantiam a independencia da Grecia, depois de a terem protegido efficazmente com a derrota infligida em Navarino pelas suas esquadras á esquadra turco-egypcia, e pelo desembarque d'um corpo expedicionario francez nas praias da Moréa. Mas a sua influencia não deixou de ser fatal, porque, obstando á livre expansão d'essa nacionalidade, restringio a pequenos limites o novo reino da Grecia, que ainda hoje se debate em convulsões, separado como se acha das provincias suas irmãs.

A victoria do despotismo não podia deixar de ser passageira. A liberdade, pallida mas resoluta, vinha de novo á flor das vagas que a tinham submergido. Na Inglaterra a victoria do principio liberal manifestava-se pelo *bill* da emancipação dos catholicos arrancada emfim pela opinião publica, e pelo bom senso de Robert Peel á influencia do duque de Wellington. Em Portugal, morrendo D. João VI, succedera-lhe D. Pedro IV, então imperador do Brazil, a cuja emancipação presidira. Abdicando em sua filha, outhorgava ao mesmo tempo uma carta constitucional. O partido absolutista, achando um campeão e uma bandeira no principe D. Miguel, proclamava-o rei, e dava assim começo á longa lucta que ensanguentou o solo portuguez.

Entretanto a liberdade, comprimida em França, reagia com impeto, e nos tres dias de julho de 1830 derrubava dynastia e despotismo reaccionarios, e arvorava sobre as ruinas do throno borbonico o velho symbolo da liberdade, a bandeira tricolor. Para vingar uma affronta infligida ao consul de França pelo dey d'Argel, operára um corpo expedicionario francez a conquista d'esse antigo ninho de piratas.

O prestigio da victoria não póde salvar a dynastia condemnada. A bandeira branca fluctuou apenas, como rapido meteoro, nas muralhas d'Argel, e logo se hasteou sobre a cidade conquistada o antigo estandarte de 89. Apenas elle fulgurou, como um iris de liberdade, no céo da Europa, saudaram-no, como symbolo da redempção, todos os povos opprimidos. Rebentou a revolução na Polonia, mas foi afogada em ondas de sangue; a Suissa agitou-se, a Allemanha tentou erguer-se, mas recaiu subjugada pelo joelho dos despotas, um movimento revolucionario, logo comprimido pelas bayonetas austriacas, fez estremecer a Italia; a Belgica reagiu contra a Hollanda. Só essa foi victoriosa; a sua separação effectuou-se. Em França, entretanto a revolução de julho levára ao throno o duque de Orleans Luiz Filippe.

Mas o triumpho da liberdade continuava. A Inglaterra, desejosa sempre de prevenir as revoluções fazendo as reformas necessarias, reformava a sua legislação eleitoral. As agitações do Brazil, compellindo o imperador a abdicar, lançavam-no na senda das aventuras cavalheirescas, e davam ao partido liberal portuguez um caudilho heroico. D. Pedro IV de Portugal e I do Brazil, voltando a ser apenas duque de Bragança, conduzia a bom exito a transformação de que elle tomára a iniciativa, e, morrendo depois de uma lucta epica, deixava as instituições constitucionaes arraigadas em Portugal.

A Turquia mesma não podia resistir ao impulso das novas idéas; o sultão Mahmoud fazia reformas importantes, e com a mortandade dos junizaros, punha um termo cruel á nefasta influencia d'essa indisciplinada milicia. No Egypto Mehemet-Ali, homem de vigorosa intelligencia o de indomavel ener-

gia, praticava um acto semelhante ao da mortandade dos janisaros, extermiuando os mamelucos; e organisando o Egypto á europea, começava a tornar-se um vassallo tão poderoso, que já fazia tremer o sultão no seu palacio do Bosphoro. A Servia, a Moldavia, e a Valachia, auxiliadas pela Russia, constituiam-se quasi independentes. O Egypto declarava guerra ao seu suzerano, e o seu exercito, commandado pelo filhode Mehemet-Ali, o habil general Ibrahim Pachá, não só obrigava a Turquia a conservar apenas sobre esse paiz uma suzerania muito nominal, mas invadindo victorioso as provincias contiguas, punha em serio perigo a integridade do imperio ottomano. As reformas de Mahmoud vinham tarde, a corôa de Bajazet, caindo da fronte debil dos sultões, deixava rolar para todos os lados os seus mais esplendidos diamantes.

Emquanto a preponderancia de Mehemet-Ali ameaçava os gabinetes com a proximidade d'uma crise no Oriente, na Asia surgiam questões não menos graves.

A rivalidade da Russia e da Inglaterra começava a manifestar-se n'esse continente onde se hão de encontrar um dia, a China, forçada na sua immobilidade pela Inglaterra, sempre irrequieta, via-se obrigada a abrir aos *barbaros* alguns dos portos do seu imperio. Entretanto a Europa intervinha na questão da Turquia, e salvava o imperio ottomano, impondo a Mehemet Ali a obrigação de não proseguir na serie das suas victorias.

Na França as instituições liberaes desenvolviamse e floresciam á sombra do throno de Luiz Philippe. A politica pacifica d'este monarcha foi reprovada pela imprensa, que viu nas celebres questões do direito de visita e da indemnisação Pritchard maculas estampadas na bandeira franceza. Essa re-

provação subiu de ponto, quando, em 1840, ao intervir a diplomacia europea de novo para salvar o imperio turco das garras de Mehemet-Ali, foi a França excluida pelas outras grandes potencias do tratado que entre si tinham feito para garantirem os Estados Ottomanos. Correram então serios rumores de guerra, comtudo prevaleceu mais uma vez a politica de paz.

O reinado de Luiz Philippe não foi comtudo privado da gloria militar, attestam-n'o as brilhantes campanhas de Argel, e a campanha de Marrocos, dirigida pelo general Bugeaud. Apesar d'isso, a França entendeu dever derrubar esse governo illustrado a 24 de fevereiro de 1848 para lhe substituir a republica. A morte do duque d'Orleans, succedida em 1842, concorreu para que a revolução, que não era positivamente contra a dynastia, viesse a ter esse resultado. Principe altamente popular, o herdeiro presumptivo da corôa, se então vivesse, teria poupado á França sinistras convulsões de que se livrou apenas para cair no profundissimo lethargo do despotismo imperial.

Entretanto em Hespanha a morte de Fernando VII dera começo á luta entre seu irmão D. Carlos, e sua infantil filha D. Isabel, representando esta as idéas liberaes, sendo aquelle o campeão do absolutismo. Terminou essa longa luta com o convenio de Vergara, e com a victoria d'Isabel. Logo a discordia civil dividiu os vencedores. Espartero expulsa da regencia a rainha mãe D. Maria Christina, Narvaez expulsa da regencia Espartero, e proclama a maioridade da joven rainha, casando-a quasi logo com o infante D. Francisco de Assis, duque de Cadiz, e frustrando assim as ambições matrimoniaes da França e da Inglaterra.

Em Roma succedia a Gregorio XVI Pio IX, e o seu reinado antolhava-se auspicioso áquelles que conheciam as idéas liberaes do novo papa. Em Portugal estava sendo tempestuoso o noviciado constitucional. A opposição ao ministerio deixado por D. Pedro entrava no poder pela revolução de 9 de setembro de 1836, adoptava provisoriamente a constituição de 20 em vez da Carta, e proclamava a dictadura do illustre chefe progressista Passos Manuel. Em 1838 votou-se a nova constituição, protestaram contra ella por via das armas Saldanha e Terceira na *revolta dos marechaes*, e afinal um membro do proprio ministerio, Costa Cabral, em 42, pondo-se á testa de uma revolta no Porto. D'esta vez a reacção triumphou, e os *cartistas* ficaram no poder. Ergueram-se contra ella protestos armados, primeiro o da revolta de Almeida em 44, depois o da revolução do Minho em 46, revolução que só pôde ser comprimida pela intervenção estrangeira. Em 51 houve terceiro protesto, menos sanguinolento e mais feliz; a *regeneração* entrou no poder, o *acto addicional* satisfez pelo menos uma parte das aspirações dos progressistas, e D. Maria II, baixando ao tumulo em 1853, deixou a seu filho, depois de um reinado de provações, um paiz tranquillo e constitucionalmente educado.

No Brazil não houvera menos desordem. Primeiro a abdicação de D. Pedro, depois a idéa do desmembramento do imperio em republicas poseram as armas na mão dos brazileiros. Revolta na Bahia e em Pernambuco em abril de 31, no Rio de Janeiro em outubro, em Ouro Preto em março e maio de 33, no Rio de Janeiro em dezembro; o Ceará em revolta de 31 a 32; o Maranhão egualmente; o Pará revoltado com tal vigor que só em 36 teve termo

a insurreição; mas principalmente o Rio Grande do Sul, proclamando-se em republica debaixo do nome de *republica de Piratininga*, deu que fazer ao governo imperial, e conservou-se dez annos separado do Brazil, tendo tido a honra de contar entre os seus defensores n'essa luta o celebre Garibaldi.

As republicas americano-hespanholas eram preza da anarchia; em Buenos-Ayres Rosas vencia o monstro, mas erguia sobre o seu cadaver palpitante uma dictadura horrivelmente sanguinaria, que só terminou com a intervenção do Brazil, auxiliando a revolta de Urquiza em 1852. No Paraguay tambem a anarchia fôra domada pelo systema completamente claustral imposto aos seus povos pelo dictador Francia, pelo seu successor Lopez, e mantido ainda pelo filho d'este ultimo, que sustentou contra o Brazil a guerra encarniçada que sabemos.

Entretanto a republica fôra, como vimos, proclamada em França, e as utopias socialistas ameaçavam leval-a pelo caminbo de uma anarchia talvez mais horrivel que a de 93, porque as idéas fundamentaes das sociedades eram postergadas abertamente; a propriedade assustada reagio com força, e lançou-sc na dictadura de Cavaignac, que salvou a França d'uma terrivel conflagração apagando o incendio nos tres dias terriveis de junho de 48: depois veio a presidencia de Luiz Napoleão, eleito por immensa maioria, e preferido aos seus dois competidores, Cavaignac e Lamartine.

Mas a revolução de 48 repercutira-se na Europa. A Belgica e a Hollanda fizeram espontaneamente modificações liberaes; Portugal e Hespanha estavam fatigados da lucta; foi pois na Allemanha e na Italia que a repercussão foi mais forte. A Italia expulsou por toda a parte as guarnições austriacas, o

papa e o rei de Napoles, com vontade ou sem ella, tomaram parte no movimento, Carlos Alberto, rei do Piemonte, poz-se com franqueza á sua frente, mas logo os revezes succederam aos triumphos. Os piemontezes derrotados em Custozza e Novara, os toscanos e napolitanos enxotados em Goito, o exercito pontificio arrojado para longe em Verona, Veneza tomada depois d'um cerco heroicamente sustentado, eis as consequencias da revolução. O papa, olvidando os seus compromissos liberaes, ia procurar um refugio em Gaeta contra os movimentos revolucionarios de Roma, e esta cidade, sitiada por um exercito francez, via apagada nos seus muros a ultima chamma da liberdade.

Na Allemanha tambem ao principio fôra feliz a insurreição, em Vienna e em Berlim, mas logo em 48 estava comprimida. A terrivel revolução da Hungria, dirigida por Kossuth e Bathyani, foi domada graças ao auxilio da Russia; entretanto successivos golpes de estado de Luiz Napoleão erigiam de novo em França o imperio cercado de instituições muito pouco liberaes. Depois de tantas e tão sanguinolentas luctas parecia quo em tudo se voltava ao principio do seculo.

Surgiu tambem então a questão dos ducados do Elba, que teve uma solução tão fatal em 1863. Mas em 48 a França, a Inglaterra, a Austria e a Russia souberam conter os vôos da ambição prussiana.

Logo em seguida a questão do Oriente tomou uma nova phase, d'um lado interveio a Russia, do outro intervieram as potencias occidentaes, e a guerra da Criméa effectuou se, terminando com a tomada de Sebastopol, em 56. De novo em 1860 teve a Europa de intervir na Syria, para impedir a matança dos christãos que ali se praticava, sem que os

turcos a soubessem ou quizessem reprimir. Entretanto rebentára de novo a questão italiana; auxiliado pela França, o Piemonte luctava com a Austria, e arredondava-se com o Milanez. Entrada n'este caminho, ninguem póde deter a Italia, anciosa de se libertar. As Legações, Toscana e Modena annexaram-se espontaneamente, Napoles e Sicilia, inflamadas pela passagem de Garibaldi, sublevaram-se do Etna ao Vesuvio. Ao mesmo tempo surgiam difficuldades entre o Piemonte e Roma, e o exercito piemontez, derrotando o pontificio em Castelfidardo, vinha ao sul apressar a emancipação de Napoles. A Italia, á excepção de Veneza e de Roma, completava a sua unidade.

Na Asia acontecimentos importantes se realisavam; em 1857 a revolta dos cypaios punha em perigo a dominação ingleza. Em 1860 a Inglaterra e a França profanavam o territorio do celeste imperio, e os seus exercitos penetravam na sagrada Pekim, o Japão abria os seus portos ao estrangeiro. Ao mesmo tempo na Europa revoltava-se a Grecia contra o seu rei Othão, a Inglaterra cedia-lhe as ilhas Jonias, e o principe Jorge da Dinamarca, que só com essa condição acceitava a realeza que lhe offereciam, subia pela sua vez ao throno hellenico.

A Polonia despertava de novo em 1863 e de novo era esmagada. Nas margens do Elba a Prussia e a Austria desmembravam a monarchia dinamarqueza, e dividiam entre si os ducados. Ao mesmo tempo no Mexico o presidente da republica Juarez insultava os estrangeiros, declarava-se livre dos compromissos financeiros tomados pelos seus predecessores, e chamava assim a intervenção da Hespanha, Inglaterra e França. Ficando só em campo esta ultima potencia dizpoz do Mexico á vontade, e esta-

beleceu n'esse paiz volcanico o imperio que vimos ha pouco desabar no sangue de Maximiliano. Nos Estados Unidos a questão da escravatura accendeu em 1861 a gigante guerra civil que só em 1864 terminou, e cujas convulsões ainda agitam hoje o solo da potente republica.

A historia de Portugal de 53 a 65 é tranquilla, limita-se ao desenvolvimento material, e ao jogo pacifico das instituições constitucionaes. No Brazil tambem as luctas civis cessaram com a maioridade de D. Pedro II, e apenas em 42 uma nova revolta, logo apaziguada, se effectuou em S. Paulo. Depois veiu a paz, perturbada em dois annos infelizmente pela mortifera lucta com o Paraguay, que ainda hoje dura e ameaça prolongar-se.

É este o assumpto d'um livro intitulado *Resumo da historia contemporanea* (1815-1865) *por um professor* que recebi ha pouco do Brazil. Apertando n'um quadro de trezentas paginas todos esses acontecimentos de que eu fiz, para assim dizer, o indice, este livro abrange como veem um panorama completissimo d'estes ultimos cincoenta annos, e a todos os respeitos merece ser consultado pela exactidão, pela imparcialidade, e pela clareza da exposição. Só ás vezes desejaria mais correcção na linguagem, e mais primor no estylo, mas a fórma é secundaria, quando um livro é tão recommendavel pela substancia.

1867.

A QUEDA DA BASTILHA

A demolição d'esta fortaleza, cujas sombrias muralhas, cujas masmorras ainda mais sombrias eram o mudo symbolo do regio despotismo, da tyrannia feudal, foi como que o derrubar da bandeira do antigo regimen pelas mãos das phalanges revolucionarias. O vacuo, deixado pela Bastilha demolida, foi o abysmo cavado entre o passado e o futuro, foi a voragem onde desappareceram privilegios, oppressões, absurdos envelhecidos, costumes decrepitos. Havia muito que surdos abalos subterraneos denunciavam que estava proxima a erupção volcanica; a lava accumulava-se nas catacumbas da sociedade, formava-se a cratera, serpeavam as chammas, n'um momento rugiu o Vesuvio popular, a lava golphou em borbotões, o fogo sinistro saíu do precipicio entre-aberto, a Bastilha desabou com immenso fragor, e sobre as suas ruinas appareceu, ainda sereno e puro, apesar das procellas que lhe relampagueavam em torno, o genio da liberdade.

No dia 14 de julho, o sol despontando no hori-

sonte da Europa, encontrou os povos mergulhados na treva da escravidão, mas quando n'esse mesmo dia se atufou nas aguas do Oceano, deixava um outro sol, o da emancipação dos povos, a resplender sobre o mundo, sol para os filhos da França, aurora e tibia aurora ainda para as outras nações. Mas, quando o primeiro clarão matutino rasga as sombras nocturnas, o esplendor não cessa de se alastrar nos céos, até chegar ao zenith e illuminar em cheio os mesmos que lhe assistiram ao despontar.

Sentiu-se em toda a Europa o baque da Bastilha; em toda a Europa foi acordar a esperança no animo dos povos, o terror no animo dos reis. Caíra a cidadella do despotismo, e caíra, como as muralhas de Jerichó, ao som das trombetas triumphaes, que escoltavam a arca santa da liberdade. Não havia duvida; a Providencia permittia, emfim, aos povos vingarem-se da sua longa oppressão de seculos, e a queda d'essa corôa de ameias que cingia a fronte livida d'esse genio máo das nações que se chamou — o feudalismo — fez logo tremer na fronte da realeza o diadema de ouro, que symbolisava a monarchia absoluta.

Assim foi; privilegios feudaes, distincções injustas, negação ao povo do exercicio da sua legitima soberania, tudo ficou sepultado nas ruinas do velho castello parisiense. No local onde ella se erguera, celebrou, no anno seguinte, um povo inteiro, com delirante enthusiasmo, o anniversario da liberdade. Anciosos de fazerem desapparecer de diante dos olhos o symbolo odioso d'um ainda mais odioso poder, os parisienses arrasaram completamente a fortaleza da idade media, e no sitio onde ella existia campeia hoje o monumento de Julho.

Foi pena! As pedras não são culpadas das vilezas e dos crimes de que os homens as fazem involuntarias cumplices, e seria um espectaculo cheio de bem gradioso ensinamento o d'esse edificio terrivel outr'ora, silencioso hoje, deserto, negrejando, como larga nodoa, no meio dos esplendores que incendeiam as noites da moderna Paris! Seria bom trazer á luz immensa da liberdade esse morcego do despotismo, e as suas muralhas sombrias, conservando impressas as garras do leão insurreccional, mostrariam aos despotas, melhor do que a columna commemorativa que lá campeia, o que póde a força brutal, o que podem as muralhas inaccessiveis, o que póde o canhão contra a ira do povo, quando os seus oppressores encheram a taça das iniquidades, e quando a consciencia dos seus direitos o subleva e agita, como a procella agita e subleva as ondas do Oceano.

1867.

A MORTE DE NAPOLEÃO III

Hesitei muito tempo antes de escrever este folhetim. Eu tenho o respeito pelos tumulos e a veneração pelas magestades caidas. O infortunio, o exilio, a imprecação universal revestem para mim a victima da inviolabilidade dos infelizes, mais respeitavel do que a dos monarchas sentados no seu throno. Depois sobre este tumulo recentemente aberto debruçava-se apenas uma mulher banhada de lagrimas, uma viuva vestida de negro, e uma criança pallida, attonita, sentia suffocarem-n'a as lagrimas reprezadas pelo assombro de uma dôr immensa. Esta visão lugubre não consente que o publicista, precursor da historia, vá perturbar o silencio do quarto mortuario, e insultar a dôr de uma viuva e de um orphão com uma oração funebre, em que já se sintam os echos da sentença condemnatoria que a posteridade ha de lavrar. Eu diante dos mortos curvo-me sempre com respeitosa tristesa, perante a dôr de uma familia, que vê de subito um logar vago no circulo dos intimos affectos, inclino-me com silenciosa piedade.

E comtudo que reflexões amargas me não acudiam ao espirito! O que! Morreu, longe do throno sim, mas acariciado pelos labios affectuosos da esposa, viu talvez ainda, n'essa vaga penumbra que deve descer sobre os olhos dos que expiram, antes que de todo os escureça a eterna sombra, o vulto pallido de seu filho! Que tenue expiação! E esse homem calcára um paiz inteiro a seus pés, depravára uma geração, ennodoara para sempre a historia de um povo! E esse homem teve Chislehurst apenas! E o outro, o gigante, que tambem commettera um crime de lesa-liberdade, que tambem abusára loucamente de todos os dons da fortuna, mas que ao menos, em vez de estampar na bandeira do seu paiz a mancha da deshonra, a illuminára pelo contrario com o fulgor de inauditos prestigios, esse teve o desamparo, a solidão, Hudson Lowe, Santa Helena! Ó Providencia!

E ainda outras imagens se atropellavam no meu espirito! O homem, que acaba de expirar debaixo das cortinas brancas com flores azues do seu leito de Chislehurst, teve occasião para lavar com o seu sangue as maculas mais aviltantes da sua nefasta existencia! Viu desfazer-se-lhe nas mãos um exercito que chorava de humilhação e de raiva, viu cair na lama a bandeira tricolor, viu arderem as aldeias, encravar-se a artilharia, quebrarem-se as espingardas, desmoronar-se ao impulso das suas mãos a gloria, o pundonor da França, e pallido, assombrado, attonito foi estender ao vencedor a espada! E a fortuna offerecera-lhe, n'um ultimo sorriso, a morte redemptora, a morte na confusão vertiginosa da lucta, entre os rugidos do canhão, entre os clamores da batalha, e elle economisou dois annos de existencia, quiz accrescentar á sua historia

Wilhelmshöhe, como se lhe não bastassem Mentana, Queretaro e Sedan!

Foge-me a penna quando eu quereria dominal-a, e de certo eu não consentiria que estas palavras talvez crueis me escapassem, se em torno d'esse tumulo entre-aberto não começassem agora a sentir-se não sei que vagos rumores de apotheose. Ah! tomo a Deus por testemunha de que a minha primeira impressão, ao saber a noticia da morte do imperador, foi uma impressão dolorosa; tomo a Deus por testemunha de que não senti mais do que o desejo de curvar-me silencioso e commovido diante d'essa senhora chorosa, diante d'esse adolescente afflicto.

Aos olhos da minha imaginação desappareceu o homem de 2 de dezembro e de Sedan, e ficou apenas o marido que procura debalde responder com um pallido sorriso ao ultimo beijo de uma esposa estremecida, que busca avidamente com o olhar entenebrecido pela morte a imagem do filho querido que vae deixar para sempre. E, olvidando as agitações politicas, os crimes do imperio, não vi senão o aspecto humano d'este drama familiar, mas sempre doloroso e commovente.

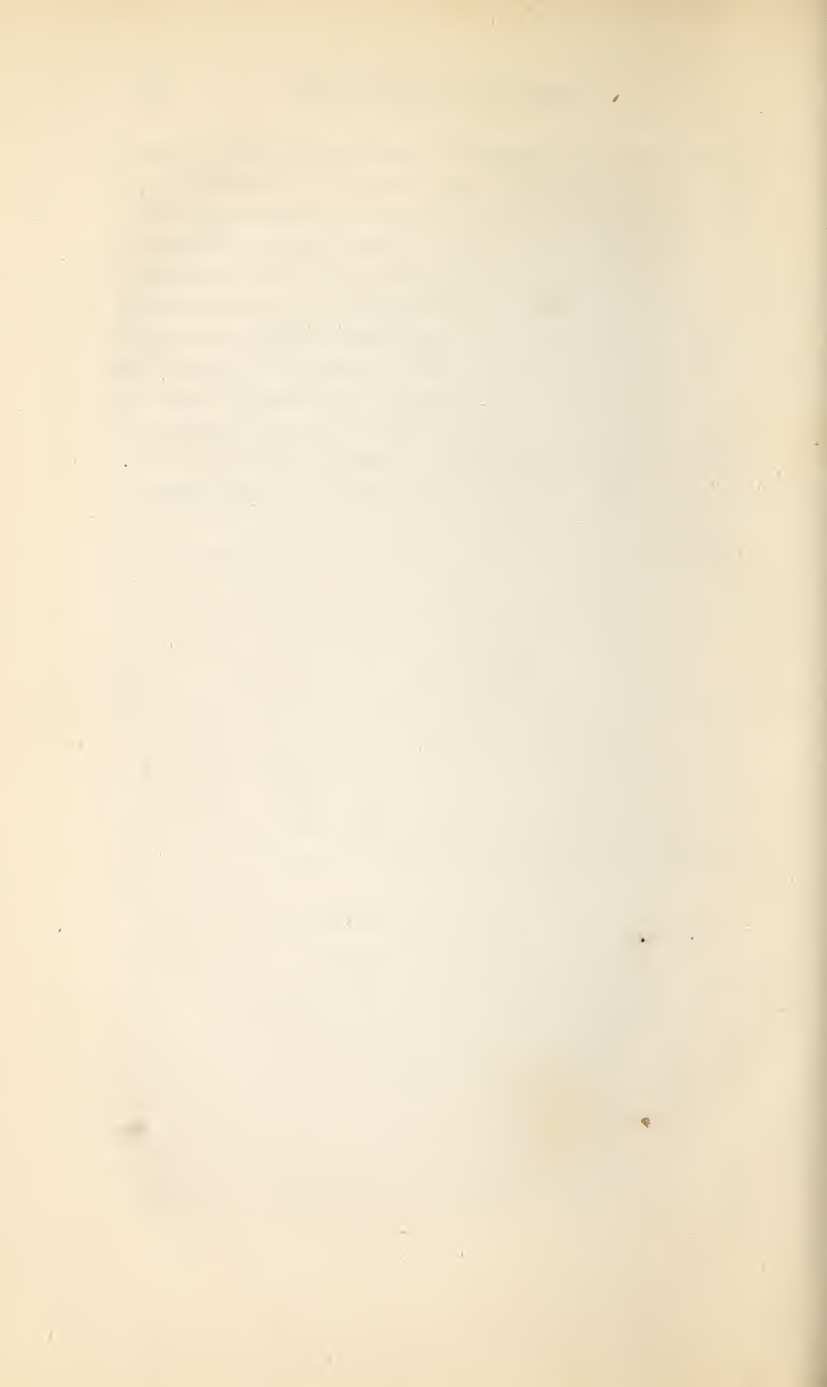
Mas de subito oiço erguer-se em torno do cadaver imperial um canto de louvor e de saudade. Vejo em França não só o jornalismo bonapartista, mas todo o jornalismo da extrema direita, todo esse jornalismo feroz que não quer ouvir fallar em amnistia aos communistas, que pede sangue, sangue e sangue para apagar a memoria dos incendios de Paris, esse jornalismo que applaude freneticamente Satory, que insulta os fusilados ainda no estertor da agonia, que zomba dos presos das presigangas, que acha á Nova-Caledonia castigo pequeno para tão

grandes criminosos, esse jornalismo que não cessa de bradar vingança, vejo esse jornalismo curvar-se respeitoso perante o cadaver de um homem, que nem era ao menos o chefe do seu partido, que tem apenas para esses monarchistas *forcenés* o predicado de se ter sentado n'um throno! vejo esse jornalismo julgar expiadas todas as culpas de Napoleão com a morte, aos 64 annos, no leito macio de um quarto confortavel, d'onde pelos vidros das janellas podia o imperador descançar o olhar moribundo no viçoso veludo dos tapetes de relva da Inglaterra! E as culpas dos communistas essas nem as expiam sufficientemente os fusilamentos em massa, os fusilamentos em Satory, a morte angustiosa de tantos homens na flôr da vida, em pleno vigor de saude e de mocidade! O sangue das mulheres e das crianças, derramado em ondas na rua Transnonain no dia 2 de dezembro, bastam para o lavar duas lagrimas da imperatriz Eugenia! mas o sangue dos gendarmes e dos padres, que banhou as pedras da rua Haxo no sinistro dia 28 de maio, esse nem consegue diluil-o a torrente de prantos de milhares de mães e de esposas, que choram, immersas na miseria, dilaceradas pela fome, longe dos paes e dos esposos, quantas vezes innocentes!

Ah! sabem todos que, se ha homem em Portugal que não possa ser accusado de transigir com essa odiosa canalha dos communistas! se ha homem que tenha dado repetidas provas de quanto odeia esses ineptos ambiciosos, esses exploradores de vis paixões, esses Erostratos absurdos da civilisação contemporanea, esses demagogos que amassaram com lama e sangue a sua ephemera e funestissima dictadura! se ha homem que protestasse energicamente, em nome da liberdade ultrajada, contra os crimes

dos que não só a violaram, mas tambem lhe conspurcaram o nome, esse homem sou eu! mas acima de todas essas considerações, vive no meu espirito um profundo sentimento de justiça! e, se estou prompto a olvidar os odios e as paixões politicas, para me curvar em silencio perante esse tumulo que se abre na terra do exilio para o homem que governou a França, não me ha de impor este silencio como uma obrigação essa turba de reaccionarios francezes, que applaude delirantemente nos amphitheatros da imprensa o fusilamento dos communistas, como a plebe hespanhola applaude nos circos a morte do toiro! não m'o ha de impor essa turba sanguinaria, que a palavra *amnistia* faz espumar de raiva! não m'o ha de impôr essa horda catholica e legitimista, que, ao voltar da romaria de Lourdes, organisa uma dança macabra sobre as covas frescas de Satory.

Eu tencionava n'este folhetim apreciar com uma imparcialidade, que mais pendesse para a benevolencia do que para o rancor, os actos do homem que se chamou Napoleão III. Não seria de certo severo com as aventuras de Bolonha e de Strasburgo, que denunciam por fim de contas um espirito audacioso e energico! Sem querer absolver por fórma alguma o crime hediondo de 2 de dezembro, o perjurio, o attentado contra a liberdade, a violação da assembléa, os fusilamentos nas ruas, o despotismo inaugurado em pleno seculo XIX sem ter ao menos por desculpa a gloria, não deixaria de confessar que a França, desnorteada pelo terror do espectro vermelho, foi em grande parte cumplice d'esse crime.

Sem deixar de reconhecer que o primeiro Bonaparte deveu ao prestigio do seu incomparavel ge-

O IMPERADOR DO BRAZIL EM LISBOA

Começo por lhes dizer que não sei aonde vae hoje o imperador. Arrisco-me d'esta fórma a não ter quem me leia o folhetim, mas esta nobre franqueza deve de certo conciliar-me a sympathia de todos os corações bem formados.

É que effectivamente Lisboa está n'um estado febril, segue o imperador para toda a parte, corre de theatro em theatro á procura do imperador, faz inauditos sacrificios para ver o imperador, para mostrar bem o respeitoso affecto que consagra ao augusto chefe de uma nação livre, nossa irmã.

Sua magestade o imperador não só recusa resolutamente os festejos officiaes, mas olha sempre com certa desconfiança para todas as recepções pomposas, receiando constantemente que ande occulta n'aquellas expansões de jubilo espontaneo uma sombrasinha de manifestação official. Como a Margarida de Octavio Feuillet no *Roman d'un jeune homme pauvre*, que tremia sempre que lhe fizessem a côrte não por lhe terem amor, mas por a saberem rica, sua magestade receia sempre modestamente que o

applaudam, que o festejem, não pelos seus predicados pessoaes, pela elevação da sua intelligencia, a riqueza do seu espirito illustrado, e pela qualidade de representante de um povo, ao qual nos ligam os mais intimos laços, mas simplesmente por ter nascido n'um throno, por vestir as purpuras e os arminhos dos Cesares, por ser emfim não só o chefe da casa imperial brazileira, mas um membro da casa real portugueza.

Pois seria necessario agora ser mais incredulo do que o proprio S. Thomé, mais sceptico do que Bayle, mais propenso á negação do que Voltaire, para não acreditar no enthusiasmo verdadeiro, espontaneo dos lisbonenses. Lisboa foi á camara dos deputados, deu vivas ao imperador, segundo me contaram, e pôz luminarias. Depois d'estas tres maravilhosas manifestações, podem-me dizer que Lisboa se metteu em fragatas do Tejo, e acompanhou o imperador até ao Brazil, que eu acredito. Quando Lisboa põe luminarias, vae á camara e dá vivas, a pessoa, por quem ella faz taes sacrificios, póde dizer que tem a chave do coração de Lisboa, mettida na gaveta da sua secretária. Lisboa é sua, pertence-lhe, conquistou-a.

Mas era muito para ver o espectaculo das galerias da camara, no dia em que o imperador foi assistir á sessão. Aquellas tribunas desertas, onde a voz dos oradores vae expirar tristemente sobre as solitarias bancadas, estavam apinhadas de espectadores. Discutia-se o projecto de lei relativo á abolição do privilegio dos bancos; assumpto, que, como é sabido, interessa de um modo espantoso a população de Lisboa. Fallaram diversos oradores; o imperador escutava-os com interesse, os espectadores olhavam para o imperador. Todos diriam que o imperador é que era o contribuinte, e que os con-

tribuintes das galerias é que eram o imperador do Brazil. Mas o espectacule mais curioso foi o que se seguiu á saida de sua magestade. Era para ver com que ancia, com que soffreguidão o publico fugia das galerias; atropellavam-se nas escadas, pizavam-se, empurravam-se, e parecia-lhes que os perseguiam os echos vingadores da voz dos deputados. «Senhor presidente, as obrigações do banco hypothecario... *Sauve qui peut!...*» «Senhor presidente, os fundos de reserva...» Veja se se mexe que eu ainda os oiço! «Senhor presidente a incidencia do imposto!...» Aqui de el-rei! E fugiam a bom fugir, tinham azas nos pés, e, ao chegarem á porta do parlamento, sacudiam o pó das suas sandalias, respiravam com força, desaffogadamente, alegremente, por se verem livres da discussão parlamentar. Ah! venham-me dizer os sacrificios que fizeram pelas suas damas os galanteadores dos bons tempos de cavallaria, fallem-me no passo de armas sustentado por Suero Quiñones; no voto que outro cavalleiro fizera de trazer sempre nos pulsos umas algemas para significar que era fiel captivo da senhora dos seus pensamentos, que eu não encontro maior prova de amor do que esta, que deu o povo de Lisboa ao soberano brazileiro, indo por causa d'elle á camara dos deputados ouvir uma discussão ácerca dos privilegios dos bancos.

Não são os vivas menos antipathicos á indole e aos costumes do nosso bom povo lisbonense. Ou porque nos falte a *claque* sempre necessaria para aquecer o enthusiasmo popular, ou porque nós naturalmente não sejamos propensos a expansões de garganta, o que é certo é que temos o mais vivo affecto aos nossos soberanos, e a outros vultos notaveis, mas nem por isso desatamos a dar-lhes vivas

quando os vemos passar pelo meio da rua. Nós substituimos os vivas pelas phylarmonicas, e encarregamos a musica de exprimir o nosso enthusiasmo em varios hymnos de circumstancia. Delegamos nos trombones e nos figles o nosso enthusiasmo politico. Somos sinceramente liberaes, mas em vez de darmos vivas á constituição, encarregamos a phylarmonica parochial de tocar o hymno da carta. Quando encontrardes, ó compatriotas e amigos, um cidadão com os olhos injectados, as bochechas entumecidas, a face vermelha, sacando com enthusiasmo do bojo de um figle as notas graves do hymno da Carta ou do hymno da Restauração, respeitae-o e saudae-o; está dando os vivas da freguezia.

Quando chegamos a ponto de nos enthusiasmos pessoalmente, de darmos nós mesmos os nossos vivas, confesso que não conheço thermometro capaz de medir o calor que nos inflamma; tenho de recorrer para essa estatistica ao pyrometro de Wedgood.

E as luminarias! As luminarias completam a manifestação assombrosa do enthusiasmo, do affecto de Lisboa! Poz Lisboa luminarias! Isto quer dizer simplesmente que enlouqueceu de amores. Nos arredores da capital conheço eu algumas camarasinhas municipaes, não das mais pobres, que até se dispensam de accender os candeeiros de gaz quando ha luar. A mim sempre isso me pareceu principalmente uma falta de consideração pelas estrellas, que são soes, como é sabido, centros de systemas planetarios, e não simplesmente satellites como a lua, esse pallido ajudante de campo d'este rotundo general, que se chama Terra. Entendia portanto que essas camaras municipaes, não accendendo os candeeiros de gaz quando têem luar, tambem os não deviam

accender quando tivessem a luz das estrellas. Não chegaram comtudo a essa perfeição.

Vejam o prosaismo dos tempos que vão correndo! O luar, cantado por todos os poetas, desde Virgilio *Per amica silentia lunæ*, até Alfredo de Musset na sua excentrica ballada, o luar, meigo protector de enamorados sonhos, um bello dia achou-se incluido nos orçamentos municipaes; fez parte dos planos financeiros. Inspirára sonetos, inspirou economias. A mythologica Diana, que amou o formoso Endymião, a deusa pallida e virginal que se perdeu de amores pelo poetico mancebo, devaneado pela arte grega, veiu a cair emfim nos braços de um vereador! Para agradar a Endymião, Phebe coava por entre a folhagem os raios da sua branca luz, e ia beijar a pallida fronte do moço adormecido sob a copa das grandes arvores, de cujas folhas goteja o orvalho; para agradar ao novo Endymião municipal, a altiva deusa toma agora por sua conta a illuminação gratuita do concelho! Ainda a havemos de ver, de cuia e veu, solicitando votos nas vesperas das eleições.

Ora, quando, no nosso bello paiz, ha estas idéas ácerca do luar, debaixo do ponto de vista orçamental, pode-se crer que as luminarias não estão nos habitos modernos do nosso povo. Eu, quando vim de Madrid, entrei em Lisboa n'uma noite de grande gala; andei ás apalpadellas pela baixa, porque despresei o conselho que me dera o meu bom amigo Ramalho Ortigão de trazer uma caixa de phosphoros de cera, para os vir accendendo pelo caminho até casa.

E, a proposíto de Ramalho Ortigão, deixem-me estampar aqui um protesto contra o que se diz a meu respeito no ultimo numero das *Farpas*, sempre admiravelmente escriptas e radiantes de graça. Re-

leiam os meus amigos o folhetim a que me fizeram a honra de alludir, e verão que eu não disse o que nas *Farpas* se me attribue. Ah! se eu o tivesse dito, declarava-me esmagado pela brilhante refutação; mas não disse. Os meus bons amigos sabem d'aquelle cavallo d'Orlando, em que Ariosto falla, que tinha todos os predicados possiveis e um só defeito, estar morto. A resposta, que me dirigem, é soberba, admiravel, o que não tem é razão de ser. Mas vejam de que eu escapei! Se eu tivesse escripto o que me attribuem, estava arranjado!

E, fechando a digressão, digamos pois que esta prodigalidade de luminarias que se nota em Lisboa, e que lhe dão o aspecto de uma cidade resplandecente das *Mil e uma noites*, é a maior prova de affecto que o imperador podia receber. Todas merece quem, descendo do solio, abdicando temporariamente as suas primasias hierarchicas, ficou ainda sendo distincto entre os mais distinctos, quem comprehende tão bem as tendencias da nossa epocha democratica, e mostra que, ainda que houvesse nascido longe do throno, teria subido aos logares mais eminentes pela natural superioridade do seu espirito. O imperador foi o homem da moda em Paris, onde passam muitos imperadores sem que ninguem dê por elles; isto prova bastante quanto vale, pelas suas qualidades pessoaes, o sr. D. Pedro II.

Nós, applaudindo-o e festejando-o, nem applaudimos só o homem, nem festejamos o imperador; mostramos ao Brazil que não esquecemos a intima fraternidade que nos liga, ramos do velho tronco portuguez, prestando-lhe uma homenagem sincera de sympathia na pessoa do primeiro cidadão do florescente imperio americano.

1871.

LORD PALMERSTON

Os acontecimentos correm n'este seculo com tal rapidez que este nome, que é, afinal de contas, o nome de um estadista, que morreu ainda ha bem poucos annos, tem já não sei que vago bafio archeologico. Foi lord Palmerston, ainda ha trinta annos, o ministro que maior influencia exerceu na Europa. O que pensa lord Palmerston? o que faz lord Palmerston? qual é a opinião de lord Palmerston? Eis as perguntas que todas as manhãs os diplomatas dos diversos estados da Europa dirigiam a si mesmos! Era no tempo em que se discutia acerbamente se o Mediterraneo se transformaria n'um lago francez, ou n'um lago inglez; no tempo em que a marcha das tropas de Mehemet-Ali sobre a Syria agitava todas as côrtes, em que em França, Guizot e Thiers disputavam entre si as pastas á sombra protectora do chapéu de sol de Luiz Philippe, em que a Inglaterra fazia um grande fincapé em possuir as ilhas Jonias, em que as revoluções de Portugal davam origem a sessões tempestuosas no parlamento britannico, em que o *Times* todo se as-

sustava com a marcha da Russia pela Asia Central, em que a questão do Oriente era a preoccupação unica de todos os periodiccs, em que as potencias occidentaes embirravam em querer que os chinezes fumassem opio, em que a situação emfim se resumia no chapéu de chuva de Luiz Philippe, e no fraque elegantissimo de lord Cupido, como as loiras inglezas chamavam ao encantador ministro.

Foi esse o grande periodo das monarchias constitucionaes; os socialistas eram uma gente divertidissima que se vestia de branco, tinha um patriarcha de longas barbas, e entoava em côro as cantatas de Felicien David; o papa andava em *flirtation* com o liberalismo; o conde de Montalembert sonhava umas nupcias mysticas da egreja com a carta constitucional; o padre Lacordaire devaneiava umas ordens religiosas que prégassem a democracia; o legitimismo tinha um orador elegante e suave que era Berryer; Lamartine fazia politica em nuvens doiradas, sonhava republica, Elvira, Padre Nosso que estás nos céus, e atava tudo isto com fitas côr de rosa nos seus discursos e nos seus versos; Jorge Sand ainda não estudára botanica, e era uma mulher de trinta e tantos annos, de perfil encantador, de olhar profundo, e de paixões ardentes, escrevendo *Teverino* e *Consuelo*, e não massando a humanidade; Victor Hugo ainda não encontrara no seu caminho a *bouche d'ombre*, não usava képi, não escrevia cartas aos allemães, e fazia versos soberbos. Bom tempo! bom tempo! bom tempo!

Emilio de Girardin não escrevêra o *Supplicio de vma mulher*, improvisava artigos politicos no segundo andar, emquanto no primeiro sua mulher, a loira Musa, representava admiravelmente na litteratura a

familia. Alexandre Dumas filho fazia versos! Versos! O *Homme-Femme* vinha muito ao longe no horisonte! Napoleão III fazia disparates em Strasburgo, cidade predestinada a ser sempre victima das tolices d'este sugeito!

O duque d'Aumale tomava a galope a *smala* d'Abd-el-Kader, o principe de Joinville ia buscar as cinzas de Napoleão, a França ainda chorava a morte do duque d'Orleans, ninguem queria saber o que era a Prussia, os francezes odiavam a Inglaterra, os inglezes odiavam a França, a Hespanha era um paiz legendario, a Italia tinha ainda bandidos pittorescos, na Allemanha havia mil e um principes sendo o millesimo primeiro o principe Rodolpho, que emigrára para os *Mysterios de Pariz*. E lord Cupido, o elegante ministro, preoccupava a Europa!

Como estamos longe d'esse tempo! Como tudo hoje tomou um aspecto de lucta, e de rigidez! A diplomacia é couraceira, o reaccionarismo é espumante, o socialismo é petroleiro, Victor Hugo enche de letras grandes os seus versos, Alexandre Dumas filho imagina triangulos, a Allemanha em vez de mil e um principes tem mil e um coroneis; o sr. Thiers é presidente de republica, e a Europa não se importa já senão com a vida e gestos do principe de Bismark, diplomata de capacete.

Lord Palmerston, se resuscitasse agora, via-se completamente desnorteado em presença da politica nova! E devemos dizer que os estadistas inglezes que lhe succederam, a não ser Gladstone, não comprehendem muito bem a transformação que se operou na Europa. Adormeceram sonhando com a preponderancia da Inglaterra, e, quando acordaram,

acharam a Inglaterra sem influencia, e até sem ter meio de a recuperar. É o justo castigo d'essa politica egoista, de que lord Palmerston foi o mais perfeito representante. Para elle não havia questões européas, não havia senão a questão ingleza. Queria dzr um cheque á França, para lisongear o orgulho britannico? Alliava-se com a Russia. Tremia de vêr a Russia caminhar direitinha ao Afganistan? Alliava-se com a França. Era-lhe indifferente que a Europa toda ardesse, comtanto que a Inglaterra entretanto fosse aquecendo as mãos. Uma guerra no continente era-lhe extremamente agradavel, porque muito contribuia para desenvolver a prosperidade do commercio inglez. Foi essa tambem a politica dos seus successores. Julgou-se a Inglaterra muito habil, quando arrastou a França á guerra do Oriente, guerra de que resultou muita gloria para a França, e para a Inglaterra, potencia maritima, o proveito de arrazar o arsenal de Sebastopol e de prohibir o mar Negro á marinha russa.

Veiu a guerra da America, e a Inglaterra esfregou as mãos cada vez com mais enthusiasmo. Ai que bom! o Norte á bordoada com o Sul! e a Inglaterra sempre a commerciar e a abastecer os corsarios e a enriquecer, a enriquecer! Veiu a guerra da Italia! que optimo! A França a arriscar a pelle, e a Inglaterra dando-lhe applausos que lhe saíam baratos e a rir-se! Veiu a guerra franco-prussiana! que superlativamente bom! a França a levar para o seu tabaco, e a Inglaterra a dar-lhe pateada! Soberbo! soberbo! soberbo!

Ora de tudo isto resultou o seguinte. A Inglaterra derramou ondas de sangue, e perdeu um dinheirão para arrazar Sebastopol, e não ter navios russos no mar Negro! e a Russia, emquanto a In-

glaterra dava pateada á França, mettia a sua marinha no mar Negro, e refazia os seus arsenaes, e a Inglaterra, que não tinha a França ao seu lado, ficava a olhar para o czar com uma cara de tola, *if you please*. Na guerra da Italia inaugurou o principio da não-intervenção, e teve de metter a viola no sacco vendo de muito má cara a Prussia apanhando á Dinamarca os seus portos de mar. Na guerra da America regalou-se de assistir á lucta, e agora, em virtude da sentença arbitral de Genebra, regala-se de pagar uma forte indemnisação. Na guerra da França, gostou da victoria germanica, e a Prussia insultou a sua bandeira nas aguas do Sena, pronunciou contra ella a sentença arbitral, que a imprensa ingleza considera injustissima, na questão das ilhas de S. João, e apresenta um poder por tal fórma colossal e pouco escrupuloso, que a Inglaterra, assustada, desnorteada, espantada com estas transformações que não previa, repara que o seu exercito está mal organisado, que a sua marinha já não é a primeira do mundo: que tem no seio a ameaça de uma revolução social, ao lado do cancro do *fenianismo*; que a Europa, quando lhe succeder algum desastre, applaude e ri tambem; que a Russia avança pela Asia Central, e se prepara para tomar Khiva, sem que o governador da India Ingleza ouse acudir ao Khan, que lhe pede auxilio: e, ao mesmo tempo, um dos seus escriptores humoristicos, n'um folheto celebre intitulado *The Battle of Dorking*, prophetisa-lhe um formidavel cataclysmo.

Eis os resultados d'essa politica egoista, interesseira e pratica de que foi lord Palmerston o symbolo mais completo.

Acerca de lord Palmerston formularam dois de-

putados francezes dois juizos oppostos nas sessões de 1 e 2 de dezembro de 1840.

«Palmerston! dizia Berryer, fez uma grande coisa! uma das maiores que se tem feito ha muito tempo em beneficio da Inglaterra.

«Tinham razão, acudia Jouffroy, esses estadistas que no gabinete inglez diziam a lord Palmerston: Sacrificaes a grande politica á politica mesquinha».

Quem não dirá, em 1872, que era Jouffroy quem via as coisas com acerto?

1872.

A EMIGRAÇÃO PARA NOVA ORLEANS

Preoccupou-se ha tempos a attenção da imprensa com um facto doloroso. Seduzidos por fallazes promessas, numerosos compatriotas nossos iam, acceitando contratos onerosissimos, tentar fortuna na Luiziania. Agitou-se a opinião, sobresaltaram-se os poderes publicos, tratou-se de se investigarem as causas, que davam origem a esse mal. O facto não era comtudo novo. A emigração para o Brazil é grande todos os annos. Na America do Sul vão os filhos de Portugal procurar a riquesa... ou a morte. Porque se estranhava que a fossem procurar tambem na America septemtrional?

É que o Brazil é a nossa segunda patria. Falla-se ali a nossa lingua, os nomes das nossas povoações adornam as cidades, que brotaram á beira dos gigantes rios americanos, entre as suas copadas florestas, ou no dorso das suas alterosas montanhas. Encontram-se ahi como que os reflexos da terra natal, vive-se no seio de uma familia de compatriotas, que guarda preciosamente as recordaçõos do seu paiz. E é esta uma doçura tamanha, que suavisa

as amarguras do exilio, e a saudade, viçando assim em terras portuguezas, conserva esses melancholicos encantos, que Garrett exaltou, e que parece que só nós sentimos, porque só nós os sabemos exprimir.

Esta idéa de patria, por mais que a tentem combater as seductoras theorias da grande solidariedade humana, tem profundas raizes no coração do homem. Eu envolvo no grande e sympathico affecto, que o Evangelho e a philosophia me recommendam, todos os seres da minha especie, mas, se lhes fosse dizer que me interesso infinitamente por um mandarim chinez que o sr. visconde de S. Januario metteu ultimamente na cadeia de Macáo, podem acreditar que lhes mentia. Se eu lhes asseverasse que interrompo o meu jantar, e entre a sopa e o cozido desato n'um berreiro por ahi além, allegando que me commovem os padecimentos dos Hottentotes, tambem não seria escrupulosamente verdadeiro. O coração humano é assim. Por mais que faça, ha de sempre reservar os seus mais finos affectos para os entes a quem o ligam os multiplos laços da familia e da patria. A communidade de lingua é ainda um d'estes liames que mais prendem os homens. Ouvir, longe da patria, os sons melodiosos do idioma em que balbuciámos a primeira oração, do idioma em que as nossas mães nos dizem aquellas mil loucas palavras de extremoso carinho, que só ellas sabem, deve ser um prazer ineffavel e um delicioso enlevo.

Foi por isso que se imaginou que bem profunda devia ser a miseria dos nossos compatriotas, para que assim se resignassem a deixar a patria, a familia, a quebrar completamente os laços que os prendiam a seus irmãos, para ir em terra estra-

nha, ao som de estranha lingua, escravisados, saudosos, regar com o seu suor a terra americana, onde tudo para elles é frio e indifferente. A partida dos emigrados é já angustiosa; mas não é esse o transe mais doloroso. Então ainda com a saudade se enlaça a esperança, uma esperança illusoria, mas que os anima e conforta. A chegada, essa é que deve ser pungitiva. Depois de larga viagem, entraram alfim no porto e encontraram terras mais inhosptias do que esse vasto e procelloso Oceano! Acharam-se mais sós na cidade tumultuosa do que na solidão das aguas! Em torno de si não vêem senão rostos desdenhosos; a quem hão de confiar os seus sentimentos, as suas saudades, os seus devaneios? Ninguem os entende, ninguem os escuta; não ha mão amiga que venha apertar as suas. Deixaram de ser homens para serem as rodas da grande machina agricola! Trabalham de manhã até á noite, não esse trabalho alegre dos campos nataes, gorgeiado com as cantigas, interrompido pela sésta, santificado pela oração que murmuram de fronte descoberta, quando sôam Trindades na ermidinha da aldeia, onde se foi baptisado, onde se vae ouvir missa aos domingos, não esse trabalho que enfloram tantas festividades tradicionaes, que muitas vezes se enlaça com o folguedo; não, mas o trabalho rude, isolado, severo, mudo, o trabalho debaixo de um sol ardente, com a sésta silenciosa. Os echos da Luiziania não sabem repetir as cantigas portuguezas. O gado estranho não entende a falla melancholica e arrastada do homem do sul, que guia o arado. E como essa lida sêcca, prosaica, perseverante, fatigando o corpo, não occupa o espirito, a alma, dilacerada pelas saudades, vôa aos lares patrios, que tão levianamente se abandonaram. O trabalho as-

sim fatiga triplicadamente, complica-se com a prostração physica o desfallecimento moral. Vem a nostalgia; vem o ardente anceiar pela familia; vem a tristeza implacavel do isolamento; o pobre exilado sente-se captivo na sua lida maldita como n'uma especie de penitenciaria. Esta progressão fatal revela-se nas cartas dos pobres emigrados. Então ou partem ainda a tempo de vir retemperar-se nos ares nataes, ou morrem ao desamparo, tratados por mãos frias e mercenarias, sem terem ao menos a consolação de saber que sobre os sete palmos de terra, que vão ser o seu ultimo leito, se projecta a sombra da cruz rustica do cemiterio de aldeia, que sobre a sua campa virão derramar-se lagrimas amigas, que os rouxinoes das balseiras conhecidas da sua infancia, que os vagos murmurios crepusculares tanta vez escutados em religioso silencio, que os descantes familiares das raparigas na fonte proxima, que o dobre dos velhos sinos que repicaram para lhe festejarem o casamento, hão de entoar o seu vasto *Requiem* sobre a relva do seu tumulo.

É porque a patria não é simplesmente uma idéa convencional, ou uma expressão geographica; é o complexo de todos estes affectos, de todas estas recordações. Emfim, quando o exilado deixa a patria para procurar a liberdade que no seu paiz lhe roubam, podem pungil-o as saudades, mas tempera-as ao menos o sentimento viril da independencia do espirito. Os emigrados constitucionaes achavam saboroso o pão negro do exilio, porque era ao mesmo tempo o pão da liberdade. Os alsacianos, que emigram para Argel, deixam com lagrimas a patria profanada pelo pé brutal do estrangeiro. Os irlandezes, que povoam a America, vão para esse livre continente desferir na harpa de Erin os can-

tos patrioticos; fogem da estranha oppressão, que por tantos annos a alegre Inglaterra, *merry England*, fez pesar sobre a ilha verdejante, sna desgraçada irmã. Os allemães vão, forçados pela necessidade fatal, porque já não encontram no seu paiz, onde ha exuberancia de população, um palmo de terra que cultivem. Mas aqui! Tanta extensão de terreno a pedir cultura! tanto baldio a implorar que o braço humano lhe desentranhe do seio as riquezas que encerra, tantos plainos sáfaros que só esperam que o trabalho se lembre d'elles para se vestirem com as verdes pastagens, para se toucarem com as messes ondeantes á luz doirada do sol!

E vão esses infelizes procurar a liberdade? Não; vão para uma terra que fez a apotheose da escravatura, á sombra de contractos que são burlas, substituir os escravos! Vão acceitar um jugo oppressor! Vão abdicar a sua vontade nas mãos do homem, que lhe comprou o trabalho, que tem ainda na mão brutal o chicote que a victoria de Lincoln o obrigou a esconder, não a quebrar! Exilio e escravidão! associar estes dois males, um dos quaes é a suprema angustia, o outro o supremo aviltamento do homem! Perder a um tempo a liberdade e a patria! Que riquezas ha no mundo capazes de compensarem esta perda? E essas riquezas é uma illusão esperal-as; n'este seculo de trabalho a riqueza é a recompensa de quem a procura com energia, com actividade, concentrando na lucta e na lida todas as faculdades do corpo e do espirito. E como póde usar d'ellas o homem, que anniquila a sua individualidade moral? Não! Esses desgraçados, que partem para a Luiziania, só vão lá encontrar a febre, o desamparo, a saudade, o desespero e amorte!

1872.

PENSAMENTOS IBERICOS

Tem causado certa irritação em Lisboa umas cartas dirigidas a differentes jornaes, e a differentes pessoas conhecidas, por uma sociedade *Centro mixto republicano hispano-portuguez*, nas quaes parece que se tenta fazer uma propaganda iberico-republicana, lembrando que a Hespanha já se viu livre *del cancer de la monarquia*, e não póde permittir que os seus irmãos portuguezes verguem ao jugo de uma camarilha jesuitica, e vivam separados dos outros povos da peninsula, quando a Providencia, apertando entre os Pyreneus, o Oceano e o Mediterraneo esta bella parte da Europa, quiz mostrar positivamente que a destinára a formar uma unica e poderosa nação.

A propaganda republicana não a estranhamos, e faz-nos apenas sorrir. São naturalmente propagandistas as republicas neo-latinas; mas a Hespanha tem tão deploraveis exemplos para auxiliar a predica dos seus missionarios, que realmente seria melhor que procurasse correr um véo em torno das suas fronteiras, para que a idéa republicana não fosse pre-

judicada pela supposição que d'ella só podem brotar a anarchia e a dissolução de todos os laços sociaes.

A verdade não é essa: são tão conciliaveis com a fórma republicana, como com a fórma monarchica, a liberdade e a ordem. A Hespanha é que desacredita a republica, do mesmo modo que desacreditou a monarchia constitucional. Esta fórma de governo, que assegura a Portugal e á Belgica uma liberdade amplissima, não produziu em Hespanha mais do que a sophisticação bourbonica; a fórma republicana, que foi na França de 1871 quem salvou a ordem social, que nenhum monarcha poderia de certo manter então com tanto vigor, está dando origem na Hespanha á situação mais deploravel em que nunca se tem visto um povo. «Isto não é uma revolução, dizia um dia d'estes a *Epoca*, resumindo n'uma phrase só a historia hespanhola d'estes ultimos dois mezes, é uma dissolução.»

Já se vê portanto que nós não temos o fetichismo monarchico, e que, apesar de entendermos sinceramente que as instituições actuaes asseguram a Portugal a independencia e a liberdade, e que devemos portanto defendel-as e sustental-as com toda a energia, não nos persignamos horrorisados quando ouvimos fallar em republica. Rimo-nos porém francamente ao vermos a Hespanha fazer propaganda republicana. Faz-nos lembrar um desastrado a quem rebentam na mão todas as espingardas, e que aconselha com toda a seriedade aos visinhos o uso das armas de fogo, e se presta a ensinar-lhes o modo de se servirem d'ellas.

Ao lado porém da propaganda republicana ha outra que devemos repellir ainda com mais energia, é a propaganda iberica. Essa revela apenas uma igno-

rancia absoluta da historia, uma ignorancia completa dos sentimentos portuguezes, e uma obstinação ridicula. Não ha effectivamente um só hespanhol, que, ainda que se queira mostrar respeitador da vontade nacional, ainda que declare com a maior effusão, e com a maior sinceridade, que julga actualmente inexequivel a união iberica, não acaricie comtudo a idéa de que é esse um facto que se ha de realisar pacificamente no futuro, com alegre assentimento de ambos os povos.

É uma illusão deploravel. É necessario que digamos aos hespanhoes bem alto e bem claramente que são para nós tão estrangeiros como os francezes ou os italianos, que, emquanto se não realisar o sonho mais ou menos utopista dos Estados Unidos da Europa, emquanto houver no mundo nacionalidades diversas, Portugal ha de conservar intemerata a sua independencia, e, se por acaso a força o vencer, se por acaso as hostes hespanholas, talando os nossos campos, occupando as nossas cidades, ameaçando-nos com os seus canhões, lograrem abater a bandeira das quinas, e fazer tremular nas nossas fortalezas os leões de Castella, ha de este paiz ser na Hespanha o que é a Polonia na Russia, um foco permanente de sublevações, uma nação martyr sempre anciosa de vingança, um povo assassinado mas cujas feridas nunca hão de deixar de verter sangue, e, se ainda houver justiça nos céos, e se ainda houver no mundo uma tal ou qual veneração pela idéa sagrada do direito, não será perduravel esse novo captiveiro, e a Europa não consentirá que se repitam em pleno seculo XIX, em nome da idéa republicana, os crimes que infamaram para sempre na historia os nomes de Philippe II de Hespanha, e de Frederico II da Prussia.

Pois o que é que os hespanhoes invocam para nos aconselharem a que nos juntemos a elles? A conformidade de raça? Mas n'estas successivas divisões e sub-divisões do genero humano, qual é n'esse caso o ponto exacto que deve ser o entroncamento das nacionalidades? Porque não deverá formar tambem uma nação unica a raça neo-latina? Porque não deverão agrupar-se novamente n'um só povo os descendentes d'essa familia, que vindo para a Europa das faldas do Oxus, e correndo ao longo do littoral do Baltico, do Oceano, do Mediterraneo, povoou com os seus filhos todos estes paizes que hoje constituem nacionalidades diversas?

E, se a origem identica, se a communidade de raça, é a base obrigada da formação das nações, se estas se devem constituir segundo as indicações ethnographicas, porque motivo não envida a Hespanha todos os esforços, não só para conservar Cuba, mas tambem para reintegrar no seio da republica hespanhola todas essas republicas, povoadas por homens da mesma raça, fallando a mesma lingua, tendo os mesmos costumes e as mesmas tendencias, que esmaltam com o variegado matiz das suas bandeiras o mappa vastissimo da America meridional?

Mas a carta do Centro Secreto, como elle se intitula, invoca uma outra rasão — a rasão geographica. A cordilheira dos Pyrineos, separando-nos do resto da Europa, mostrou claramente que a Providencia desejava que a peninsula constituisse uma unica nação! Porque motivo não terão as cordilheiras, que separam a Europa da Asia, o privilegio de marcar os limites de uma vasta nacionalidade? A Providencia, isolando a America do resto do mundo, e fazendo-a uma ilha immensa, banhada pelos

dois Oceanos, e que vae embeber nas regiões glaciaes a sua extremidade septemtrional, não designou claramente, muito mais claramente ainda do que com a linha divisoria dos Pyrineus, a sua intenção de fazer da America um só povo? E se essas rasões geographicas são as que imperam na formação das nacionalidades, porque se obstina a Hespanha em conservar o seu dominio na ilha de Cuba, separada da metropole pela vasta extensão dos mares e destinada incontestavelmente ou a formar uma nação distincta, ou a ligar-se com o visinho continente da America?

Mas não: Quando se trata de Cuba, o sr. Figueras falla com emphase na integridade do territorio hespanhol; quando se trata de Portugal, falla-se na bella porção do territorio incluida entre os Pyrineos e o mar, e que a Providencia destinou a constituir uma nação potente! Para a annexação de Portugal invocam-se aa rasões geographicas; para a conservação de Cuba as rasões geographicas despresam-se!

Não! affastem esses vãos sophismas, desistam d'essa propaganda absurda que não faz mais do que irritar-nos, e que é verdadeiramente pueril! Portugal conquistou, á ponta da lança, e com as aventurosas quilhas das suas caravellas, o direito de existir! Grangeiou o seu logar na Europa, e na historia, graças ás suas maravilhosas façanhas e á vontade energica de seus filhos. A familia portugueza affirmou a sua existencia, não só pela tenacidade com que sempre se esquivou a deixar-se absorver na unidade hespanhola, mas espalhando os seus filhos por todo o mundo, reproduzindo-se, dando origem a uma outra familia, que falla a mesma lingua, que tem as mesmas tradições e os mesmos antepassa-

dos, e que hoje occupa a mais bella porção da America Meridional — a nação brazileira. Desde o momento que um paiz affirmou por tal fórma a sua vitalidade, desde o momento que esse paiz formou uma lingua independente, uma litteratura sua, desde o momento que desempenhou um papel singular e importantissimo na historia da civilisação, desde o momento que, expandindo-se atravez do Oceano, formou com os seus filhos uma das grandes familias colonisadoras, que repartiram entre si o mundo novo, como as primitivas raças, arya, e semitica, dividiram entre si o velho mundo, desde o momento que taes provas deu de robustez e de vida, esse paiz conquistou o direito historico de existir; essa nacionalidade póde ser apagada pelo sopro iniquo da violencia, não póde extinguir-se como lampada sem oleo.

As sciencias historicas, hoje, começam por tal fórma a enlaçar-se com as sciencias da natureza, que muitas das leis, que explicam os phenomenos physicos, pódem tambem ás vezes explicar as evoluções politicas. A lei que, segundo Darwin, regula as transformações das especies, quem sabe se não poderá tambem applicar-se ás transformações das nacionalidades? Se o *struggle for life*, a lucta pela existencia, é a chave do enigma da creação, se familias inteiras de plantas, familias inteiras de animaes devem desapparecer quando não tem condições de vida que possam luctar com as condições do mundo exterior, se só atravessam os seculos as que sairam victoriosas da immensa peleja, se essa mesma lei se póde applicar ás nações, é claro que Portugal adquiriu no combate da vida o direito da perpetuidade. As outras nacionalidades da peninsula hispanica expiraram no seculo XV, o Aragão viu o

pé de Philippe II esmagar-lhe os seus foros, ultima palpitação da vida nacional; a Catalunha viu definitivamente estrangulados os seus ultimos assomos de independencia pela mão de Philippe V; Portugal resistiu sempre ás tentativas unitarias do seculo XV, sobreviveu á oppressão de Philippe II, despedaçou as algemas, como Sansão, quando os Philisteus do conde duque de Olivares o julgaram fraco bastante para o anniquilarem completamente; e não só resistiu, mas pela sua indole colonisadora, assegurou a immortalidade do nome portuguez, e da familia portugueza. Póde esmagar-nos de novo a força, a nacionalidade já ninguem consegue extinguil-a, que está rediviva em terras de Santa-Cruz; esta planta já não desapparece do solo terraqueo, esta raça já ninguem consegue absorvel-a, e, se isto é assim, se todas as raizes d'esta grande arvore portugueza estão definitivamente afferradas nas entranhas da terra, o que póde fazer-nos a raça hespanhola? Abusar da sua força e decepar, bem rente do chão, a nossa nacionalidade? as raizes lá ficam a absorver os succos nutritivos da terra, e a planta vivaz renascerá mais forte! Escravisar-nos? Chega sempre um dia em que os grilhões se transformam em espada. A Hespanha bem o sabe! Bem sabe que foram os fuzilamentos da Montanha do Principe Pio que acordaram os echos heroicos de Saragoça; bem sabe que foi dos grilhões de Bayona que se forjou o gladio vencedor do Baylen; bem sabe que foram as scentelhas que fez chispar das pedras das ruas de Madrid o galope dos dragões francezes que accenderam o fogo da insurreição! Desgraçado do estrangeiro que ousa violar uma nacionalidade quando a encontra abatida; é na escravidão que se retempera o heroismo! É nas humi-

lhações dos sessenta annos, que a aristocracia venal, que o povo fraco e timido de 1580 se vão transformando na heroica fidalguia e no intrepido povo, que no dia 1.º de dezembro fizeram tremular de novo, solta ás auras da liberdade, a bandeira de Aljubarrota e de Ormuz, a gloriosa signa de Vasco da Gama, que foi a estrella dos aventurosos navegantes, e a esplendida musa de Camões!

1873.

FONTES PEREIRA DE MELLO

É difficil fallar de um homem politico durante a sua vida, principalmente quando se anda envolto no turbilhão das luctas partidarias. A febre do combate obscurece muitas vezes a claresa da rasão; os inimigos parecem-nos entes abominaveis, que não pretendem senão precipitar a patria nos mais insondaveis abysmos, os que combatem á sombra da nossa bandeira, os que defendem as nossas idéas, temol-os sempre na conta de illuminados por Deus.

Raras vezes nos sabemos manter nos limites, que separam a fé ardente na bondade dos principios, que defendemos, da injustiça para com as doutrinas do adversario. E quantas vezes tambem, passando-se dos principios aos homens, não se menospresam as altas qualidades e os elevados talentos d'aquelles, que pelejam contra nós! Depois, quando o ardor da lucta vae esfriar nos gelos do tumulo, quando um dos luctadores cae prostrado na arena, quando, extincto o rumor das paixões mundanas, ergue a sua voz solemne e imparcial a severa justiça do futuro, os primeiros que vem curvar-se reverentes perante

a campa, onde acaba de se esconder um grande vulto, são aquelles que mais ardentemente o combateram, aquelles que mais obstinadamente lhe negaram a intelligencia, o estudo, o saber e as altas qualidades moraes!

É o que ha de succeder a Fontes Pereira de Mello. Poucos homens tem sido tão asperamente aggredidos, é verdade que poucos tambem teem sabido conquistar mais enthusiasticas adhesões. Um dia, quando o seu grande vulto, desapparecendo da face da terra, deixar de fazer sombra ás ambições rivaes, quando elle deixar de ser um nome na curta lista dos encarregados de formar ministerio, para passar a ser um nome illustre na historia politica portugueza, os que o injuriam, os quc o lapidam, hão de vir confessar em voz alta perante a posteridade o que hoje dizem confidencialmente em voz baixa, que Fontes Pereira de Mello é uma das mais robustas intelligencias de Portugal, um dos nossos mais eminentes estadistas, um dos vultos mais notaveis da tribuna portugueza n'este seculo.

Ah! se nós todos conhecessemos como a historia esquece depressa os nossos odios, as nossas apreciações de momento, como parece absurdo e chato e pueril o artigo que foi um dia o grande acontecimento da capital!... Quem se lembra hoje das pequenas aggressões, das zombarias, dos ataques virulentos com que reciprocamente se assetearam os partidarios de Pitt e os partidarios de Fox! As paixões, que os animavam um contra o outro, mal se comprehendem agora, o vento dos seculos enxugou a lama com que lhes tinham conspurcado a face os odios da politica, e as estatuas dos dois adversarios implacaveis, serenas, tranquillas, immaculadas, erguem-se ao lado uma da outra no pantheon da his-

toria ingleza, como representando duas das grandes glorias do seu velho e rijo systema parlamentar.

Não vamos traçar a biographia de Fontes Pereira de Mello, mal podemos mesmo apreciar a sua energica individualidade. Apertam-nos os estreitissimos limites do jornal. A sua vida de homem de Estado, começada em verdes annos, é já hoje longa e cheia. Ministro em 1851, em 1859, em 1865, e em 1871, assignalou sempre a sua passagem no poder com varias reformas importantes. A elle principalmente se deve o impulso, que arrojou o psiz pela vereda dos melhoramentos materiaes. Hoje está sendo moda condemnar a politica do «fomento,» como se diz, que nenhum ministerio ainda ousou comtudo abandonar abertamente. A condemnação é injustissima. A politica de fomento á moda de Napoleão III é censuravel sem duvida. Quando a França estava já em altas condições de prosperidade, arriscar-lhe as finanças para fazer de Paris uma cidade maravilhosa, sobrecarregar o thesouro para cobrir a França de estabelecimentos luxuosos, chamar a attenção de todos os espiritos para as obras publicas desenvolvidas n'uma escala espantosa, animar a especulação infrene, deslumbrar o povo que paga com a magnificencia dos seus emprehendimentos, é de certo uma politica funesta, é, como os francezes dizem, *forçar a nota*, atordoar a nação com os fumos da vaidade, adormecer as suas preoccupações moraes e liberaes com os gosos da vida material.

Mas Portugal não estava em 1851, não está ainda hoje nas condições da França em 1852. Não nos faltava o superfluo, faltava-nos o necessario. Marchavamos na rectaguarda dos povos civilisados. Era preciso pôr o reino á altura das exigencias da vida actual das nações. Os melhoramentos publicos eram

para nós um elemento indispensavel de progresso. Estradas, caminhos de ferro, telegraphos electricos parecem-se tanto com os boulevards Malesherbes, a conclusão do Louvre e a Nova Opera, como o pão secco se póde assemelhar a tubaras. O nosso desenvolvimento material e moral dependia da politica do fomento. Os inventos da sciencia moderna eram desconhecidos em Portugal, viviamos em pleno seculo XIX uma existencia que já seria atrazada no seculo XVIII. As luctas politicas tinham entregado Portugal ao braço secular da diligencia. O almocreve era ainda para nós a ultima expressão do progresso commercial. O vapor de Villa Nova da Rainha era entre nós considerado como o arrojo mais temerario do pensamento humano. Os guisos das mulas de liteira acalentavam nas provincias do norte o nosso obstinado dormir. O telegrapho de signaes gesticulava lugubremente no horisonte, como o espectro de Claudio Chappe. Portugal era uma especie de castello arruinado, onde appareciam á meia noite ao aterrado viajante europeu, os phantasmas das invenções extinctas: telegrapho aerio, mala-posta, vapor de rodas.

Á voz de Fontes Pereira de Mello e dos seus intelligentes collaboradores, desfez-se o encanto. Entrou-se com energia no caminho em que a Europa nos precedera vinte annos pelo menos. «Politica de fomento» diz-se agora Politica de vida, dizemos nós, politica de resurreição!

E, se Fontes Pereira de Mello tem um justificado enthusiasmo por este grande movimento caracteristico do seculo XIX, que leva todos os paizes sem excepção a tratarem ardentemente dos melhoramentos materiaes, não se julgue por isso que cerra o seu espirito á voz do progresso, que aconselha

tambem os estadistas a alargarem as instituições, a democratisarem-n'as, a inscreverem n'ellas todas as conquistas da intelligencia humana. N'uma coisa só nos parece elle excessivamente conservador; é no seu respeito austero e inabalavel pela liberdade. Na época actual, em que decididamente se caminha para a republica por cima da idéa liberal, é talvez o liberalismo um caracteristico dos partidos conservadores. Hoje, que as republicas européas só differem da Russia em terem um czar electivo, hoje que a republica, essa ultima expressão do progresso democratico, está sendo o terreno onde florescem admiravelmente o estado de sitio e a suspensão das garantias, hoje que a republica está sendo a mãe dos Ducros e dos Beulé, hoje que a republica tem mostrado que é o unico regimen que póde pôr alguns degraus no throno, até hoje considerado phantastico, dos Chambord e dos D. Carlos, hoje que a dictadura feroz com os fusilamentos de Satory, e as leis de pirataria de Salmeron está sendo a tendencia definitiva dos partidos progressistas e democraticos, é possivel que os escrupulos liberaes de Fontes Pereira de Mello, o seu respeito pela legalidade, sejam indicio de um espirito nimiamente conservador.

E é tanto mais notavel este odio de Fontes Pereira de Mello pelas dictaduras, quanto a feição mais pronunciada da sua indole governativa é a energia. Os espiritos energicos teem quasi sempre a tendencia para calcar aos pés sem hesitação as leis que os embaraçam. O nosso illustre ministro, dirigindo com mão firme, com rasgada iniciativa, e sem a mais leve hesitação, o governo do Estado, pára sempre no limite das attribuições que lhe concedem as leis.

É que Fontes Pereira de Mello é um homem essencialmente parlamentar, pertence á escola do parlamentarismo liberal inglez, que deu em toda a Europa á tribuna os seus mais esplendidos vultos. A organisação de Fontes Pereira de Mello, predestinada para a lucta, compraz-se na atmosphera do parlamento. Tudo o fadava para a tribuna; a estatura desempenada e elegante, o gesto dominador, a voz vibrante e sonora, o periodo facil e correcto, a phantasia arrojada, o verbo colorido, e o seu proprio temperamento. Tambem é na tribuna que as suas potentes qualidades se revelam com mais vigor.

Hoje não me parece, imparcialmente, que se possa citar entre nós orador parlamentar tão notavel como elle. Ninguem consegue assenhorear-se de um modo mais irresistivel da attenção da camara, e sobretudo, n'esta nossa época de adormecidas paixões, ninguem consegue como elle arrebatar o auditorio, inflammar o enthusiasmo, despertar as iras violentas que são a involuntaria homenagem dos adversarios. Quem o viu na tribuna uma vez, nunca mais esquece aquella nobre figura, a espontaneidade d'aquella eloquencia. Tem, como os grandes poetas, o *Est Deus in nobis*. O discurso brota-lhe sempre no ardente improviso da lucta. Começa, cortez, sereno, affavel. A pouco e pouco affluem-lhe os argumentos, acode-lhe a exaltação, vibram-lhe os nervos, como as cordas de uma lyra, ao sopro da inspiração tribunicia. Então a voz adquire uma amplitude maravilhosa, chammejam-lhe os olhos, com o gesto fulmina os adversarios. Se estes, magoados debaixo do açoite implacavel, se erguem em tumulto, se o interrompem, ah! então é esse o triumpho supremo do orador. Parece mais alta a sua estatura altiva e erecta, a voz tem umas vibrações

que subjugam, fremem-lhe os labios, soltando a fervida apostrophe, parece que não póde ir mais longe a energia do dizer, que vae estalar a tensão d'aquella eloquencia, e comtudo os periodos succedem-se cada vez mais triumphantes, o tiroteio das interrupções provoca respostas cada vez mais vigorosas, e quando termina emfim, no meio de uma torrente de applausos, quando cahe na cadeira, deixando a camara convulsa das commoções que a sua eloquencia despertou, os seus labios continuam murmurando a apostrophe irritada, arfa-lhe o peito, sente-se na luz viva do olhar, no franzir profundo da testa, no fremito das mãos, que ainda os nervos lhe estão vibrando, como ficam vibrando as cordas de um instrumento, ainda depois de terem expirado as ultimas notas da enthusiastica melodia que o musico lhe arrancou!

Ah! tem de morrer com elle esta parte brilhantissima da sua personalidade. Quando o futuro apreciar os seus actos de estadista, a sua influencia salutar nos destinos do paiz, a sua energia, o seu liberalismo, as suas importantes reformas, os seus talentos de politico e de orador, não terá ainda assim senão uma pallida imagem d'esse potente dominador das Assembléas; d'esse homem, que nos appareceu aos que podemos vêl-o na tribuna. no meio das tempestades parlamentares, como um vulto verdadeiramente grandioso, como um d'estes homens excepcionaes, a quem Deus concedeu a palavra que fascina e o talento que subjuga, como uma d'estas personalidades exuberantes de energia, essencialmente tribunicias, fadadas para arrastarem comsigo, como Demosthenes, Mirabeau ou José Estevão, os povos dominados pelo prestigio irresistivel da sua torrentuosa eloquencia.

1873.

O 19 DE MAIO

A investigação attenta dos archivos, a pausada revisão dos documentos, o encontro de depoimentos novos, assignados por testemunhas oculares, teem transformado completamente a opinião da historia ácerca de muitos factos e de muitos personagens. Assim até hoje todos tinham Fénelon na conta de um prelado verdadeiramente evangelico, de um sacerdote dotado de todas as virtudes christãs. Ha poucos dias apparece em França um livro intitulado *L'Intolérance de Fénelon;* o auctor revolveu os archivos, aproveitou documentos ineditos, e d'elles resulta quc Fénelon foi tão intolerante como os outros bispos do seu tempo, que acolheu tambem com o jubilo sinistro de Bossuet a revogação do edito de Nantes. Suppunham todos que fôra Ankarstroem o assassino do rei Gustavo da Suecia, um historiador moderno estuda o processo, e convence-se e convence os seus leitores de que o assassino de Gustavo III foi outro conjurado. Os imparciaes investigadores modernos, attentos só á descoberta da verdade, rehabilitam este, condemnam aquelle, e con-

tinuam impassiveis o seu caminho, depois de terem arrojado para o dominio da lenda uma parte da historia official.

Eu hoje pretendo tambem estudar, em presença dos documentos historicos (e chamo-lhes assim por emanarem exclusivamente de membros d'esse partido) a celebre revolta de 19 de maio. Apesar de ser um acontecimento que não pertence aos tempos fabulosos, parece que a sua historia já foi consideravelmente deturpada pela paixão politica e a amplificação popular.

Circulava uma lenda ácerca da fraquesa do ministerio e da inercia da camara, que parece decididamente ainda mais apocrypha do que a tolerancia de Fénelon. Felizmente a discussão parlamentar este anno tem levado os ministros e deputados, que representaram um papel n'este drama, a darem explicações, que nos habilitam a podermos reconstruir *historicamente* a verdade dos factos.

Dizia-se, por exemplo, que o ministerio não estivera ao lado do rei no momento da crise. O sr. José Luciano refutou admiravelmente esta asserção. «Pois o logar dos ministros é no Paço? bradou elle, pois o logar dos ministros é sempre ao lado d'el-rei? Não: o logar dos ministros é nas secretarias.»

Isto é claro, logico e concludente. Os ministros não podem estar sempre ao lado d'el-rei. Quando o paço é atacado, o seu logar é nas secretarias; quando as secretarias são atacadas, ah! então o seu logar é no paço.

Já se sabe finalmente onde estavam os ministros historicos na noite de 19 de maio! Estavam nas secretarias, provendo ás necessidades do serviço publico! Estavam nas secretarias governando o paiz! Cita-se hoje com admiração o regulamento da Co-

media-Francesa, decretado por Napoleão, e datado de Moscou. Nos nossos archivos é possivel que ainda venha a encontrar-se a nomeação de um guarda de alfandega para Figueiró dos Vinhos, que tenha a data fatidica de 19 de maio! Os ministros estavam no seu posto, nas suas cadeiras curues, como os senadores romanos, esperando os Gallos do sr. duque de Saldanha. Encontral-os-hia o cataclysmo a nomearem escrivães de juizes de paz! Oh! espectaculo maravilhoso! N'essa noite de 19 de maio estava tudo correctamente no seu posto: o rei no paço, os ministros nas secretarias, as tropas nos quarteis e a revolução na rua! os guardas barreiras ás portas, os varredores ás esquinas, e os cidadãos de Lisboa na cama a dormirem:

> As damas com seus maridos,
> cada qual segundo a si

como se lê na chácara da Senhora da Nazareth do sr. visconde de Castilho.

Os revoltosos andaram pela cidade, os revoltosos foram ao palacio, os revoltosos atiraram com a situação de cangalhas. E os ministros no seu posto! Os revoltosos commetteram a impudencia de não ir ao Terreiro do Paço, os revoltosos commetteram a indelicadesa de ir directamente a el-rei; na Ajuda fizeram e desfizeram tudo.

E os ministros nas secretarias!

A telegrapharem.

Telegraphavam intrepidamente ao soberano: «Nós no nosso posto. Continuos á porta e os correios lá em baixo. Tranquillidade geral junto da estatua de D. José. Recados ao duque de Saldanha. Damos as boas noites a Vossa Magestade».

Se isto não é heroismo, digam-me o que vem isto a ser.

Rehabilite-se o gabinete historico! O ministerio, a uma legua do theatro dos acontecimentos, se não morreu, pelo menos adormeceu pela patria.

A camara foi digna, sabemol-o agora, foi digna d'este exemplo intrepido. Consultemos o depoimento do sr. Santos Silva.

Alguns deputados, sabendo que o novo dictador tencionava dissolver a camara, resolveram protestar contra o despotismo. Juntaram-se pallidos e firmes: «Vamos, disseram elles, dar ao mundo uma grande lição; entremos em S. Bento, e que nos arranquem de lá as bayonetas do sr. duque de Saldanha; é necessario que todos morramos hoje, para ver se Lisboa se envergonha do sua apathia: nasça do nosso pó ensanguentado, como do pó dos Gracchos, na imagem de Mirabeau, um vingador da legalidade. Que nos assassinem aos pés da tribuna, que alague o nosso sangue o tapete já velhito da sala das sessões, fiquem os nossos cadaveres nos degráus da presidencia. Renasça por nós em 1870 o heroismo romano. Vamos, e tu, Europa, contempla-nos!»

Foram, n'um *char-à-bancs* da carreira de Belem. Subiram pallidos, mas intrepidos, as escadas de S. Bento. Deixae passar os heroes! Vão morrer pela patria. *Dulce et decorum...*

Chegaram á porta. Já lá estavam os sargentos.

—Que vêm cá fazer? perguntaram os sicarios da dictadura.

—Morrer, responderam com laconismo sublime os heroicos paes da patria.

—Temos ordem de não deixar entrar ninguem. Vão-se embora.

Os heroes... foram-se embora!

Isto emquanto a mim é sublime. Elles queriam morrer, mas queriam morrer lá dentro, em cima do tapete, para não sujarem as calças no momento da queda; queriam morrer, em presença dos continuos, para terem ao seu lado o copo d'agua da eloquencia; queriam morrer em regra, segundo as tradições; queriam morrer, vendo entrar na sala os granadeiros, como em 18 de brumario; queriam ter scena historica. O que diriam os auctores dramaticos do futuro, se elles morressem na escada? O vestibulo da camara, com o cabide dos guarda-chuvas, era por acaso scenario proprio para o 5.º acto de uma tragedia? Depois, pode-se morrer academicamente com o paletot vestido? Pode-se morrer pela patria logo depois de se dar cinco tostões ao cocheiro? Não é isto absolutamente contrario a todas as tradições do theatro, a todas as regras da arte dramatica?

Se aquelles asnos dos sargentos não fossem tão prosaicos, não teriam assim estrangulado á nascença uma scena, que seria maravilhoso assumpto para os grandes pintores do porvir!

No 19 de maio não houve fraquezas, o que houve foram fatalidades. Pois então, logo no dia da revolta, não esteve a camara para tomar uma resolução sublime? A maioria historica decidira fazer no proprio parlamento uma contra-revolução, decidira transformar-se em Assembléa Nacional, assumir todos os poderes, pôr fóra da lei o ousado rebelde, e portar-se emfim com uma energia soberba. O que foi que impediu estes actos grandiosos, esta energia digna dos bons tempos de 1789?

Foi ter o presidente fechado a sessão.

Diga-se para honra do paiz; n'esse triste momento em que todos os respeitos constitucionaes se per-

diam, quando se não respeitava nem o soberano nem a lei, nem a assembléa, nem a moralidade politica, sobrevivia a todo esse naufragio o respeito pela campainha presidencial. Houve um momento em que valeu mais a campainha do presidente, do que a propria campainha do Santissimo, houve um momento em que foi mais sagrado do que a corôa regia, mais poderoso do que o pacto constitucional, mais respeitado do que o tridente do Neptuno virgiliano... o chapéu do sr. Sampaio.

A camara fizera um juramento, a camara, cheia de sacra indignação, queria pôr fóra da lei o audacioso rebelde, a camara queria transformar-se em Assembléa Nacional, a camara queria proclamar-se convenção, a camara queria appellar para o povo, para o paiz, para a Europa, para o mundo, para o futuro, erguia-se uma tempestade no amphitheatro de S. Bento, o sr. Sampaio pegou na campainha, olhou e disse:

Quos ego... tlim, tlim, tlim.

Poz o chapeu e foi-se embora.

E a appellação para o povo, e a Assembléa Nacional, a convenção, a tempestade, o juramento, os discursos do sr. Santos Silva, os *ápartes* do sr. Barros e Cunha, foi-se tudo pela agua abaixo.

O respeito da legalidade!

Se, em 26 de fevereiro de 1848, o sr, Sauzet põe o chapéu na cabeça, salvava a monarchia de Luiz Philippe, se em 4 do setembro de 1870 o sr. Schneider toca a campainha, salvava o throno de Napoleão III. Em Portugal o sr. duque de Saldanha deve o estar hoje vivo, e dentro da lei, ao chapeu do sr. Sampaio,

A situação historica morreu abraçada á estricta legalidade, podemos affoitamente dizel-o. Foi a le-

galidade que a matou. Se os ministros tomam a liberdade de sair do seu posto, e ir até á Ajuda, teriam corrido as coisas de outro modo. Mas não. O seu logar era nas secretarias. Podia cair a monarchia na Ajuda que elles, entre o continuo e o correio, não sairiam nem á mão de Deus Padre do gabinete onde a vontade regia os collocára. Aconselhamos respeitosamente a S. M. El-Rei que, logo que nomear alguns ministros historicos, lhes explique bem que os dispensa de estar nas secretarias, quando houver perigo no paço.

E olhe, assim mesmo, não se canse muito a esperal-os.

A camara foi dissolvida sem escandalo, nem derramamento de sangue, porque? Porque respeitou a *consigne* das sentinellas. Sempre a legalidade! E finalmente porque se não fez no parlamento a contra-revolução? Porque a maioria historica respeitou escrupulosamente o regimento da camara, e a campainha do presidente. Ah ! que nobre contraste este! D'um lado o duque de Saldanha rasgando a carta constitucional, do outro, n'este immenso naufragio, o sr. Barros e Cunha salvando o regimento, como Camões os Lusiadas!

1873.

UM DISCURSO DO SR. BISPO DE VIZEU

Um dos homens politicos por quem eu professo mais viva sympathia é o sr. bispo de Vizeu. O sr. bispo de Vizeu tem um caracter profundamente nacional. A um tempo chefe de um partido que fez do radicalismo, pelo menos em palavras, o seu dogma politico, e bispo de uma diocese, não me lembra senão as egrejas gothicas rebocadas e caiadas á moderna, que abundam tanto na nossa artistica patria. Esta mistura do sagrado com o profano, com que o José do Capote se indigna, faz-me sentir o prazer ineffavel que me saltearia o espirito, se encontrasse de subito a passeiar no meio da rua o arcebispo de Braga D. Lourenço, que pelejou em Aljubarrota. O sr. bispo de Vizeu é um prelado da edade media, do seculo XVI ou do seculo XVII, transplantado para as eras modernas e radicalisado para mais ajuda. Quando o sr. bispo de Vizeu falla, faz-me sempre o effeito do carrilhão de Mafra a tocar a *Marselheza;* quando elle era ministro do reino, via-o eu sempre em imaginação cercado de anjos, de cherubins e de soldados da guarda municipal,

parecia-me que ao lado do correio devia sempre trotar um sachristão, e admirava-o summamente por elle não embrulhar a cada instante o breviario com o codigo administrativo e o evangelho com a carta constitucional.

Eu amo archeologicamente o sr. bispo de Vizeu, gosto do seu radicalismo episcopal como gosto da copia chromolithographica do missal de Estevão Gonçalves. Um bispo, lançado na circulação da politica moderna, causa-me tanto prazer como o que eu teria se podesse comprar charutos com um maravedi de Affonso Henriques.

O sr. Camillo Castello Branco já exaltou, com a magnificencia do seu estylo e a vernaculidade da sua linguagem, em nada inferior á linguagem e ao estylo de fr. Luiz de Sousa, as virtudes do sr. bispo de Vizeu. Adquiriu portanto este prelado fóros de D. fr. Bartholomeu dos Martyres. Eu presto a minha energica adhesão a qualquer resolução, que possa tomar-se com o fim de se dar ao illustre prelado de Vizeu o nome do celebre arcebispo de Braga. Peço apenas uma ligeira modificação, que, sem alterar o sentido, amodernisa mais esse nome do seculo XVI. Em vez de se chamar ao sr. bispo de Vizeu D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, peço que se lhe chame D. Fr. Bartholomeu dos Empregados Publicos.

A benevolencia de um amigo fez com que me viesse parar ha pouco tempo ás mãos um epitaphio, que o sr. bispo de Vizeu parece que mandou compôr para o tumulo que o espera, e que desejamos com toda a sinceridade que o espere por largos annos. D. fr. Bartholomeu dos Empregados Publicos ahi se qualifica de *pauper et modestus*. Modesto é, basta olhar para elle; pobre não duvidamos que o

seja, ainda que o bispado de Vizeu não é talvez o caminho mais curto para a pobresa christã. Em todo o caso acreditamol-o sob palavra, e vemos n'isso mais um ponto de contacto com o prelado bracharense. Nunca tive a honra de jantar com o sr. bispo de Vizeu, mas imagino que a sua mesa não deve ter mais iguarias que a *vacca e o riso*, que fr. Luiz de Sousa exaltou.

Vendo por tudo isto o leitor quanto é sincera a minha veneração pelo sr. bispo de Vizeu, póde imaginar com que enthusiasmo corri a devorar no *Diario das Camaras* o discurso que s. ex.ª pronunciou na camara dos pares. Embrenhei-me audaciosamente por uma floresta de orações incidentes, resignei-me a passar frequentemente sem o verbo da oração principal que o facalhão das economias naturalmente decepára, deixei ficar á porta do discurso os escrupulos grammaticaes, e depois de tudo isso vi primeiro com prazer que estava de accordo em muitos pontos com o illustre prelado, e que s. ex.ª mais uma vez manifestava as altas virtudes evangelicas de que é ornado.

Por exemplo, referindo-se á época do seu ministerio, D. Fr. Bartholomeu dos Empregados Publicos disse o seguinte:

«Desgraçados de nós, se houver outra época semelhante!»

Appoiado, illustre bispo, duzentas mil vezes appoiado!

E mais abaixo:

«Peço a Deus que não venha outra época como a de 1868.»

Uno-me em espirito á vossa prece, reverendo prelado, e peço tambem a Deus com fervor que arrede de nós épocas semelhantes á de mil e oitocentos e

cincoenta e tantos, supponho eu, em que tivemos o *oidium tuckery*, e á de 1868 em que brotou a *reformista vastatrix*.

Os sentimentos evangelicos de D. Fr. Bartholomeu dos Empregados Publicos mostraram-se evidentemente, quando declarou a um tempo que o governo não tinha moralidade, e que elle orador sympathisava muito com o sr. presidente do conselho.

O sr. bispo de Vizeu acha o sr. Fontes immoral, mas gosta d'elle! Sympathia ineffavel dos santos pelos peccadores! Quando D. Fr. Bartholomeu assim fallou, contam os que assistiram ao sermão sobre a lei da reserva que lhe viram uma auréola em torno do barrete phrygio!

Até aqui ia tudo perfeitamente, e o meu enthusiasmo já não conhecia limites, quando de subito esbarrei n'um periodo que me embatucou. É o seguinte:

Falla o illustre bispo n'aquillo a que chama anarchia tributaria, e censura o governo por ter consentido que el-rei viajasse n'essa occasião. E depois continua:

«Eu não aconselharia tal viagem; não porque receiasse que a familia real fosse mal recebida, porque onde ella apparece ha de o ser sempre bem, mas porque não me póde esquecer uma viagem, que ha annos se fez ao Alemtejo, e que foi bem infeliz, escusando renovar os dolorosos transes passados.»

Me mellem se eu entendo, já não digo grammaticalmente, porque lá n'esse ponto dou uma trouxa d'ovos a quem for capaz de ligar a phrase «escusando renovar os doloroses transes passados» com qualquer outro membro do periodo, mas emfim logicamente, se me posso assim exprimir.

A viagem ao Alemtejo é, sem duvida alguma, a que D. Pedro V fez, e de que lhe proveio a morte. Á respeito d'essa morte ha duas versões: uns allegavam que el-rei morrera envenenado, outros que morrera em consequencia de ter apanhado umas febres intermittentes.

Acceitemos por um momento a primeira versão, apesar de ser absurda. O sr. bispo de Vizeu receiava que o sr. D. Luiz fosse envenenado? mas s. ex.ª diz que tinha a certesa que el-rei sempre havia de ser bem recebido! N'esse caso entende s. ex.ª que se recebe bem uma pessoa, quando se lhe offerece um lunch de strychinina, ou um copo d'agua com assucar e arsenico?

Então, em eu lendo nos jornaes a seguinte local:

«O sr. deputado Luiz de Campos foi visitar á sua residencia de Fontello o sr. bispo de Vizeu, que o recebeu excellentemente...»

Deixo cair o periodico, e exclamo, de lagrimas nos olhos:

—Meu pobre amigo Luiz de Campos, estás prompto! A estas horas já tu tens na barriga um copasio de acido prussico!

Vamos agora á segunda versão, á que diz que o sr. D. Pedro V morreu de febres intermittentes.

N'esse caso o sr. bispo de Vizeu entendia que el-rei D. Luiz não devia viajar n'uma occasião em que havia em Portugal anarchia tributaria... por que? Porque tinha medo que elle morresse de sezões. Então a anarchia tributaria desenvolve sezões? D'esta é que ainda se não tinham lembrado os oradores opposicionistas! Então para uma terra sezonatica, em vez de se mandarem medicos, mandam-se d'aqui por diante escrivães de fazenda. As causas das sezões não são os pantanos, são as recebe-

dorias. Lá que as administrações financeiras do paiz fossem responsaveis pelo *deficit*, percebe-se, mas pelos typhos tambem, era o que eu não esperava. O sr. bispo de Vizeu abriu horisontes novos á questão de fazenda. A opposição póde bradar agora:

«O governo não fez o regulamento do real d'agua! Não o fazendo, promoveu a anarchia tributaria! e promovendo a anarchia tributaria, desenvolveu as sezões. Encaremos a falta de regulamento debaixo do ponto de vista da hygiene publica...»

E não lhes digo nada; é caso para se prorogar a camara por mais tres mezes, para recomeçarem todas as questões, tomadas por este novo aspecto.

Ora eu n'este ponto, apesar das minhas primeiras duvidas, continuo a admirar o sr. bispo de Vizeu. Seja qual fôr a interpretação que demos ás palavras de D. Fr. Bartholomeu dos Empregados Publicos, as illações, que d'ellas se tiram, mostram-nos que o sr. bispo de Vizeu encarou a questão dos perigos da viagem d'el-rei debaixo de um ponto de vista essencialmente original. Devo dizer porém que o vulgo, menos predisposto do que eu a favor do prelado viziense, póde entender que o tal periodo do seu discurso é um redondo disparate.

Ha outro ponto para mim mais grave, porque n'esse parece-me que o sr. bispo de Vizeu abusou da confiança da camara. Sua ex.ª disse:

«Pela minha edade, pela minha posição, e por muitas outras circumstancias, tenho obrigação de dizer a verdade e a verdade toda; nem outra coisa me permitte o meu caracter.»

Segue-se que o sr. bispo de Vizeu disse a verdade, a verdade toda:

1.º — Pela sua edade.

2.º — Pela sua posição.

3.º — Por outras muitas circumstancias.

4.º — Porque outra coisa lhe não permitte o seu caracter.

O governador de uma fortaleza accusado por um general de não ter salvado em certa occasião, respondeu: — Eu não salvei por 100 razões: 1.ª porque não tinha polvora.

— Dispenso-o de dizer as outras 99, accudiu o general.

O sr. bispo de Vizeu foi muito mais astuto do que o governador da fortaleza. Em vez de declarar: Eu vou dizer a verdade toda, por quatro razões; 1.ª porque outra coisa me não permitte o meu caracter, o que levaria talvez a camara a bradar unaníme: Dispensamos o digno par de allegar as outras 3, foi exactamente essa razão—a da polvora—a que elle reservou para o fim!

Isto é machiavelico, sr. bispo de Vizeu!

Agora quando eu me indignei deveras foi quando li o seguinte:

«É moda, sr. presidente, nas crises politicas fazer certas profissões de fé politicas, mas eu não as quero fazer, emquanto á nossa independencia, digo que até me enjôa quando oiço fallar n'ella, porque a independencia nacional é um dogma que se não discute.»

Realmente é de lamentar que o sr. bispo de Vizeu tenha a compleição tão fraca, que não possa ouvir fallar na independencia da patria sem ter logo nauseas. Porque emfim a gente, mesmo reconhecendo que a nacionalidade portugueza está acima de toda a discussão, póde fallar na independencia, sem que por isso fiquem enjoados os portuguezes que nos ouvem. Este enjôo, que o sr. bispo de Vizeu sente em ouvir fallar na independencia da pa-

tria, é provavel que lhe ficasse do celebre discurso de Rebello da Silva... Não admira! a eloquencia, n'esse momento tempestuosa, do grande orador, sacudiu tão violentamente o illustre prelado viziense, que por muito menos se apanha um enjôo ahi fóra da barra. Quando ouve fallar em independencia da patria, e principalmente na camara dos pares, o sr. bispo de Vizeu julga escutar de novo a palavra fogosa de Rebello da Silva, recorda-se da tempestade em que naufragou o seu primeiro consulado, e sente de novo o enjôo, esse enjôo que o oceano produz e que a procella desperta.

Eu lamento o sr. bispo de Vizeu. Deve soffrer muito no dia 1.º de dezembro. Então falla-se por toda a parte em independencia da patria, o illustre prelado deve passar o dia em ancias. Já me não admiro, se tendo a honra de procurar o sr. bispo de Vizeu no dia 1.º de dezembro, receber do criado que vier á porta a seguinte resposta: «S. ex.ª não póde fallar, porque está com os seus enjôos.»

Resposta que, como é natural, me causaria aliás o mais legitimo espanto.

Mas ainda aqui não pára.

O sr. bispo de Vizeu enjôa-se de ouvir fallar na independencia da patria. Que estomago de patriota! Esperem lá: Porque é que o sr. bispo de Vizeu se enjôa de ouvir fallar na independencia da patria? Porque essa independencia *é um dogma*. Que estomago de bispo!

E com tudo isso eu tenho o sr. bispo de Vizeu na conta de um varão illustre! S. ex.ª prestou justiça a si mesmo, quando no seu epitaphio resumiu da seguinte fórma a sua carreira politica:

Patriam... libertatem vehementer dilexit.

É a purissima verdade!

Reparo agora que nem todos os meus leitores teem obrigação de saber latim, e para que elles concordem plenamente comigo, torna-se necessario que eu lhes traduza o eloquente e conciso fecho da inscripção funeraria.

Tentemos a empreza.

Dilexit amou, *patriam* a patria, *libertatem* a liberdade, *vehementer* á moda de seiscentos diabos.

Requiescat in pace.

1873.

A ULTIMA SESSÃO NOCTURNA

(LENDA BIBLICO-PARLAMENTAR)

I

O espirito de Deus passou pelo meu espirito, e disse-me: Olha lá! não será mau que tu narres aos vindouros os episodios da sessão nocturna de 7 de abril de 1873.

Para que elles se não apaguem da memoria dos homens, e não fique o futuro ignorando as digressões de Adriano e a parlenda de Moraes.

Porque o Evangelho disse: «Quem tem olhos para vêr, veja; e quem tem ouvidos para ouvir, oiça. E as gerações futuras hão de ter olhos para vêr, e ouvidos para ouvir, e é uma dos demonios se encontrarem apenas no *Diario*: «O illustre deputado não reviu o seu discurso a tempo de ser publicado n'este logar.»

E por isso eu te chamei e escolhi entre os homens para te pregar esta estopada.

Porque Melicio levou-te ao cimo da montanha, e

mostrou-te todas as republicas da terra, e disse-te: Tudo isto será teu, se te quizeres ir embora.

E tu respondeste energicamente: Não! quero ouvir Adriano.

E Melicio tornou: Mas a Adriano segue-se Moraes o Candido, e eu dou-te fóra d'aqui republicas e chá.

E tu respondeste com puro enthusiasmo: Não! quero ouvir Moraes.

E eu conheci no teu gesto e na tua voz a santa exaltação dos martyres, a sêde das torturas, e disse comigo: Tate! Arrumo lhe a massada.

Vae e dize ás nações: Quem tem olhos para vêr, veja, quem tem ouvidos para ouvir, oiça; e logo em seguida impinge-lhes o folhetim.

II

E n'aquelle tempo florescia Barros *and* Cunha, que fallava quinze vezes por dia entre o almoço e o jantar,

E era bispo em Vizeu o radícal Antonio, successor dos apostolos;

O qual Antonio, tendo entrado em S. Bento, fugiu horrorisado com os ares mephiticos d'aquella casa de corrupção, e, seguindo o preceito do Evangelho, sacudiu á porta o pó das suas sandalias.

Oro como as taes sandalias se haviam transformado n'umas botas, que hão de ficar legendarias nos annaes politicos da patria, esta sacudidela austera ia sovertendo Lisboa debaixo da poeira da moralidade.

Ora portanto n'esse tempo em que os reformistas, exilados do poder, choravam as pastas ausen-

tes sobre os canos da companhia das aguas — *super flumina Babylonis;*

Quando os historicos, o povo escolhido, se reuniam na Jerusalem do largo do Carmo, n.º 15, 2.º andar;

Vivia entre o povo d'Israel um homem illustre, que tinha por nome Adriano Machado.

E elle era um rabbino e um doutor da lei, e toda a sabedoria dos filhos dos homens estava encerrada na sua vasta cachimonia;

E essa sabedoria estava ali dentro como n'uma pipa com torneira;

E uma pessoa chegava junto d'elle, e pedia dois decilitros de sabedoria, e levava sempre mais, porque Adriano Machado, em se lhe abrindo a torneira, dava sempre boa medida;

E a Biblia diz de Adriano Machado como de Nemrod: Elle foi um grande massador perante a face do Omnipotente.

III

E um dia Adriano Machado esqueceu-se de fechar a torneira, e tivemos um diluvio de eloquencia;

E nós boiavamos todos nas grandes aguas dentro da arca parlamentar;

E ia Melicio, que era a pomba, saber se já se via terra por entre o aguaceiro da Encyclica, dos telegraphos, dos caminhos de ferro militares, dos corpos de exercito prussianos, e Melicio voltava sempre sem trazer no bico o ramo de oliveira.

E ha de por muito tempo ficar na memoria dos homens aquella sessão legendaria; estavam ermas as galerias, ermas como o deserto do Sahará; fluctuavam na sala as azas pesadas do somno; e a

sentinella dizia ao longe: «Passe palavra», e Adriano Machado não passava a palavra:

Porque elle era, como Nemrod, um grande massador em presença de Jehovah.

E ás duas horas e dez minutos Adriano Machado deitou lyrismo e fallou com ternura no amor da patria e nas cinzas dos seus avós;

Porque é a essa hora tambem que o rouxinol canta na deveza os seus epithalamios, e se desata em flebeis modilhos e em melancholicas endeixas;

E é por noites de abril, noites de luar saudoso e de rescendentes aromas, que o rouxinol, poisado no ramo do arvoredo sombrio, solta a voz apaixonada;

E foi em abril tambem, e a horas mortas da noite, que Adriano Machado se sentiu lyrico de subito, e contou á camara e aos tachygraphos os seus amores com a rosa;

A qual rosa deveis ó leitores saber que é a rosa de Hafiz, ou não sei que outro ratão persano, que narrou os lyricos amores da flôr vermelha com o volatil cantor.

Foi em abril ás duas horas e dez minutos da noite que Adriano Machado se sentiu de subito disposto a enternecer o auditorio ou o dormitorio a proposito do contingente militar;

E chorámos todos, não tanto talvez porque nos commovessem profundamente as cinzas dos avós do sr. Adriano Machado, mas porque estavamos a essas horas sem chá e sem charutos.

E depois d'essa expansão lyrica, Adriano Machado tornou a piar sabedoria, porque elle n'essa noite memoravel foi o rouxinol e o mocho;

O rouxinol que, em noites de abril, em vez de dormir, como qualquer cidadão honrado, modula nos bosques elegias lamartinianas;

E o mocho que é a ave de Minerva, a ave da erudição e que tambem de noite é que pia;

E Adriano Machado mostrou que tinha na garganta todos os passaros nocturnos, e na cabeça o catalogo inteiro da Bibliotheca Nacional;

E a proposito do contingente militar fallou-nos em todas as coisas d'este mundo por ordem alphabetica;

A — Armada invencivel; B — Belgica; C — Cinzas dos seus avôs; D — Deus Nosso Senhor; E — Encyclica e assim successivamente até Z — Zabumba;

E Barros *and* Cunha que se gabava de ser o primeiro massador do globo terraqueo;

Elle que, entrando com heroismo pela senda das digressões, achára modo de fallar em meias de seda a proposito de vinagre, e no orçamento dos Estados-Unidos a proposito de Carrazeda de Anciães;

Attonito perante a subita revelação de Adriano Machado, subiu a correr os degraus do amphitheatro, e, lançando-se aos pés do impavido orador, quando elle, largando a letra S — Suissa, passava para a letra T — Telegraphos militares;

Disse-lhe:

Levantou-se em Israel um propheta como nunca viram as gentes; Jeremias, Ezechiel, Habacuc e eu Barros *and* Cunha não somos dignos de desatar os cordões dos teus sapatos;

E os tachygraphos aterrados julgavam que estava proximo algum cataclysmo immenso, e iam correndo as horas da noite humidas de orvalho, e as galerias estavam ermas como o deserto de Sahará, e a sentinella dizia ao longe: «Passe palavra» e Adriano Machado não passava a palavra;

Porque Adriano Machado era, como Nemrod, um grande massador perante a face do Omnipotente.

IV

E a Adriano Machado, para que se cumprissem as prophecias, seguiu-se Candido de Moraes o Açoriano.

E Machado e Moraes foram n'esta memoravel sessão os dois irmãos Machabeus, ou os dois irmãos Massadores, que é para ficar tudo na letra M;

E estavam ambos na mesma bancada e animavam-se e applaudiam-se, e olhavam um para o outro como os dois augures romanos, mas não se riam;

E Candido foi como a biblica Ruth, a irmã de Noémi (se me enganei, paciencia!) respigar alguma coisa depois da ceifa de Adriano Machado;

Mas Adriano Machado, mais fero que Booz, segára tudo de tal fórma, que só ficou para Candido de Moraes a letra Q — D. Quixote;

E Candido de Moraes fallou no D. Quixote, que não lêra.

E, quando a Aurora com os dedos côr de rosa abriu as portas do Oriente;

E teve quasi um desmaio ao esbarrar com os deputados em sessão;

Quando raiou a manhã formosa e pura, manhã fresca de uma primavera peninsular;

Adriano Machado e Candido de Moraes declararam que não tinham saido do assumpto;

E deixo á vossa phantasia imaginar o que será quando elles sairem do assumpto!

Em verdade vos digo: arrependei-vos dos vossos

peccados, quando não Adriano Machado e Candido de Moraes saem do assumpto;

Vesti-vos de dó, entornae cinza sobre as vossas cabeças, ou os sobreditos oradores saem do assumpto;

E elles são, como o sabeis, segundo a phrase biblica, dois grandes massadores perante a face do Omnipotente.

1873.

INDICE